

UNEMAT

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso

PROFLETRAS

# PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

UNIDADE CÁCERES

MESTRADO



PROFLETRAS

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**  
Av. Santos Dumont – Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem  
Cidade universitária – Bairro DNER – CEP 78.200-000 – Cáceres-MT  
Tel (65) 3224-1307

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Mestrado Profissional em Letras -  
PROFLETRAS**

**CLÁUDIA BARROS DA COSTA SCHUENQUENER**

**A PARÓDIA E O POEMA COMO POSSIBILIDADE DE LEITURA E ESCRITA EM  
SALA DE AULA**

**CÁCERES - MT**

**2018**

**CLÁUDIA BARROS DA COSTA SCHUENQUENER**

**A PARÓDIA E O POEMA COMO POSSIBILIDADE DE LEITURA E ESCRITA EM  
SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. José Leonildo Lima.

**CÁCERES - MT**

**2018**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

S385a SCHUENQUENER, Cláudia Barros da Costa.  
A Paródia e o Poema Como Possibilidade de Leitura e Escrita em Sala de Aula / Cláudia Barros da Costa  
Schuenquener – Cáceres, 2018.  
191 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

Orientador: José Leonildo Lima

1. Língua Portuguesa. 2. Ensino. 3. Intervenção Pedagógica.  
4. Produção Textual. 5. Paródia. I. Cláudia Barros da Costa Schuenquener. II. A Paródia e o Poema Como Possibilidade de Leitura e Escrita em Sala de Aula: .

CDU 81'27

CLÁUDIA BARROS DA COSTA SCHUENQUENER

A PARÓDIA E O POEMA COMO POSSIBILIDADE DE LEITURA E ESCRITA  
EM SALA DE AULA

BANCA EXAMINADORA

  
Dr. José Leonildo Lima (UNEMAT)  
ORIENTADOR

  
Dra. Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa (UNEMAT)  
AVALIADORA

  
Dr. Elias Alves de Andrade (UFMT)  
AVALIADOR

Dra. Marta Helena Cocco (UNEMAT)  
SUPLENTE

APROVADO EM 09/02/2018

Dedico estas páginas ao meu esposo Natanael e à minha filha Laís, que compreenderam as minhas ausências, as minhas lágrimas e as minhas alegrias em cada fase desta caminhada e foram meus interlocutores neste percurso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por restaurar todos os dias o meu ânimo e as minhas forças.

À minha mãe que, mesmo me deixando tão cedo, me ensinou a não desistir dos meus sonhos e a sempre acreditar em mim.

Ao meu esposo, Natanael, por me incentivar e assumir a casa e a filha durante as minhas muitas viagens.

À minha filha, Laís, por aceitar e compreender as minhas ausências, pelo apoio e pelo incentivo nos momentos difíceis.

Ao professor Dr. José Leonildo Lima, por compartilhar seus conhecimentos durante a disciplina `Fonologia, Variação e Ensino pelo compromisso e pelas contribuições no período de orientação.

Ao professor Dr. Elias Alves de Andrade, por aceitar compor as bancas de qualificação e de defesa do nosso trabalho e por suas preciosas e oportunas contribuições.

À professora Dra. Maristela Cury Sarian que, durante a disciplina de `Elaboração de projetos e tecnologias e profissionalismo e carinho com a turma, pelas excelentes contribuições quando da minha qualificação e pelas orientações durante todas as etapas do curso.

À professora Dra. Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa, pelo profissionalismo e sensibilidade com que ministrou a disciplina `Alfabetização e Letramento\_ e pelas honrosas contribuições durante a minha banca de qualificação.

À professora Dra. Sílvia Regina Nunes, pela maestria, desenvoltura e vivacidade com que nos apresentou a disciplina `Texto e Ensino\_.

À professora Dra. Nilce Maria da Silva que, com simplicidade e muita competência, compartilhou conosco os seus conhecimentos, durante a disciplina de `Gramática, Variação e Ensino\_.

À professora e coordenadora do Profletras, Dra. Vera Regina Martins e Silva que, ao ministrar a disciplina de `Metacognição da Leitura e da Escrita\_ demonstrou toda sensibilidade com os nossos alunos, especialmente aqueles que necessitam de atendimento especial.

À professora Dra. Elizete Dall'Aglio, com sua voz suave e nos fez apreciar a literatura infantil e juvenil, despertando-nos para o mundo dos sonhos e da subjetividade.

À professora Dra. Gleide Amaral dos Santos que, ao ministrar a disciplina `Práticas de Oralidade e Escrita', a da s suas vivências e seus conhecimentos.

À professora Dra. Olga Maria Castrillon Mendes, por nos encantar com a leitura do texto literário e nos proporcionar experiências únicas durante as participações especiais que trouxe às aulas, pelos passeios que fizemos e pelos presentes do seu acervo pessoal: livros.

À professora Dra. Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida, pela sensibilidade, pela dedicação e pelo empenho durante a disciplina `Ensino da Escrita, Didatização e Avaliação', pelas magníficas contribuições no momento de reflexão dos projetos e por participar conosco de um dos momentos mais marcantes durante o mestrado: a despedida da nossa amiga Ângela.

À minha amiga Lídia, pela parceria nas nossas longas viagens, pela escuta e pelo apoio logístico. Com você tudo ficou mais fácil. Muito obrigada, minha amiga, irmã.

À minha amiga Keila, parceira das longas viagens, obrigada pelas palavras doces em momentos difíceis e pelo seu jeito carinhoso e amoroso de ser.

À minha amiga Simone, pelas constantes conversas, pelo apoio e pelas boas risadas.

À minha amiga Edisângela, pela gentileza e por sempre ter uma palavra edificante.

À minha amiga Lucilene, pelos conselhos e dicas.

À minha amiga Clara, pelo apoio e empréstimos de livros.

À minha amiga e irmã Jacqueline, por dividir comigo as angústias e alegrias durante as orientações, pelo apoio e incentivo.

À minha amiga Ana Paula, pela alegria de viver e pelas muitas experiências que compartilhou.

À minha amiga Edineia, nossa anfitriã, pelo carinho e disponibilidade de sempre.

À minha amiga Maria José, pela força e encorajamento nos momentos em que tudo parecia intransponível.

À minha amiga Maria Voltoline, que me ensinou que devemos ser perseverantes em todas as situações.

À minha amiga Débora, pelo apoio e amizade.

À minha amiga Pollyana, pelas palavras suaves e delicadas.

À minha amiga Seuline, que me mostrou que sempre devemos ser fortes e otimistas.

À minha amiga Marta, pelas conversas, pelo empréstimo de livros e por me ensinar que devemos sempre ser gratos.

Ao meu amigo Waldiney, nosso cronista, obrigada pelo carinho e cuidado com todas nós.

À minha amiga Ângela, que desde o primeiro encontro abriu as portas da sua casa para nossos almoços na ida e na volta de Cáceres e, mesmo nos momentos de dor, sempre tinha uma palavra de incentivo e otimismo. Minha tristeza é imensa, por você não estar entre nós, mas minha gratidão será eterna, pela amizade que construímos e pelo amor que você sempre demonstrou por tudo que fez. Hoje, esta vitória também é sua! Seremos sempre os 18 que ingressamos no mestrado. Descanse em paz!

Às colegas de trabalho e amigas Ms. Cleusinete D. F. Filgueira, Ms. Viviane C. Rosa e mestrandas Daniela de Paula Ferreira, pela confirmação das sábias palavras de Raul Seixas, que dizem: *“Sonho que se sonha só / Mas sonho que se sonha junto, estamos hoje, da vida vivendo a realização deste mestrado. Obrigada!*

À Secretaria do Profletras, representada por Michael e Brenda.

Aos alunos do nono ano, turma D, da Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, pelo empenho e dedicação durante o desenvolvimento do projeto. Sem vocês, este trabalho não existiria.

À gestão e às equipes técnica e pedagógica da Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, por compreenderem a importância do nosso trabalho e colaborarem para que pudéssemos desenvolvê-lo da melhor forma possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida.

À Secretaria de Estado de Educação (Seduc).

Ainda que eu falasse a língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria

É só o amor, é só o amor  
Que conhece o que é verdade  
O amor é bom, não quer o mal  
Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver  
É ferida que dói e não se sente  
É um contentamento descontente  
É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse a língua dos  
homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer  
É solitário andar por entre a gente  
É um não contentar-se de contente  
É cuidar que se ganha em se perder

É um estar-se preso por vontade  
É servir a quem vence, o vencedor  
É um ter com quem nos mata a lealdade  
Tão contrário a si é o mesmo amor

Estou acordado e todos dormem  
Todos dormem, todos dormem  
Agora vejo em parte  
Mas então veremos face a face

É só o amor, é só o amor  
Que conhece o que é verdade

Ainda que eu falasse a língua dos  
homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria

(Renato Russo, Monte Castelo)

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor,  
sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

(I Coríntios, 13.1)

## RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional em Letras - Profletras, que teve como objetivo o desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógica em Língua Portuguesa, desenvolvido no período de abril a agosto do ano de 2017, na Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, na cidade de Paranatinga - MT, com alunos do nono ano do Ensino Fundamental. Está inscrito sob a perspectiva da Linguística Textual, especialmente nos estudos difundidos por Antunes, Koch, Geraldi e Marcuschi, por tomar a linguagem em sua dimensão interacional, que se dá por meio de textos, e da Sociolinguística Variacionista, representada por William Labov e por estudos feitos por Alkmim, Camacho e Bortoni-Ricardo, por considerar as variedades linguísticas e o caráter heterogêneo da língua. Teve por objetivo desenvolver as competências linguísticas e discursivas dos alunos, por meio da produção de paródias e de poemas como espaço que possibilitassem a leitura e a escrita, com base nas questões da cidade vivenciadas por eles em sua comunidade e nas temáticas por eles definidas. Neste trabalho, explorou-se os princípios de construção textual de sentido, especialmente os critérios de coesão e coerência, por sua pertinência comunicativa e interacional, bem como as noções da intertextualidade constitutiva de qualquer atividade de linguagem. Valendo-nos de uma metodologia de trabalho em equipes, oportunizou-se discutir sobre questões sociais e as temáticas selecionadas, realizar atividades de entrevista, ler e escrever textos, assistir a vídeos, participar de situações reais de utilização da linguagem nas modalidades oral e escrita. Como resultado, constatou-se que é possível desenvolver um trabalho significativo com a Língua Portuguesa, no qual o professor torne-se interlocutor de seus alunos. Também se percebeu uma considerável melhora na leitura e na escrita dos alunos, assim como em sua participação mais ativa nas discussões e na realização das atividades propostas. Para dar visibilidade e circulação às produções dos alunos - paródias e poemas - organizou-se um livro em versão digital e impressa que se tornou público.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa. Ensino. Intervenção Pedagógica. Produção Textual. Paródia.

## ABSTRACT

The present work is the result of a Master's research of the Postgraduate Program, Professional Master's in Letters - PROFLETRAS, whose objective was the development of a project of a pedagogical intervention in Portuguese Language, developed in the period from April to August of 2017, in Apolônio Bouret de Melo State School, in the city of Paranatinga - MT, with students from the ninth grade of Elementary School. Inscribed from the perspective of Textual Linguistics, especially in the studies spread by Antunes, Koch, Geraldi and Marcuschi, for taking the language in its interactional dimension, which occurs through texts. Also of the Variationist Sociolinguistics represented by William Labov and for studies done by Alkmim, Camacho and Bortoni-Ricardo, to consider the linguistic varieties and the heterogeneous nature of the language. The purpose was to develop the students' linguistic and discursive skills, through the production of parodies and poems as a space that allowed reading and writing, based on the city's issues experienced by them in their community and the thematic defined by the students. In this work, we explored the principles of textual construction of meaning, especially the criteria of cohesion and coherence for their communicative and interactional pertinence as well as the notions of intertextuality constitutive of any language activity. Based on a methodology of work in teams, it was opportune to research and to discuss about social issues and about the selected thematic, to carry out interview activities, to read and write texts, to watch video clips, to participate in real situations of language use, in its oral and written modalities. As the result, it was verified that it is possible to develop a meaningful work with the Portuguese language, so that the teacher becomes the interlocutor of his students. In addition, there was a considerable improvement in students' reading and writing, as well as a more active participation in the discussions and carrying out the proposed activities. To give visibility and circulation to the students' productions - parodies and poems - a book was organized in digital and printed version that became public.

**Keywords:** Portuguese Language. Teaching. Pedagogical intervention. Text production. Parody.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Ciclo de Formação Humana no estado de Mato Grosso.....	24
Figura 1 - Releitura a`Mami da dLoi da obra original.....	50
Figura 2 - Recorte do primeiro texto do aluno A.....	63
Figura 3 - Recorte do primeiro texto do aluno B.....	64
Figura 4 - Recorte do primeiro texto do aluno C.....	64
Figura 5 - Recorte do primeiro texto do aluno D.....	65
Figura 6 - Recorte do primeiro texto do aluno D.....	66
Figura 7 - Recorte do primeiro texto do aluno D.....	66
Figura 8 - Temática 1 - Preservação da natureza.....	71
Figura 9 - Temática 2 - Discriminação e preconceito.....	72
Figura 10 - Temática 3 - <i>Bullying</i> .....	72
Figura 11 - Temática 4 - Valorização da escola.....	73
Figura 12 - Temática 5 - Conflitos.....	73
Figura 13 - Temática 6 - Racismo.....	83
Figura 14 - Temática 7 - Drogas.....	83
Figura 15 - Temática 8 - Depressão.....	84
Figura 16 - Temática 9 - Violência.....	84
Figura 17 - Temática 10 - Indisciplina na escola.....	85
Figura 18 - Recorte de atividade extraclasse relato de notícia.....	92
Figura 19 - Recorte de atividade extraclasse relato de notícia.....	93
Figura 20 - Recorte de atividade extraclasse entrevista.....	94
Figura 21 - Recorte de atividade extraclasse entrevista.....	94
Figura 22 - Recorte de atividade extraclasse entrevista.....	95
Figura 23 - Recorte de atividade extraclasse entrevista.....	95
Figura 24 - Poema de aluno sobre racismo.....	110
Figura 25 - Poema de aluno sobre racismo.....	111
Figura 26 - Poema de aluno sobre valorização da escola.....	112
Figura 27 - Poema de aluno sobre a cidade.....	113
Figura 28 - Poema de aluno sobre <i>bullying</i> .....	114
Figura 29 - Poema de aluno sobre violência.....	115
Figura 30 - Paródia de aluno sobre drogas.....	116
Figura 31 - Trecho de resposta de aluno às questões norteadoras das discussões.....	124

Figura 32 - Trecho de resposta de aluno às questões norteadoras das discussões.....	124
Figura 33 - Trecho de resposta de aluno às questões norteadoras das discussões.....	125
Figura 34 - Recorte de texto de aluno .....	125
Figura 35 - Recorte de texto de aluno .....	126
Figura 36 - Recorte de texto de aluno .....	126
Figura 37 - Recorte de texto de aluno .....	126
Figura 38 - Recorte de pergunta elaborada por aluno.....	127
Figura 39 - Recorte de texto de aluno .....	127
Figura 40 - Recorte de texto de aluno .....	128
Figura 41 - Recorte de texto de aluno .....	128
Figura 42 - Trecho da entrevista realizada pelo aluno.....	128
Figura 43 - Trecho da entrevista realizado pelo aluno.....	129
Figura 44 - Recorte de texto de aluno .....	129

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- A** - Avançado
- AB** - Abaixo do Básico
- AEE** - Atendimento Educacional Especializado
- B** - Básico
- CBA** - Ciclo Básico de Aprendizagem
- CEE** - Conselho Estadual de Educação
- CDCE** - Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar
- EJA** - Educação de Jovens e Adultos
- ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio
- FICAI** - Ficha de Comunicação do Aluno Infrequente/Indisciplinado/Infrator
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IBOPE** - Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística
- IDEB** - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- IFMT** - Instituto Federal de Mato Grosso
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases
- LT** - Linguística Textual
- MPB** - Música Popular Brasileira
- OC** - Orientações Curriculares
- P** - Proficiente
- PCN** - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PPAP** - Progressão com Plano de Apoio Pedagógico
- PPP** - Projeto Político Pedagógico
- PS** - Progressão Simples
- Seduc** - Secretaria de Estado de Educação
- SBT** - Sistema Brasileiro de Televisão

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 O ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA</b> .....	19
1.1 BREVE HISTÓRIA DA CIDADE .....	19
1.2 A ESCOLA ESTADUAL APOLÔNIO BOURET DE MELO .....	20
1.2.1 O ciclo de formação humana: apontamentos .....	23
1.2.2 O projeto político-pedagógico e sua organização .....	25
1.3 A DEFINIÇÃO DA TURMA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA ....	28
<b>2 ELABORAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: DA INQUIETAÇÃO MOTIVADORA À PRODUÇÃO FINAL</b> .....	29
2.1 PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO NA SALA DE AULA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	29
2.2 A PROPOSTA INICIAL E SUAS NUANCES .....	32
2.3 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E O TRABALHO COM O TEXTO .....	35
2.4 A SOCIOLINGUÍSTICA E O CONTEXTO DA SALA DE AULA.....	40
<b>3 O DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA: A TRANSPOSIÇÃO DA TEORIA PARA A PRÁTICA DE ENSINO</b> .....	44
3.1 A APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA A DOCENTES E EQUIPE GESTORA ...	44
3.2 O COMEÇO DA INTERAÇÃO COM A TURMA .....	45
3.3 AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA .....	47
3.3.1 O primeiro texto: história de leitura.....	47
3.3.2 Participação na aula de Ciências: estreitando os vínculos.....	53
3.3.3 A exibição de vídeos e a produção da primeira paródia.....	54
3.3.4 A criação do grupo de WhatsApp.....	61
3.3.5 Levantamento de questões apontadas na história de leitura dos alunos .....	62
3.3.6 Roda de conversa: refletindo sobre a escrita .....	67
3.3.7 Atividade extraclasse: assistindo e ouvindo as notícias da cidade.....	69
3.3.8 A formação das equipes e a distribuição das temáticas.....	70
3.3.9 A interação nas e das equipes: a socialização das primeiras temáticas e a visita à Biblioteca Municipal.....	76

3.3.10 A interação nas e das equipes: distribuição das novas temáticas e socialização .....	79
3.3.11 Finalização das discussões .....	87
3.3.12 O trabalho com uma temática de campanha municipal: desdobramentos .....	89
3.3.13 Roda de conversa: discussão sobre as atividades extraclasse .....	92
3.3.14 Preparativos para a visita à Câmara Municipal .....	96
3.3.15 A retomada do processo de escrita das paródias .....	99
3.3.16 Roda de conversa com vereadores: tentativa frustrada .....	102
3.3.16.1 Roda de conversa com vereadores: tentativa bem-sucedida .....	102
3.3.17 Oficina de produção de paródias: um desdobramento para o poema e o <i>rap</i> .....	105
3.3.17.1 As atividades de produção: poemas temáticos .....	109
3.3.18 Preparativos para um evento: participação de um grupo de <i>rap</i> .....	118
3.3.18.1 A participação do grupo de <i>rap</i> .....	119
3.3.19 Refletindo sobre a escrita: encaminhamentos finais .....	122
3.3.20 Divulgação das produções dos alunos e do produto final .....	131
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	133
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	139
ANEXO A - PLANO DE ENSINO .....	145
ANEXO B - REGISTRO DE ALGUMAS ETAPAS DA INTERVENÇÃO .....	149
ANEXO C - VISITA DOS ALUNOS À CÂMARA MUNICIPAL, DIVULGADA EM <i>SITE</i> DE NOTÍCIAS DA CIDADE .....	154
ANEXO D - DOCUMENTO ENTREGUE AOS VEREADORES .....	158
ANEXO E - CONFECÇÃO DE CARTAZES .....	160
ANEXO F - MÚSICAS TRABALHADAS .....	161
ANEXO G - FÔLDER DO EVENTO COM O GRUPO DE <i>RAP</i> .....	169
ANEXO H - FOTOS DA PARTICIPAÇÃO DA BANCA FAMÍLIA DA FÉ - FDF .....	170
ANEXO I - PRODUÇÃO DE PARÓDIAS E POEMAS PELOS ALUNOS .....	173

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação se desenvolve apoiada em uma proposta de intervenção teórico-metodológica, que surgiu com base em nossas reflexões e inquietações quanto ao ensino da leitura e da escrita em sala de aula.

Nossa experiência na docência, há dezoito anos em uma mesma escola pública de educação básica, atuando no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, com aulas de Língua Portuguesa, era insuficiente para dar conta de tantas indagações que surgiam a cada novo ano e a cada nova turma que assumíamos como, por exemplo, por que os alunos apresentam tanta dificuldade em leitura e escrita? Por que sentem tanta aversão as atividades escolares? Por que a escola não os atrai? Como tornar o ensino de Língua Portuguesa mais envolvente? Essas dentre outras questões, provocaram-nos a buscar outros caminhos, outras possibilidades para a nossa atuação. Víamos que era preciso repensar nosso modo de ensinar, a fim de transpor os limites da sala de aula e fazer com que os alunos percebessem que a leitura e a escrita têm uma função social e que a escola é o espaço legitimado de acesso as competências fundamentais, para que eles, lendo e escrevendo competentemente, participem ativa e criticamente das questões sociais que os cercam e atuem na sociedade em que vivem.

Nessa perspectiva, encontramos no Mestrado Profissional em Letras - Profletras, a possibilidade de estudar as teorias linguísticas e desenvolvê-las em sala de aula. Com base numa pesquisa-ação, produzimos informações, conhecimentos e adquirimos experiências, sobre as questões abordadas. Partimos de uma situação concreta e buscamos intervir, no afã de encontrar soluções, ainda que parciais.

Nesse sentido, desenvolvemos o projeto interventivo, que ocorreu de abril a agosto de 2017, com uma turma de nono ano, com alunos entre 14 e 15 anos, na Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, situada no centro da cidade de Paranatinga - MT, intitulado "A parÆdia e o poema escrita em sala de aula - entrada e desenvolvej as competências linguísticas e discursivas dos alunos, além de desenvolver atividades de prática de leitura e escrita por meio da pesquisa, seleção de informações, reflexões, discussões e posicionamento crítico. Dessa forma, buscamos ressignificar o espaço da sala de aula e contribuir para a produção de leitura, escrita, reescrita e

circulação dos textos dos alunos, valendo-nos das questões da cidade vivenciada por eles em suas comunidades. Para isso, procuramos compreender quais são as competências que devem ser desenvolvidas, no intuito de promover uma aprendizagem mais efetiva dos alunos e, assim, dar-lhes melhores condições de atuação em seu meio social.

Desta maneira, acreditávamos que oferecer aos alunos a oportunidade de discutir as questões da sua cidade, do seu bairro, da sua escola, ultrapassaria a artificialidade e a mera abordagem dos conteúdos, pois ofereceríamos a eles a possibilidade de uso da linguagem em contextos autênticos de interação. Isso traria um novo sentido para o estudo da língua, visto que partiríamos de situações do cotidiano. Ademais, os alunos precisavam melhorar o desempenho em leitura e escrita, que são práticas fundamentais, meio de interação entre as pessoas, via de acesso ao conhecimento, e tão exigidas pela sociedade contemporânea em práticas sociais diversas. Assim, proporcionaríamos a eles a participação efetiva em contextos reais de uso da linguagem nas modalidades oral e escrita.

Ao longo das etapas do projeto, desenvolvemos diversas atividades, que envolveram os alunos com diferentes materiais. Com base numa metodologia de trabalho em equipes, eles puderam discutir as temáticas definidas por eles mesmos, em sua história de leitura, realizar pesquisas em *sites* sobre os temas em questão, assistir a vídeos, ler e ouvir diversas músicas, entrevistar moradores dos bairros e discutir em roda de conversa, o que possibilitou suscitar neles uma atitude de engajamento e posicionamento crítico diante das questões que vivenciam. Por fim, produziram textos, paródias e poemas baseados nas temáticas debatidas em sala.

Para subsidiar a nossa prática nos apoiamos na perspectiva da Linguística Textual (doravante, LT), tal como a tratam Antunes, Koch, Geraldi e Marcuschi, por tomarmos a linguagem em sua dimensão interacional, que se dá por meio de textos. Por certo, usar a linguagem é uma maneira de desempenhar papéis sociais e de interagir com os outros. Valemo-nos também da Sociolinguística Variacionista, representada por William Labov e por estudos realizados por Alkmim, Camacho e Bortoni-Ricardo, considerando as variedades linguísticas e o caráter heterogêneo da língua.

Neste trabalho, exploramos os princípios de construção textual de sentido, especialmente os critérios de coesão e coerência, por sua pertinência comunicativa e interacional, bem como as noções de intertextualidade, constitutiva de qualquer

atividade de linguagem. Abordamos a prática da escrita por meio do gênero, pois em todas as situações de comunicação diária usamos textos que se materializam em gêneros textuais.

Dessa forma, o trabalho com a paródia ou o poema constituiu-se num meio de chamar a atenção dos alunos para alguma questão social. Assim, puderam compreender que existem diversas possibilidades de uso da língua e, além disso, de acordo com as situações vivenciadas e os objetivos pretendidos, podem optar por uma ou outra forma de dizer. Ademais, o domínio dessas formas os tornou usuários competentes da língua.

Com o propósito de melhor demonstrar o desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica, apresentamos a seguir o modo como se organiza esta dissertação.

No primeiro capítulo, intitulado ` O e s p tecemos considerações sobre a história da cidade de Paranatinga e sobre a escola onde se efetivou a nossa proposta. Fizemos alguns apontamentos sobre o Ciclo de Formação Humana e o modo como se estrutura o Projeto Político-Pedagógico (PPP), documento norteador de todas as práticas desenvolvidas na escola. (Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, 2017). Explicamos, ainda, os motivos da definição da turma em que se desenvolveu nossa proposta.

Quanto ao segundo capítulo, intitulad i n t e r v e n ¨ o : d a i n q u i e t a ¨ o ¨ p r o d u ¨ o f i inquietações no tocante ao trabalho com a leitura e a produção de texto na escola. Abordamos a proposta inicial e suas nuances. Apresentamos os subsídios teóricos que deram suporte a nossa prática e provocaram em nós uma profunda reflexão e mudança de postura diante das práticas adotadas anteriormente.

No que diz respeito ao terceiro cap ¨ t u l t r a n s p o s i ¨ o d a t e o r i a p a r a a p r ¨ t i c a d e e quais descrevemos, detalhadamente, as etapas de desenvolvimento da proposta, desde a apresentação e seus desdobramentos até o produto final, um livro em versão digital e impressa, realizado para dar visibilidade às paródias e poemas dos alunos. Ainda nesse capítulo, comentamos alguns textos produzidos por eles, assim como apontamos os procedimentos metodológicos adotados durante o percurso.

Por fim, nas considerações finais, fazemos algumas observações sobre o desenvolvimento deste trabalho, com a finalidade de verificar se os objetivos

pretendidos foram alcançados, ao mesmo tempo em que emerge uma avaliação do processo, no tocante ao desenvolvimento da turma e à nossa postura ao longo das atividades do projeto, a fim de identificarmos possíveis falhas e vislumbrarmos possibilidades de adequação em trabalhos futuros.

## 1 O ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Abriremos este capítulo com uma breve apresentação do município de Paranatinga. Em seguida, discorreremos sobre a constituição da Escola Apolônio Bouret de Melo e sua importância para a comunidade. Também abordaremos sobre o Ciclo de Formação Humana e o modo como está organizado, apresentaremos o PPP da escola e finalizaremos expondo as razões para a definição da turma para o desenvolvimento da proposta interventiva.

### 1.1 BREVE HISTÓRIA DA CIDADE

A cidade de Paranatinga, localizada no sudeste do estado de Mato Grosso, distante 387 km da capital, Cuiabá.<sup>1</sup> Seu início data de 1963, a partir da descoberta de diamantes na região pelo fazendeiro Abraão Bezerra. Segundo Cleumisse M. Barbosa Bezerra (2009, p. 22) "a notícia correu e garantiu a apareceram em busca de Assina, os primeiros fundaram uma corrutela na cabeceira do rio, enquanto outra se formou alguns quilômetros abaixo, denominados Corrutela de Cima e Corrutela de Baixo". (PEDÓ, 2009, p. 20). A primeira, na estrada que dava acesso a Chapada dos Guimarães, e a segunda, mais à cabeceira do rio.

Em 29 de junho de 1964, Paranatinga foi fundada oficialmente onde se localizava a Corrutela de Baixo, com o apoio de Apolônio Bouret de Melo, que, segundo Pedó (2009, p. 23), era "um importante comprador e prefeito de Chapada dos Guimarães, município em que a cidade recebeu o nome do rio Paranatinga que, segundo Ferreira (1998, p. 551), origina-se do Tupi e significa "rio grande de c". A emancipação política de Paranatinga foi finalmente instituída pela Lei Estadual nº 4.155, de 17 de dezembro de 1979, e a cidade foi então desmembrada do município de Chapada dos Guimarães. Essas datas importantes para o município - 29 de junho e 17 de dezembro - são comemoradas com festas, desfiles, inauguração de obras e *shows*, e são feriados municipais.

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://rotamapas.com.br/distancia-entre-paranatinga-e-cuiaba>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

Segundo relatos de moradores mais antigos, o tempo do garimpo em Paranatinga foi marcado por muita violência e morte, ficando o município conhecido como ` P a r a n a b a l a \_ .

Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2017), Paranatinga tem uma população estimada em 21.612 habitantes. Sua extensão territorial é de 24.166,077 km<sup>2</sup> e sua economia é composta por pecuária, agricultura, indústria, comércio e extração mineral. Além disso, a cidade tem um grande potencial turístico, com rios e cachoeiras de águas cristalinas, que começa a ser explorado.

A população é formada pelos povos indígenas Bakairi e Xavante e por famílias de várias cidades do estado e de outros estados, o que influencia a linguagem, a cultura e os costumes locais. As terras dos dois povos indígenas são demarcadas e contam com escolas municipais e estaduais nas aldeias; porém alguns indígenas se deslocam para cidade e frequentam as escolas urbanas, segundo eles, no intuito de aprenderem a Língua Portuguesa. Podemos observar um intenso fluxo migratório das famílias e, mais recentemente, com a abertura de frentes de trabalho na pavimentação asfáltica das estradas e com a passagem do linhão por Paranatinga (linha de transmissão que integrará hidrelétricas do Teles Pires), esse fluxo aumentou sobremaneira, composto especialmente de homens vindos do estado do Maranhão e da República do Haiti.

Em Paranatinga, há duas rádios FM (87,9 e 105,5), dois *sites* de internet (Paranatinga News e Portal Paranatinga). Recentemente, o canal de televisão afiliado ao SBT encerrou suas atividades. Esses são os meios de comunicação locais de que dispomos para saber as notícias da cidade.

Lamentavelmente, o crescente uso de drogas tem gerado muita violência na cidade, fazendo ressurgir aquela fama do imaginário das pessoas de `Paranabala\_ e afastando os nossos jovens da escola.

## 1.2 A ESCOLA ESTADUAL APOLÔNIO BOURET DE MELO

Com o surgimento da cidade e o aumento da população, tornou-se imprescindível a criação de uma escola para atender à comunidade. Assim, em 1964, abriu-se a primeira escola. Segundo Pedó (2009, p. 128), ` o s b a n c o s e r e f e i t o s de tábuas pregadas nas extremidades em tocos de m a d e i r a f i n c a d o s

No entanto, a necessidade e o desejo da comunidade de frequentar uma escola superava toda essa precariedade. Enfim, o funcionamento da instituição escolar Apolônio Bouret de Melo foi aprovado pelo Decreto nº 878/64, de 5 de fevereiro de 1964, conforme o Diário Oficial do Estado de Mato Grosso de 10 de fevereiro de 1964.

Com o decorrer do tempo, percebeu-se a necessidade de ampliar a escola para atender a toda demanda que crescia. Após muitas tentativas, com apoio do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE) e lideranças políticas, conseguiu-se do governo do estado, em 2004, uma reforma e ampliação da escola. Até 2012, ela ofertava da alfabetização ao terceiro ano do Ensino Médio, porém, com o reordenamento da rede pública, ou seja, a organização dos alunos por etapas/modalidades de ensino em uma única unidade escolar, foi gradativamente deixando de atender ao primeiro e segundo ciclos. Atualmente, atende aos alunos do oitavo e do nono anos do terceiro ciclo, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) (ensino fundamental e médio).

Hoje, com 53 anos de atendimento à comunidade, a escola tem 16 salas de aula climatizadas e Laboratório de Informática com 29 computadores, embora nem todos funcionem e a conexão com a internet não seja boa. Dispõe de Laboratório de Ciências e Laboratório de Aprendizagem, que, segundo o Orientativo Pedagógico (MATO GROSSO, 2017 p. 35), ` v i s a a proposta do Ciclo de Formação Humana, contribuindo para o avanço no processo de aprendizagem dos e s t u d a n t e s . Nesse espaço de aprendizagem, são atendidos, pelo professor articulador, os alunos que apresentam dificuldades em Língua Portuguesa e Matemática, preferencialmente no contraturno. São desenvolvidas atividades diferenciadas, com o apoio das tecnologias, em uma atuação mais específica às necessidades de cada aluno, em espaço lúdico, a fim de potencializar a aprendizagem do educando.

A escola conta também com uma biblioteca que, mesmo com pouco espaço, possui um bom acervo. A escola tem, ainda, quadra coberta, refeitório e sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), onde alunos com alguma necessidade especial são atendidos no contraturno. Atualmente, o AEE tem 24 alunos frequentes e duas professoras para atendê-los. O espaço externo da escola é amplo, arborizado e tem uma academia ao ar livre, implantada no intuito de incentivar a prática de exercícios físicos por profissionais e estudantes.

Neste ano letivo, estão matriculados na escola 1.247 alunos, distribuídos em 41 turmas. Trabalham nela 31 professores efetivos, 124 professores contratados, 11 técnicos e 23 funcionários de apoio administrativo. A escola atende, ainda, 15 salas anexas nos assentamentos de Colorado, Boa Vista, Santiago do Norte e Pontal do Piranha.

A instituição atende alunos de todas as classes sociais que residem no centro da cidade, nos bairros, nas chácaras e fazendas próximas. Recebe alunos de outras escolas estaduais e municipais. É a maior escola estadual do município, situada no centro da cidade, em frente à Praça Central, e funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno. Os alunos, tanto da cidade quanto da zona rural, usam o transporte público escolar.

Para melhorar o atendimento, a gestão escolar optou por ofertar no período matutino somente o Ensino Médio; no período vespertino, o Ciclo de Formação Humana, a EJA (fundamental) e o Ensino Médio; e, no período noturno, a EJA (médio) e o Ensino Médio regular. Neste ano de 2017, houve uma redução considerável de alunos matriculados no ensino noturno. Recentemente, a escola recebeu a indicação de ofertar o Ensino Médio em tempo integral a partir do próximo ano letivo. Isso tem gerado muita apreensão e expectativa na comunidade escolar, pois a escola deixará de atender os alunos do Ensino Fundamental e grande parte dos alunos do Ensino Médio trabalha para complementar a renda familiar.

A escola surgiu e foi crescendo junto com o município. Por isso, costuma-se dizer que todo estudante de Paranatinga já foi ou será aluno dessa escola. Muitos profissionais da cidade – médicos, engenheiros, contadores, administradores, professores, enfermeiros, empresários – são egressos da Escola Apolônio Bouret de Melo, a única escola pública do município que oferece o Ensino Médio. Além de ser considerada uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho, também é referência para as empresas locais, que recorrem a ela para auxiliá-las na seleção de pessoal para contratação e em busca de jovens para empregar na condição de menores aprendizes, em atendimento à Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000.

### 1.2.1 O Ciclo de Formação Humana: apontamentos

O ensino público do estado de Mato Grosso, após a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei nº 9.394/96, passou por uma reorganização, em especial no Ensino Fundamental, visando reduzir os índices de evasão e reprovação escolar.

A LDB, em seu artigo 23, diz:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudo, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que a aprendizagem assim o recomendar.

Com isso, em 1998, houve uma reestruturação do Ensino Fundamental, com a proposta de implantação do Ciclo Básico de Aprendizagem (CBA) para o ciclo de alfabetização. Já em 1999, com a necessidade de garantir aos alunos concluintes do CBA o término do Ensino Fundamental no mesmo ritmo, a Secretaria de Estado de Educação (Seduc) propôs a implantação do Ciclo de Formação Humana de forma gradativa até a extinção do sistema seriado.

Na época da implantação do ciclo, isso foi uma estratégia para eliminar a evasão e a repetência, mas para propiciar a qualidade na educação. (MATO GROSSO, 2000, p. 15), uma observava a idade cronológica dos alunos e permitia que as turmas fossem compostas por alunos de diversas idades, o que gerava muitos conflitos em virtude dos interesses de cada faixa etária. No Ciclo de Formação Humana, a organização das turmas por idade é respeitada, o que proporciona uma convivência mais harmoniosa e produtiva entre os pares.

A partir da implantação do ciclo, Mato Grosso ampliou para nove anos a oferta do Ensino Fundamental, com ingresso aos seis anos de idade, com o desafio de reduzir os índices de evasão e repetência e tornar a escola um ambiente adequado à aprendizagem, considerando a idade cronológica dos alunos e valorizando-os como sujeitos sociais, culturais e históricos.

O Ensino Fundamental está organizado conforme o quadro a seguir, considerando os ciclos de desenvolvimento:

Quadro 1 – Ciclo de Formação Humana no estado de Mato Grosso

<b>Ciclo</b>	<b>Ano</b>	<b>Idade: estudante regular (até 31/3)</b>	<b>Carga horária mínima</b>
Ciclo da infância (entre 6 e 8 anos de idade) Fase lúdica	1º ano	6 e 7 anos	2.400 horas (800 em cada ano)
	2º ano	7 e 8 anos	
	3º ano	8 e 9 anos	
Ciclo da pré-adolescência (entre 9 e 11 anos de idade) Fase pré-abstrata	4º ano	9 e 10 anos	2.400 horas (800 em cada ano)
	5º ano	10 e 11 anos	
	6º ano	11 e 12 anos	
Ciclo da adolescência (entre 12 e 14 anos de idade) Fase abstrata	7º ano	12 e 13 anos	2.400 horas (800 em cada ano)
	8º ano	13 e 14 anos	
	9º ano	14 e 15 anos	

Fonte: Mato Grosso, 2017.

Com a mudança de seriado para ciclos, tornou-se imperioso repensar e reestruturar o currículo escolar, observando as particularidades de cada ciclo/fase/série e contexto escolar. Foi, então, que a partir de 2007 surgiram as Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso (OC), documento elaborado pela Secretaria Adjunta de Políticas Educacionais, que visa atender às necessidades educativas de ensino, no tocante à formação dos profissionais e à aprendizagem dos alunos, subsidiando a escola, os gestores e os docentes em sua organização escolar, centrado em uma educação humanizadora, democrática e justa.

Nosso objetivo, neste trabalho, não é avaliar o ciclo, mas há que se considerar que houve avanços, principalmente no que se refere à distorção idade/série. Hoje, são outros os desafios a serem superados. Um deles é como envolver os alunos em sua própria aprendizagem, tornando-os protagonistas de sua própria história, e como prepará-los para as novas escolhas que a sociedade contemporânea apresenta, posto que os índices obtidos nas avaliações externas – Prova Brasil/IDEB/ENEM – devem ser melhorados, especialmente no nono ano, em que os estudantes precisam ampliar suas competências em leitura, interpretação e compreensão de textos, e no primeiro ano do Ensino Médio, série em que o índice de reprovação e abandono escolar é elevado.

Diante dessa realidade, torna-se urgente pensarmos a educação escolar cada vez mais comprometida com a vida social e cultural, voltada para o desenvolvimento da criatividade, da crítica e de posturas éticas perante o mundo. (MATO GROSSO, 2000, p. 22).

Ademais, a participação mais efetiva da família é fundamental nesse processo. Assim, outro grande desafio é intervir nessa realidade, demonstrando ao educando e à sua família que só obteremos êxito com o engajamento e o comprometimento de todos na tarefa de educar, e educar com foco em valores humanos.

### 1.2.2 Projeto Político-Pedagógico e sua organização

O PPP da escola está estruturado em marco situacional, marco teórico, marco operativo, plano de ação, projeto de articulação da aprendizagem e anexos. É um documento elaborado coletivamente pelos profissionais da escola e pelo CDCE, que tem representantes de todos os segmentos: pais, alunos, docentes e funcionários (técnicos e de apoio administrativo). É revisitado anualmente, com o objetivo de avaliar e redimensionar as ações educativas.

No marco situacional, são apresentados a localização da escola, os índices das avaliações externas e os dados do município (número de habitantes, extensão territorial, localização e economia local). Faz-se referência sobre a formação da população que é proveniente de várias regiões do estado e do país. Aponta-se, ainda, que os nossos estudantes são filhos de comerciantes, empresários, trabalhadores rurais, proprietários de oficinas, funcionários do comércio, funcionários públicos, donas de casa e empregados do frigorífico local. Nesse marco, acentua-se que os objetivos são a melhoria da qualidade de ensino e a elevação dos índices das avaliações externas, apontando como sinal de fraqueza a falta de perspectivas dos jovens em relação à continuidade dos estudos, uma vez que não há na cidade faculdades presenciais. Outro ponto preocupante é o crescente uso de drogas lícitas e ilícitas pelos jovens, o que pode motivar a violência e afastá-los da escola.

Em seguida, temos o marco teórico, que versa sobre a sociedade que queremos formar, com cidadãos sensíveis, reflexivos, críticos e atuantes. Assevera-se que, em nossas ações educativas, devemos buscar resgatar os princípios éticos e morais, e propõe-se como desafio sensibilizar nossos jovens para que sonhem,

desejem e queiram um mundo com respeito às diferenças, às individualidades e às limitações, promovendo o respeito e a solidariedade. Podemos encontrar nesse marco orientações sobre a avaliação, que deverá ter função prognóstica e diagnóstica, priorizando a educação em valores, pois aprendemos para adotarmos novas atitudes e novos valores.

Segue-se o marco operativo, que trata dos compromissos dos profissionais da escola, da formação contínua em serviço, do cumprimento de carga horária, da participação em reuniões e atividades da escola. Trata também das nossas práticas pedagógicas, considerando os desafios da transposição da teoria para a prática em sala de aula. Discorre sobre a satisfação com o ambiente educativo, pois queremos que os pais e os alunos sintam-se acolhidos no espaço escolar, devendo o professor ser um mediador, gerenciador dos conflitos que surgirem, construindo com os alunos as regras de convivência. Esse marco preceitua que o planejamento do professor deve estar respaldado em documentos oficiais, empregar uma metodologia reflexiva, desenvolver projetos que tornem as aulas mais dinâmicas, de forma a integrar os alunos na construção do próprio conhecimento, promovendo, assim, a interação e a participação ativa de todos.

Dentre outros aspectos, o marco operativo aborda a organização e o funcionamento da escola, a fim de que analisemos a realidade, identifiquemos as necessidades e proponhamos ações, financiáveis ou não, com o propósito de melhorar a qualidade do ensino, tendo como foco a aprendizagem e a permanência do educando na escola. Os planejamentos dos professores são anexados ao PPP. Nesses planejamentos, deve-se considerar o diagnóstico realizado no início do período letivo, observar o que o aluno já aprendeu e suas necessidades individuais de aprendizagem, propondo atividades diversificadas para os alunos com mais dificuldade. Nos casos de maior desafio, os alunos são encaminhados ao laboratório de aprendizagem, espaço no qual o professor articulador desenvolverá atividades mais específicas, de acordo com as dificuldades de aprendizagem de cada um.

Quanto ao acompanhamento e à socialização dos resultados do rendimento escolar, eles acontecem nos conselhos de classe, na entrega de planilhas, notas e relatórios bimestrais e nas reuniões pedagógicas mensais.

Percebemos que muitos problemas sociais, como desestruturação familiar, violência, drogas e gravidez na adolescência, ecoam na escola, e seu reflexo é sentido em conflitos dentro dela, como violência, *bullying*, desrespeito aos colegas e

professores, que repercutem nos resultados das avaliações, na reprovação e no abandono da escola. Mesmo contando, desde 2012, com o instrumento Ficha de Comunicação do Aluno Infrequente/Indisciplinado/Infrator (FICAI), em parceria com o Conselho Tutelar e o Ministério Público, não temos obtido êxito, uma vez que o aluno em qualquer dessas situações retorna à escola, mas não apresenta desenvolvimento satisfatório. Isso reforça que devemos mediar os conflitos com base em valores e atitudes, procurando despertar nos alunos sentimentos de amor, colaboração, solidariedade, alteridade, agir com bom senso e buscar o entendimento por meio do diálogo, da comunicação sem violência.

Enfim, o PPP é um plano global da escola e metodológico para intervenção e mudança da escola (ESCOLA ESTADUAL APOLÔNIO BOURET DE MELO, 2017, p. 5). Os preceitos para a elaboração do PPP da escola seguem os documentos oficiais que norteiam a educação, a saber: Lei Complementar nº 40, de 1 de outubro de 1998; Resolução Normativa 002/009, do Conselho Estadual de Educação (CEE); Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996; Resolução nº 262/02 do CEE/MT, Organização da Escola em Ciclos; e as Orientações Curriculares da Educação Básica, tendo a escola autonomia para adequar o seu currículo, contemplando as especificidades locais.

Temos, ainda, como parâmetro, o Orientativo Pedagógico enviado anualmente às escolas. Eles tratam dos aspectos curriculares de cada modalidade/etapa de ensino e do funcionamento da escola, visando garantir as aprendizagens significativas pelos alunos e estabelecendo os objetivos de aprendizagens para cada ciclo e disciplina, podendo o professor ampliar esses objetivos para atingir a proficiência desejada. As avaliações são registradas no SigEduca, Módulo GED, na forma de notas para o Ensino Médio e de conceitos e relatórios para o Ciclo e a EJA. Especialmente para o ciclo, temos os seguintes conceitos avaliativos, de acordo com o orientativo. (MATO GROSSO, 2017, p. 31-32):

**AB = Abaixo do básico:** Para as aprendizagens consideradas abaixo do básico considerando o objetivo de aprendizagem [...]. **B = básico:** para aprendizagens em construção [...]. **P = proficiente:** o estudante será avaliado com esse conceito quando alcançar o que foi proposto para o bimestre em curso [...]. **A = avançado:** o

estudante será avaliado com esse conceito quando conseguir superar as expectativas em relação ao objetivo proposto.

Os alunos que obtiverem conceitos **B**, **P** e **A** terão progressão simples (PS) e o conceito **PS** será gerado automaticamente. Os alunos com conceito **AB** terão progressão com plano de apoio pedagógico (PPAP), gerando o conceito **PPAP**. Entretanto, o aluno não será retido em qualquer ano/ciclo.

### 1.3 A DEFINIÇÃO DA TURMA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Todo o Ensino Fundamental da escola é ofertado no período vespertino. Neste ano, temos quatro turmas de oitavo ano e cinco turmas de nono ano. A turma escolhida para o desenvolvimento da proposta compreende o último ano do Ciclo de Formação Humana, nono ano, turma D. Essa escolha se deu em virtude de ser a turma com o maior número de alunos, 30 inicialmente, a maioria proveniente de outras escolas do município, outro município e outros estados. Além disso, os alunos aparentavam desmotivação, apatia e deslocamento. Em diálogo com os demais professores da turma, vimos que o projeto seria uma oportunidade de integrá-los à escola e estreitar vínculos com os colegas. Outro fator importante é que esses alunos, no próximo ano, estarão no Ensino Médio e existe a possibilidade de acompanhá-los.

## 2 ELABORAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: DA INQUIETAÇÃO MOTIVADORA À PRODUÇÃO FINAL

Neste capítulo, abordaremos sobre a nossa inquietação quanto às práticas de leitura e escrita em sala de aula. Apontaremos sobre a elaboração da proposta inicial, seus desdobramentos e os efeitos produzidos, bem como o aporte teórico que norteou este trabalho.

### 2.1 PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO NA SALA DE AULA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao longo de nossa prática em sala de aula, temos nos deparado com o baixo desempenho dos alunos em leitura e escrita, o que é possível perceber no pouco interesse deles por essas atividades e, conseqüentemente, no baixo rendimento escolar em outras disciplinas e nos resultados insatisfatórios em avaliações externas como, por exemplo, a Prova Brasil.

Temos observado que os alunos estão cada vez mais inseridos no mundo tecnológico e são solicitados a ler e escrever em redes sociais, mas, quando pedimos que leiam ou escrevam na escola, sentem verdadeira aflição ou mesmo aversão ao que lhes é proposto. Essa realidade nos levou a uma reflexão sobre nossa prática: se os alunos nunca leram ou escreveram tanto como atualmente, por que apresentam tantas dificuldades na escola?

Nessa reflexão, percebemos que os alunos precisavam de aulas mais significativas, nas quais eles pudessem expor suas dúvidas, seus medos, suas expectativas, discutir temas que vivenciam, partilhar conhecimentos e colaborar com os seus colegas na construção do próprio conhecimento. Precisávamos dar espaço e voz aos alunos, para que eles também pudessem refletir sobre suas dificuldades e percebessem que precisam dominar a Língua Portuguesa em suas modalidades oral e escrita para ter acesso a outros conhecimentos e a bens culturais e materiais, e que esse domínio só é possível por meio de leituras. É pela leitura que eles podem aprender os conteúdos escolares, desenvolver a atividade da leitura completa a atividade (67). Quanto maior for o acesso a uma diversidade de textos em diversos suportes, maior será o repertório de informações e conhecimentos significativos para a vida

acadêmica e social, fazendo os alunos perceberem textos adequados e relevantes [...] ¶ uma (ANTUNES, 2003, p. 60). Contudo, essa conquista só é possível com esforço, persistência, vontade, determinação, dedicação, exercício e prática de leitura e de escrita.

Nesse contexto, atuar em sala de aula, especialmente no Ensino Fundamental II (fase da adolescência), tornou-se um grande desafio diário, já que inúmeros fatores interferem em nossa prática, a saber: pouca ou nenhuma participação da família na escola, em virtude da longa jornada de trabalho dos pais, envolvimento de alguns alunos com drogas, gravidez na adolescência, falta de perspectivas para o futuro, dificuldades de aprendizagem, desinteresse pelos estudos. Somamos a esses fatores, as tecnologias, que, muitas vezes, são usadas como fontes de distração e afetam o rendimento escolar dos estudantes.

Em face do exposto, nossa inquietação estava em como ensinar a Língua Portuguesa a alunos falantes dessa mesma língua e que a veem como disciplina complexa. Como atrair a atenção dos alunos diante de tantas distrações? Como fazer com que sintam satisfação no estudo da própria língua e percebam sua importância nas atividades que exercem diariamente? Como dessacralizar o ensino da língua? Como mudar o quadro atual, numa sociedade que exige cada vez mais pessoas capacitadas, especialmente no uso proficiente da Língua Portuguesa, oral e por escrito, em situações formais e informais?

Percebíamos que a maneira como estávamos atuando não atendia a essa complexidade. Para mudar, tivemos de desconstruir conceitos e posturas já arraigadas. Apoiados em teorias linguísticas, especialmente na Linguística Textual e na Sociolinguística Variacionista, pudemos ressignificar a nossa prática pedagógica em sala de aula, visando tornar o trabalho com a linguagem mais eficiente e dinâmico, a fim de provocar no aluno uma reflexão, para que ele também se deslocasse de sua posição de mero expectador e atuasse como protagonista e produtor do seu próprio conhecimento, tendo o professor como mediador e sujeito que também aprende na interação com o aluno.

Diante disso, ansiávamos por provocar nos alunos o poder de ampliar suas habilidades linguísticas, por tomar consciência de quão vasto é o poder das palavras. (ANTUNES, 2003, p. 60) Mas quais delas podem interagir com as pessoas e cumprir as mais diversas situações comunicativas, no âmbito familiar,

escolar, social ou laboral. Além disso, podem recorrer aos textos para diversas finalidades: para buscar informações, consultar, estudar ou ler por fruição. Especialmente com o acesso à internet, buscar o texto tornou-se muito mais rápido. Assim, as tecnologias podem significar mais do que fontes de distração; elas podem ser aliadas do ensino, tanto dos professores quanto dos alunos.

Além disso, já não poderíamos mais atribuir o insucesso escolar apenas aos fatores externos, pois a escola tem a responsabilidade de todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania (PCN, 1998, p. 19). Mesmo que nós professores de Língua Portuguesa não sejamos os únicos responsáveis por isso, cabe a nós o compromisso maior de desenvolver as competências linguísticas dos alunos, promovendo situações de práticas de leitura e escrita, orientando a busca e seleção de informações e o posicionamento crítico diante das questões sociais. Cabe a nós mostrar aos alunos a importância do domínio pleno da língua, para que, usando a palavra, eles libertem-se das amarras que lhes são impostas, percebam novas possibilidades e possam participar ativamente da comunicação (ANTUNES, 2003, p. 20). Dominando a língua nas modalidades oral e escrita, nas variedades formal e informal, terão condições de escolher dentre elas a que melhor atende à situação comunicativa em que se encontrarem.

Diante dessas inquietações, precisávamos nos apoiar em teorias que sustentassem nossa prática. No mestrado Profletras, tivemos acesso a várias teorias linguísticas difundidas no Brasil, que nos apontavam novas concepções para o ensino da leitura e da escrita, como a dimensão da interação verbal, descrita por Koch:

A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, mas também a sua reconstrução – bem como a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal. (KOCH, 2014a, p. 21, grifo da autora).

Dessa forma, precisávamos repensar o modo de ensinar a língua, para além das classificações e definições, e avançar para questões linguístico-pragmáticas e discursivas, ou seja, o uso concreto da linguagem pelos falantes em seus diversos contextos, considerando a língua, os sujeitos e a situação comunicativa e

promovendo a situação em que os alunos possam desenvolver a língua materna (PEN, 1998, p. 28). Assim, cumprir os objetivos da disciplina: tornar o aluno proficiente em língua materna, oral e escrita, a fim de garantir o pleno exercício da cidadania (MATO).

Com o firme propósito de resolver parte desses desafios e inquietações, pois sabemos que o ensino é processual e demanda tempo, propusemo-nos a trabalhar com a produção de leitura e escrita dos alunos, de uma forma em que eles participassem ativamente do processo. Foram experiências que provocaram em nós mudanças de posturas, questionamentos, incertezas, conflitos, proporcionaram momentos de muito aprendizado e de fortes emoções, que nos fizeram compreender que nosso papel em sala de aula ultrapassa a abordagem dos conteúdos.

Neste trabalho, assumimos a linguagem como forma de interação que se dá por meio de textos, sejam eles orais ou escritos, demonstrando ao aluno que a leitura e a escrita são atividades que se completam. Em nossas ações em sala de aula, buscamos ser interlocutores dos alunos, dando-lhes oportunidade de dizer, instigando-os, questionando-os, envolvendo-os nas discussões para que eles percebessem que a aprendizagem se efetiva nessa intensa interação entre alunos e professor.

Diante o exposto, explicitaremos nos itens seguintes os fundamentos que julgamos necessários para implementar a nossa proposta.

## 2.2 A PROPOSTA INICIAL E SUAS NUANCES

Chegamos à proposta de trabalhar com a leitura e a escrita por meio do gênero textual paródia musical após pesquisar junto com os alunos sobre o que faziam quando não estavam na escola. Muitos disseram que, no tempo livre, gostavam de ouvir música, confirmando uma pesquisa realizada em 2016 pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, em que 63% dos alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) entrevistados, quando questionados sobre o que gostam de fazer no tempo livre, disseram escutar música ou rádio. Assim, julgamos que essa seria uma maneira de atrair a atenção dos alunos de forma lúdica e despertar neles o gosto pela leitura e, posteriormente, pela escrita.

Para tanto, começaríamos com as questões da cidade, ou seja, da comunidade na qual esses alunos estavam inseridos, a fim de provocar neles uma

reflexão sobre as questões que vivenciam e que os afetam. Em seguida, trabalharíamos o texto-base selecionado, a música de sua preferência, para eles, então, produzirem as paródias. Dessa forma, contribuiríamos para o desenvolvimento das competências linguísticas e discursivas pela produção de paródias musicais.

Esboçamos o projeto em etapas que seriam desenvolvidas no Laboratório de Informática da escola, visto que prevíamos ter acesso às notícias da cidade em pesquisas a *sites* locais e regionais. Assim, ofereceríamos aos alunos oportunidades de pesquisa, reflexão, posicionamento crítico e seleção das informações com as quais trabalhariam. No entanto, ao tentarmos agendar um horário no laboratório, fomos informados de que o espaço não estava disponível. Estávamos no início do período letivo e a escola estava reorganizando o quadro de pessoal. Ainda não tinha previsão de contratação de um funcionário para o laboratório e os computadores precisavam de manutenção. Desse modo, tivemos de modificar algumas etapas do projeto interventivo, que já estava para ser iniciado.

Para prosseguir com as atividades da intervenção, realizamos, na primeira etapa, uma dinâmica para conhecer a turma e fazer as apresentações entre professora e alunos. Discorremos sobre o projeto e como ele seria desenvolvido, bem como da possibilidade de alterações e adaptações. Após esse primeiro contato com os alunos, apresentamos algumas perguntas norteadoras. Solicitamos que produzissem um texto com a temática de história de leitura. Nesses textos, pudemos levantar as questões apontadas pelos alunos e, dentre elas, selecionar com eles o que gostariam de discutir em sala de aula. Inicialmente, apontaram 19 temas. Fizemos um recorte e ficamos com dez. Em seguida, formamos as equipes e apresentamos aos alunos os conceitos de leitura, texto, paródia e intertextualidade, assistimos a vídeos de paródias, tivemos muitas discussões acerca das temáticas selecionadas, ouvimos e cantamos músicas.

Daí em diante, surgiram alguns desdobramentos, e algumas etapas foram acontecendo ao mesmo tempo. Os alunos tiveram atividades extraclasse, como ouvir rádio e entrevistar moradores dos bairros onde residem. Esses desdobramentos foram fundamentais para o desenvolvimento da proposta, pois surgiram as visitas à Biblioteca e à Câmara Municipais que não estavam previstas no projeto inicial.

Nessa história de leitura os alunos apontaram as questões sociais que mais lhes afetavam e gostariam que fossem diferentes. Informaram os bairros onde residem, escreveram sobre suas perspectivas e sonhos, disseram com quem moram e o que fazem. Apontaram seus gostos musicais, revelando apreciar diversos estilos musicais. Com isso, pensávamos que seria fácil chegarem ao texto-base da paródia, porém, ao prosseguir nas discussões e chegar ao momento da escrita das paródias, não avançávamos. Os alunos diziam não conseguir interpretar a música e, mesmo dando a eles a possibilidade de declamar, eles não concordavam.

Então, tivemos um momento tenso, pois pensamos que estaria tudo se perderia. Ouvir os alunos mais uma vez foi fundamental. Um deles manifestou gostar do estilo musical *rap*, fez um poema e declamou. Os outros alunos disseram que poemas eles saberiam fazer. Assim, solicitamos que escolhessem, dentre as temáticas, qual retratariam em seus poemas. Criamos a oportunidade de uma oficina com um grupo de *rap*, o que nos proporcionou momentos de emoção, encantamento e muito aprendizado. Além de apresentar seus poemas, os alunos quiseram discutir com o grupo sobre os temas que haviam tratado em sala de aula. Durante a oficina, selecionaram cinco poemas em que o grupo colocaria ritmo para que gravássemos. Nesse momento, os alunos se posicionaram como uma verdadeira equipe. Não se preocuparam em escolher o próprio texto, mas aquele que julgaram representar todas as discussões realizadas em sala de aula.

Como resultado do projeto, propusemos dois produtos finais, o primeiro seria um videoclipe das paródias e/ou poemas feitos pelos alunos e o segundo, um livro digital com os textos das paródias e/ou poemas. Porém, desde o início da nossa intervenção, os alunos manifestaram que não gostariam de fazer o vídeo, não gostavam nem mesmo que tirássemos fotos deles em algumas etapas do projeto. Então definimos com eles que faríamos o livro em formato digital e também impresso. Depois da participação do grupo de *rap*, fizemos um vídeo com algumas imagens deles e com fundo musical dos poemas escolhidos para serem transformados em *rap*.

Entendemos que as atividades que acrescentamos, as que alteramos, as que não aconteceram e as dificuldades que surgiram foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto, uma vez que mudamos de atitude perante o aluno, pois ` d e l e p r e c i s a m o s n o s t o r n a r - l h e a p a l a v r a , a g i r m o s o r e s como reais parceiros: concordando, discordando, acrescentando, questionando,

pergunta (GERALDI, 2012, p. 128). Assim, abrimo-nos para novas possibilidades e aproximamo-nos dos alunos, ouvindo e considerando suas contribuições, fazendo-os perceber que também são parte integrante no processo de ensino e que o conhecimento se efetiva na participação ativa deles em sala de aula.

No capítulo três, apresentaremos mais detalhadamente como essas etapas aconteceram e, nos subitens a seguir, mostramos o aporte teórico que subsidiou a nossa prática.

### 2.3 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E O TRABALHO COM O TEXTO

Para subsidiar a nossa prática em sala de aula, nos apoiamos na perspectiva da LT, especialmente nos trabalhos difundidos por Ingedore Villaça Koch e Irandé Antunes, dentre outros que tomam a linguagem em sua dimensão interacional, e nos princípios de construção textual do sentido.

Compreendendo o gênero paródia como uma maneira de ensinar o aluno para a real função da língua na vida diária e nos seus modos de agir e interagir (MARCHUSCHI, 2008, p. 56) e como um recurso pedagógico tornando cada vez mais presentes nas obras (MARCHUSCHI, p. 7), propusemos aos alunos escolher uma música como texto-base para ser parodiada, com o objetivo de destacar um problema vivenciado pela comunidade local. Aproveitamos as situações do cotidiano dos alunos para lhes proporcionar, de acordo com Geraldi (2012, p. 89), o domínio das situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Dessa maneira, damos aos alunos a oportunidade de vivenciar práticas de leitura e de escrita que propiciaram pesquisa, descobertas, escolhas, reflexão, posicionamento crítico, seleção do que dizer, a quem dizer e como dizer.

Em vista disso, apresentaremos um breve percurso da LT, sustentados nos estudos de Bentes (2005) e Marcuschi (2012). Esses autores nos apontam que, até os anos 1960, os estudos da linguagem estavam apoiados nos paradigmas estruturalistas (a análise descritiva da língua, de Ferdinand de Saussure) ou gerativistas (a análise explicativa e científica da língua, de Noam Chomsky). Considerado o pai da Linguística Moderna, Saussure, em seu *Curso de linguística geral*, publicado em 1916 por dois de seus alunos, com base em anotações e

manuscritos, deixou-nos as famosas dicotomias saussurianas, dentre elas, língua e fala, diacronia e sincronia, paradigma e sintagma. Para ele, a Linguística tem como objeto específico a língua, que é social, exterior ao indivíduo, em oposição à fala, realização concreta da língua pelo sujeito falante. Em Chomsky, temos o estudo da gramática gerativa, ou seja, um conjunto de regras que produzem frases da língua. Essas concepções, ancoradas na linguística estrutural e gerativista, tomam a língua como manifestação da linguagem humana voltada para os limites da frase, afastando o sujeito da situação comunicativa.

Depois da década de 1960, emerge um novo ramo da Linguística, o da Linguística Textual. Surge na Alemanha e apresenta evolução em três momentos: no primeiro, a análise transfrástica; no segundo, a construção de gramáticas textuais; e, no terceiro momento, a linguística adal com os fatos, produção, recepção e interpretação).<sup>2</sup> o de te

Nas palavras de Bentes (2005, p. 247, grifo da autora),

[...] o texto passa a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas; parte-se, assim, para a elaboração de uma *teoria do texto*.

Nessa concepção, os sujeitos interagem em suas práticas sociodiscursivas, com base em textos orais ou escritos, que são recuperados em nossa memória.

A LT se firmou no Brasil a partir da década de 1980, com a divulgação da obra de Luiz Antônio Marcuschi intitulada *Linguística de texto: o que é, como se faz?* Nela o autor propõe que o estudo das operações linguísticas e cognitivas, reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos orais ou escritos. (MARCUSCHI, 1986, p. 38)

Os documentos oficiais de ensino - PCN e OC - são norteados pela LT, que sustenta a teoria a nossa prática em para a realização do trabalho com o texto precisávamos possibilitar aos alunos oportunidades de produzir textos adequados as situações comunicativas socialmente relevantes a prática linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona. (MARCUSCHI, 1986, p. 72)

Sabemos que os alunos aprendem nas diversas situações que vivenciam, dentro e fora do contexto escolar, porém, a escola é o lugar privilegiado para que a aprendizagem aconteça. Ela se dá na interação entre alunos e professores, nos corredores, na fila para o lanche, ou seja, em todos os momentos e nas mais diversas situações.

Conforme afirma Koch (2015, p.42, grifo da autora),

Desta forma, na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz *com* os outros, conjuntamente.

Ao propor trabalhar com a escrita de paródias na sala de aula, tomamos o texto como lugar de socialização e construção interacional de sentidos (Koch, 2015, p. 12). Aproveitando as situações vivenciadas pelos alunos na comunidade, no seu bairro, na escola, pretendíamos sair do tradicional, em que o aluno recebe um tema qualquer e precisa escrever sobre ele. Ao contrário, queríamos que os alunos conhecessem os problemas de seu bairro, de sua escola, de sua cidade, que discutissem com os seus colegas e se posicionassem com criticidade. Almejávamos que eles percebessem que, por meio da língua, podemos nos manifestar, emitir nossa opinião, propor soluções e alternativas, visto que o ensino de Língua Portuguesa se despropósito<sup>2</sup> o propósito cívico de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente. (A. N. F. N. E. S., 2003)

A escolha em trabalhar com a paródia de música/poema foi pela possibilidade de esse gênero explorar a criatividade, a reflexão, a crítica com humor e o comprometimento social, um meio de alcançar a atenção para as questões da cidade. Valendo-nos da paródia, poderíamos fazer com que o aluno percebesse que existem várias formas de nos expressarmos e nos fazermos ouvir. Nas palavras de Sant'Anna (p. 30), 2010, para Edia, "uma disputa aberta a choque de interpretações a partir do ponto de vista de Sant'Anna o texto parodístico faz é exatamente uma re-apresentação daquilo que havia sido recalçado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica

Dessa forma, o aluno teve liberdade para, em sua paródia ou poema, expor seus anseios, necessidades e perspectivas diante das situações enfrentadas em seu cotidiano, pois a paródia é um fenômeno novo, [...] pareceu-me que a sua ubiquidade em todas as artes deste século exige que reconsideremos tanto a sua natureza, como a sua função (HUTCHINS, 2001, p. 33).

Consideramos o trabalho com o gênero textual uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia (MARCUSCHI, 2010, p. 37). Isso faz o aluno perceber que, nas nossas relações, comunicamo-nos por meio de textos, orais ou escritos, que estamos inseridos em uma sociedade contemporânea que exige cada vez mais pessoas que dominem a escrita, que sejam criativas, dinâmicas, que saibam usar as novas ferramentas tecnológicas. Igualmente, sabemos que os gêneros são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis (MARCUSCHI, 2010, p. 19). Por isso, proporcionamos aos alunos a liberdade de criar a sua paródia ou poema, mantendo uma postura ética e respeitosa, com base em temática de sua escolha e que tivesse sido discutida durante as aulas de intervenção.

Mesmo entendendo que a paródia é um fenômeno novo, [...] pareceu-me que a sua ubiquidade em todas as artes deste século exige que reconsideremos tanto a sua natureza, como a sua função (HUTCHINS, 2001, p. 11), acreditávamos que ela contribuiria para que o aluno percebesse que a música, texto-base da paródia, não é só um gênero, mas um produto cultural, que faz parte da nossa história, que marca a vida das pessoas e que está presente em todos os lugares. Podemos dizer que a música é o bem cultural mais democrático e acessível. Dessa forma, incentivamos os alunos a valorizar os diversos estilos musicais, abordando o jogo intertextual, pois falar de intertextualidade das diferenças (MARCUSCHI, 2010, p. 125).

Como percebemos a dificuldade dos alunos na produção das paródias, visto que precisavam também interpretar as músicas, abrimos espaço para a produção de poemas, que posteriormente foram declamados ou transformados em *rap*, um dos estilos musicais citados pelos alunos. Isso deu uma nova dimensão ao trabalho. Os alunos realmente se engajaram nas discussões e na escrita dos poemas após, diante da dificuldade encontrada, termos tido a sensibilidade de buscar outra forma

de dizer, já que nos importava que conseguissem expressar, fosse pela paródia, fosse pelo poema, suas dúvidas, seus anseios, suas inquietações.

Para que os alunos produzissem seus textos, abordamos com eles os princípios que constroem o sentido de um texto, como a coesão, a coerência e a intertextualidade. Vimos que um texto coeso e qualquer de continuidade, de unidade possível de ser interpretado (ANTUNES, 2003, p. 55) coeso as palavras estão interligadas, dando sentido ao que está sendo expresso, conferindo-lhe também a coerência, visto que não podemos separar a coesão da coerência, pois ambas estão a serviço do relevância comunicativa e interacional (ANTUNES, 2003, p. 55). demonstramos ao aluno que o trabalho com o texto podia ser aprimorado. À medida que liam suas produções e a produção dos colegas, observavam em que aspectos poderiam melhorar o próprio texto.

Outro aspecto importante que ressaltamos ao longo das nossas discussões foi o caráter intertextual da linguagem, que remete à ideia de que *tudo o que se expressa pelas diferentes linguagens remete a toda a experiência humana da interação*. (ANTUNES, 2010, p. 76, grifos da autora). Sempre enfatizamos que, para que se reconheça a intertextualidade, faz-se necessário acionar conhecimentos, sejam eles linguísticos, adquiridos durante a vida e nas práticas sociais, sejam eles enciclopédicos, guardados base em conhecimentos que ouvimos falar ou que lemos, ou adquirimos em vivências e experiências variadas. (ANTUNES, 2003, p. 55), e, ainda, os conhecimentos construídos com as nossas práticas interacionais diversas.

Dessa forma, fomos percebendo, ao longo das nossas discussões sobre as temáticas selecionadas pelos alunos, que eles iam se apropriando desses conceitos. Víamos reverberar em seus argumentos e posicionamentos pontos importantes e relevantes das leituras que realizaram, dos debates, das atividades que empreenderam, das oficinas das quais participaram. Posteriormente, constou em seus textos a ativação dos conhecimentos que foram adquirindo ou modificando no decorrer das etapas do projeto.

## 2.4 A SOCIOLINGUÍSTICA E O CONTEXTO DA SALA DE AULA

A Sociolinguística é a área da Linguística que estuda a linguagem e sua relação com a sociedade. De acordo com Alkmim (2005, p. 21), "linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base constitutiva do ser humano". Assim, a Sociolinguística se ocupa do estudo dos diferentes modos de falar existentes na comunidade.

Ela desponta nos Estados Unidos, na década de 1960 e tem como marco inicial uma conferência sobre esse ramo do conhecimento, que, segundo Calvet (2002), reuniu 25 pesquisadores em Los Angeles. Dentre eles, William Labov, considerado fundador da Sociolinguística Variacionista, uma das vertentes da Sociolinguística, que se preocupa com a variação linguística, ou seja, com a maneira como as pessoas usam a língua no dia a dia, em contextos diferentes. Essa variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis (Labov, 1998, p. 29). Assim, em qualquer língua, em qualquer comunidade encontraremos variação, em virtude de seu caráter heterogêneo.

Os falantes de uma língua adquirem sua variedade linguística de acordo com a região em que vivem ou a classe social em que estejam inseridos, ou seja, com base em dois parâmetros básicos: a variação geográfica – diatópica e a variação social – diastrática. Citamos como exemplo da variação diatópica a palavra "meio", dependendo da região, a fruta recebe outros nomes, como bergamota ou vergamota, poncã, fuxiqueira, laranja-cravo. Já a variação social – diastrática – está relacionada a idade, sexo, escolaridade, classe, situação ou contexto social. Como exemplo dessa variação, podemos citar o vocabulário específico de certos grupos, como policiais, estudantes, cantores de *rap*, religiosos, surfistas. Há, ainda, a variação histórica – diacrônica – relacionada a faixas etárias, pois a língua passa por mudanças ao longo do tempo. Algumas palavras caem em desuso e outras são incorporadas ao nosso léxico.

Conforme Alkmim (2005, p. 39), "no ato de interagir verbalmente, o falante utilizará a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo, etc.". Assim, situando-nos no contexto da sala de aula, adotamos um ensino de língua que proporciona aos alunos conhecerem as suas várias formas de uso, em contextos diferentes, para que percebam que existem

diversas maneiras de falar e de utilizar a língua, e que a motivação para falar um outro modo de falar é sempre social, e isso pode ser produzido pela escola, ou pela experiência (Alkmim, 2005, p. 43). Para isso, demonstramos a necessidade de respeitar o modo de falar de cada um, preciso romper com o bloqueio de acesso ao poder, e a linguagem é um de seus caminhos. Se ela serve para bloquear e disso ninguém duvida, também serve para romper o bloqueio (GERALDI, 2012, p. 44). Não devemos ridicularizar as pessoas pela forma como falam, e sim buscar compreender as várias formas de uso da mesma língua. Seja em situações de uso oral, seja em situações de uso escrito da língua, sempre teremos a forma mais apropriada para cada evento ou propósito comunicativo.

Ademais, a escola é o espaço de acesso à variedade de prestígio. É necessário criar condições para que os alunos conheçam as possibilidades de uso da língua nas diversas situações do dia a dia, para que eles possam se adequar à situação vivenciada, tornando-os usuários competentes da língua. Com isso pretendemos, por isso, proporcionar a todos os bens simbólicos, dentre eles a variedade (CAMACHO, 2005, p. 72). Dessa forma, a escola cumpre seu papel social de ensinar a língua em suas variedades e modalidades, de contribuir para diminuir as desigualdades sociais, de evitar o insucesso escolar e de fazer com quem os alunos percebam que, como afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 25),

na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas.

Assim, para cada situação vivenciada pelos alunos, haverá maior ou menor variação na linguagem empregada. A nossa tarefa é desmistificar que existe uma forma correta de falar, pois a questão não é de erro, mas de adequação. Isso legitima o ensino da língua oral e escrita em suas formas de prestígio e em suas variedades de uso, evitando a disseminação de preconceitos linguísticos. Com este projeto, proporcionamos aos alunos a compreensão de que eles não estão na escola

para aprender outra língua, pois, conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 75, grifo da autora), ao chegarem,

[...] *já são usuários competentes de sua língua materna*, mas têm de ampliar a gama de seus recursos comunicativos para poder atender às convenções sociais, que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, a cada tarefa comunicativa, a cada tipo de interação.

Aprendendo a diversidade de usos da língua, eles podem apropriar-se desses conhecimentos para ter a liberdade e opção de uso, adequando sua forma de falar ou escrever à situação social que estiverem vivenciando e, assim, `s e desempenharem bem, e com segurança , n a s m a i s d i s t i n t a s t a (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 74).

Tendo em vista que as duas modalidades, oral ou escrita, são passíveis de modificações, de maior ou menor grau de monitoramento, mostramos aos alunos que a norma culta/padrão é considerada de maior prestígio e, em situações mais formais de uso da língua, também é a mais adequada. Podemos tomar como exemplo que, em uma entrevista de emprego ou o preenchimento de um currículo, deve-se optar pela modalidade formal, ao passo que, ao conversar com familiares ou escrever um bilhete para um amigo, a opção será pela modalidade informal.

De acordo com Antunes (2007, p. 106, grifos da autora),

[...] quanto maior a capacidade do falante de usar diferentes normas e diferentes registros - do mais formal ao mais informal - tanto mais competente ele é. [...] O desafio é ter a competência suficiente *para variar conforme as condições de realização da atividade verbal*.

Portanto, os alunos tiveram contato com outros gêneros textuais à medida que as atividades do projeto foram se desdobrando. Por exemplo, quando participamos com eles de uma aula no laboratório, solicitamos um relatório, aproveitando para trabalhar os elementos que compõem essa modalidade de texto. Depois, quando visitamos a Biblioteca Municipal, os alunos preencheram uma ficha para empréstimo de livros, também descobrindo as particularidades desse texto, como o que é filiação e logradouro, por exemplo. Por fim, tiveram contato com o ofício, que exige uma linguagem mais específica, mais formal e termos que não fazem parte do cotidiano deles. No entanto, ao se depararem com um ofício já

redigido, perceberam que só precisavam fazer adaptações, visando aos seus objetivos naquele momento, pois muitos aspectos do ofício que eles tinham como parâmetro permaneciam. Depois, elaboraram uma pauta para a roda de conversa com os vereadores, que foi agendada após a atividade de entrevista com os moradores. Os alunos entenderam, então, que deveriam levar as solicitações aos seus representantes, percebendo que, para cada ato comunicativo, existe uma forma de se fazer entender e de se expressar pela linguagem. Com isso, eles puderam observar que, no desempenho dos papéis sociais por espaços sociolinguístico em que têm de dominar certos usos especializados da língua (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 78).

Também abordamos com nossos alunos as competências comunicativas que permitem ao falante saber o que falar e c em quaisquer ções bem como as competências linguísticas que lhes permitem produzir e entender o sentido com a s b e f i c i . (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73 - 75). Demonstramos a eles, em situações concretas, que, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral da língua, precisamos adequá-la à situação de uso. Por exemplo, durante a roda de conversa com os vereadores, os alunos se preocuparam em monitorar a fala, pois estavam diante de autoridades e precisavam se dirigir a elas com mais formalidade.

Logo, ao ensinar os alunos a utilizar a língua em suas variedades, dar a eles acesso à língua de prestígio e erradicar o preconceito quanto aos diferentes modos de falar, estaremos cumprindo com a função da escola de cultivar a diversidade, ensinando que ela é a marca da identidade (ANTUNES, 2007, p. 107 - 108). O importante é que a língua, nos seus mais diversos usos e modalidades, permita-lhes interagir com outras pessoas, ter acesso aos bens culturais e exercer a cidadania.

### 3 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA: A TRANSPOSIÇÃO DA TEORIA NA PRÁTICA DE ENSINO

Visando alcançar os objetivos anteriormente apontados no projeto de intervenção pedagógica, optamos por desenvolver o trabalho em etapas. Iniciamos pela apresentação da proposta à equipe gestora, aos docentes e aos alunos, e prosseguimos até o produto final e o encerramento do projeto. Adiante, detalharemos como as etapas foram desenvolvidas, os seus desdobramentos e as suas implicações durante todo o percurso, bem como o aporte teórico utilizado.

#### 3.1 A APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA A DOCENTES E EQUIPE GESTORA

Retornamos à escola em março de 2017 para a atribuição de aulas. Pretendíamos iniciar a intervenção logo na primeira semana de aula, pois, já com o projeto qualificado, ansiávamos por colocá-lo em prática. Porém, ao conversarmos com a equipe gestora, fomos orientados a começar em abril, assim, os professores teriam tempo de conhecer as turmas, fazer o diagnóstico inicial e elaborar o plano de ensino. Na oportunidade, a gestão nos convidou a fazer parte desse processo.

Participamos, então, da elaboração da avaliação diagnóstica e da sistematização dos resultados em tabelas e gráficos. Esse momento foi fundamental, pois constatamos que as nossas inquietações são as mesmas dos demais professores. Dentre elas, destacamos a de como envolver o aluno na aprendizagem, tornando-o também responsável pela construção do próprio conhecimento.

Finalmente, aproveitamos uma reunião com a gestão e professores, para estudo do Orientativo Pedagógico de 2017 e apresentamos o projeto interventivo intitulado "A parÆdia como possibilidade". Apresentamos o funcionamento do programa de pós-graduação Proletras, discorremos sobre as disciplinas do mestrado e teorias linguísticas estudadas, sobre a feitura do projeto e sua qualificação, até chegarmos à etapa da intervenção em sala de aula. Explanamos os objetivos do projeto, sua metodologia e seu aporte teórico, bem como o seu cronograma, previsto para aproximadamente 45 horas-aula. Solicitamos o apoio de todos, já que precisaríamos da cedência de algumas aulas para desenvolvê-lo.

Os docentes colocaram-se à disposição e fizeram alguns questionamentos em relação à intervenção pedagógica, pois, desde o ano passado, a Seduc propõe que, na formação contínua do professor, os estudos teóricos enfoquem a intervenção pedagógica, ou seja, na articulação entre a teoria e a prática em sala de aula, por meio do desenvolvimento de um projeto interventivo.

Uma vez exposto o projeto aos docentes e à gestão, fomos então apresentá-lo aos alunos, público-alvo dessa proposta.

### 3.2 O COMEÇO DA INTERAÇÃO COM A TURMA

No dia agendado para apresentação da proposta aos alunos, fomos com o professor regente até a sala. Eles foram chegando e tomando os seus lugares, um pouco receosos com a presença de alguém estranho na sala, mas nada perguntaram. Em seguida, o professor deu-nos o espaço da aula para conversarmos com os alunos. Explicamos, em linhas gerais, o mestrado e a proposta do projeto interventivo e dissemos que almejávamos desenvolvê-lo naquela turma.

Falamos da importância do projeto para que melhorassem seu desempenho escolar, ampliassem suas competências em leitura e escrita, percebessem as possibilidades de usos da Língua Portuguesa como meio de promover a interação das pessoas e efetivação das mais diferentes funções comunicativas, bem como avançassem nos resultados das avaliações internas e externas.

Explicamos que nosso trabalho seria desenvolvido em equipes, de forma que uma equipe colaborasse e interagisse com a outra. Reforçamos que cada um é responsável pela própria aprendizagem e que, além disso, existe a necessidade de participarem mais ativamente das discussões de questões sociais, de se preocuparem com os problemas que afetam a sua comunidade, o seu bairro, a sua escola, e que discutir essas questões é fundamental para propor e buscar soluções. Prosseguimos, interpelando-os sobre o que cada um de nós pode fazer para melhorar o ambiente em que vivemos.

Logo após, explanamos sucintamente as atividades de pesquisa que pretendíamos desenvolver, a escolha das temáticas que seriam abordadas, as discussões em sala, a seleção das músicas que seriam parodiadas. Explicamos também que, ao longo das atividades, eles se apropriariam melhor do projeto e

poderiam sugerir modificações, pois o nosso planejamento acomodaria as mudanças que pudessem surgir durante o caminho.

Em seguida, abrimos espaço para perguntas. Após uma pausa, uma aluna indagou o que era mestrado. Explicamos de uma forma que todos compreendessem e colocamos no quadro uma linha com o percurso de escolaridade em anos até chegarmos ao mestrado. Depois, outra aluna questionou o porquê de a turma a ser a escolhida, por que já não na escola ainda existe o mito de que as turmas respondamos de maneira que eles não se sentissem inferiores, e sim, privilegiados ao participar do projeto.

Em vista disso, apresentamos algumas razões para a escolha.<sup>2</sup> Era a turma com o maior número de alunos, a maioria deles novos na cidade ou na escola, e fazia parte da nossa atribuição de aulas. Além desses motivos, os demais professores da turma entenderam que seria um desafio para os alunos, a fim de que estreitassem os vínculos com a escola e com os colegas, pois alguns são muito tímidos e a proposta de trabalho em equipe os favoreceria. Por fim, perguntaram se teríamos alguma atividade fora da escola. Respondemos que, caso houvesse alguma oportunidade, no decorrer das etapas, desenvolveríamos alguma atividade fora do espaço escolar.

Nesse mesmo dia, o professor regente nos convidou a participar da aula no Laboratório de Ciências que teriam na semana seguinte. Imediatamente, aceitamos o convite, pois o vimos como uma oportunidade de nos aproximarmos da turma.

Em duas horas, apresentamos resumidamente o projeto aos alunos e percebemos que enfrentaríamos um grande desafio, pois eles não se deixavam fotografar. Como, então, cantariam ou declamariam as paródias e apareceriam em um videoclipe, uma das propostas de produto final? Constatamos também os aspectos já mencionados pelos demais professores da turma: muitos alunos estão desmotivados; outros introvertidos; alguns aparentam desânimo. Contudo, todos os alunos ouviram atentamente, fizeram perguntas e demonstraram interesse em participar do projeto, mesmo parecendo não compreender bem como ele aconteceria.

---

<sup>2</sup> No Capítulo 1, no item 1.3, apresentamos os motivos da escolha dessa turma.

Inicialmente, prevíamos desenvolver o trabalho em dez etapas. Todavia, durante o percurso, algumas etapas foram modificadas e outras se imbricaram. Adiante, descreveremos como elas aconteceram.

### 3.3 AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Conhecer a turma do nono ano `D`, após pesquisar sobre o que é paródia eram os objetivos da primeira etapa do cronograma de desenvolvimento do projeto `A parÆdia c o sala de aula`.

Uma das atividades seria levar os alunos ao Laboratório de Informática da escola, para que realizassem pesquisas sobre a paródia e, posteriormente, sobre as questões da cidade. Porém, a Seduc ainda não havia liberado a contratação de um técnico para o laboratório. Além disso, os computadores precisavam passar por reparos. Portanto, era impossível prever quando esse espaço estaria disponível.

Diante disso, foi preciso alterar as estratégias e os recursos que utilizaríamos, pois já havíamos marcado com os alunos o encontro seguinte. Assim, preparamos alguns eslaides para apresentar a eles noções de leitura, texto, intertextualidade e paródia. Essas noções seriam reforçadas no decorrer das etapas e trabalharíamos com elas durante o desenvolvimento da proposta. Foi possível perceber a importância de planejar e buscar os recursos necessários com uma certa antecedência, no caso de imprevistos, como o que ocorreu, haver tempo hábil para replanejamento.

#### 3.3.1 O primeiro texto: história de leitura

Para prosseguir com a primeira etapa, depois de reprogramar as atividades, agendamos com os alunos e professores as quatro aulas do dia, numa tentativa de adiantar essa fase, que previa seis horas-aula. Antes, preparamos os cadernos para os alunos. As capas foram decoradas com o título do projeto e o nome de cada um.

A sala reservada para o trabalho é um ambiente amplo, climatizado, com cadeiras longarinas estofadas, computador conectado à internet, caixa de som, projetor multimídia, armário e mesa para o professor. Tem cortinas blecaute, que ajudam a escurecer o ambiente e a controlar a temperatura. Essa sala, denominada

sala 18, é destinada às reuniões e aos estudos dos profissionais da escola e, em casos específicos, pode ser usada com os alunos, mediante apresentação de planejamento e agendamento prévio. A escolha desse espaço se deu em virtude de ser um local distinto da sala de aula e de termos o material necessário à disposição. Por ser uma sala ampla, favorece o trabalho em equipes.

Deixamos tudo pronto nessa sala e fomos aguardar os alunos na sala de aula regular. Assim que chegaram, perguntamos se se lembravam de que tínhamos aula naquele dia. Para nossa surpresa, a maioria não se recordava. Então, apresentamos novamente, falamos que, a partir daquele momento, teríamos encontros semanais para desenvolver as atividades do projeto e que, naquele dia, ficaríamos com eles durante quatro aulas. Acrescentamos que, caso o trabalho não fosse produtivo dessa forma, em outros momentos agendaríamos menos horas. No mesmo instante, solicitamos aos alunos que nos acompanhassem até o outro ambiente.

Ao adentrarmos a sala 18, os alunos escolheram seus lugares, uns longe dos outros. Esperamos que se acomodassem como quisessem, pois, em seguida formaríamos as equipes. Logo percebemos que os alunos não conheciam a sala. Nisso, uma aluna perguntou quem a usava. Respondemos que eram os professores e funcionários, para reuniões, estudos e palestras. É muito interessante quando os alunos se sentem parte da escola. Eles perceberam que o espaço é usado pelos profissionais da escola, mas que eles também podem utilizá-lo. Pareceu-nos que se sentiram importantes por estarem naquele lugar.

Em seguida, projetamos no quadro a imagem *orquestra*, de autor desconhecido. Fizemos os alunos acompanharem na tela projetada. No texto, o autor compara a escola com uma orquestra e diz que, para haver sinfonia, cada músico deve estar com o seu instrumento no tom e que a responsabilidade pelo insucesso da orquestra não é só do maestro, mas também dos músicos.

Após a leitura do texto, perguntamos aos alunos: na escola, quem seriam os músicos? E o maestro? Eles, que, no início, estavam um pouco receosos de tomar parte, foram se envolvendo e participando. Disseram que os músicos seriam os alunos e o maestro, os professores, e que todos são responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar. Após essa discussão, disseram que estavam preocupados com a avaliação diagnóstica de Língua Portuguesa e, mesmo tendo obtido a maior nota da

escola (4.35), consideravam a nota muito baixa. Perguntaram como o projeto poderia auxiliá-los a melhorar seu desempenho. Reforçamos que nosso projeto era de leitura e escrita e que, com a realização das atividades e o comprometimento deles, certamente a nota melhoraria.

Depois dessa primeira discussão, projetamos os eslaides com as noções sobre leitura, texto, intertextualidade e paródia, conceituando e explicando cada termo. Apresentamos a leitura como condição informáves e sensáves, alargar nossos horizontes (ANTUNES, 2003, p. 45-46). Dissemos que podemos ler com diversas finalidades, como, por exemplo, para nos mantermos informados, para nos entretermos, para obtermos conhecimentos, para nos orientarmos. Acrescentamos que, além da palavra escrita, também lemos as situações, as placas, as imagens, as expressões corporais e faciais, os comportamentos, o tom de voz. Enfim, explicamos que a leitura não está presa apenas ao que está escrito. Nessa abordagem, consideramos a leitura com foco na interação entre autor, texto e leitor. Aproveitamos para perguntar aos alunos sobre o que leem no dia a dia. Uma aluna respondeu que lê WhatsApp<sup>3</sup> e Facebook<sup>4</sup>. Outro aluno disse ler a *Bíblia* e alguns citaram a leitura de livros.

Imediatamente, passamos ao conceito de texto, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente da sua extensão. (FEVERO, 2004) Ouvindo atentos. Sempre exemplificávamos os conceitos com o trabalho que estávamos fazendo. Citamos que, naquele momento, a nossa interação se realizava por meio de textos e que sempre recorremos a linguagem comunicativa e a queremos expressar. Acrescentamos as noções de intertextualidade e paródia. Explicamos que o fenômeno da intertextualidade, assim como a paródia, acontece com a literatura, a pintura, a propaganda, a charge, a música. Apresentamos como exemplo a figura a seguir.

---

<sup>3</sup> *Software* para *smartphones*, utilizado para troca instantânea de mensagens de texto, vídeos, fotos e áudios por meio de conexão à *internet*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

<sup>4</sup> Rede social lançada em 2004.

Figura 1 - Releitura 'Mônica Lisa' ao lado da obra



Fonte: <https://peverellpoe.wordpress.com/tag/mona-lisa/>. Acesso em: 9 abr. 2017.

O objetivo era que os alunos percebessem a presença de um texto dentro de outro texto, reforçando que, para reconhecer a intertextualidade, é preciso que conheçamos os textos. Daí a importância de ampliar nosso repertório de leitura ao máximo possível. Continuando a explanação, a música 'Bom Conselho', de ~~Celso~~ ~~Uchida~~ com que, alguns provérbios.

Nesse ponto, os alunos se manifestaram, senão esqueceriam tudo. Percebemos, então, o quanto estão acostumados a essa prática de copiar e que haviam estranhado o fato de não pedirmos para tomarem notas. Dissemos que retomariamos aquelas explicações sempre que necessário e que, naquele momento, o propósito era que ouvissem e participassem com perguntas.

Fizemos um intervalo e, ao retornarmos para a sala, pegamos os cadernos que estavam numa mesa e chamamos os alunos, um a um, para receber o seu. Como já mencionado, preparamos as capas dos cadernos com o nome de cada aluno, como forma de personalizar o material e também para conhecermos os alunos. À medida que cada um se levantava para receber seu caderno, podíamos observar os rostos e associá-los aos nomes.

Prosseguindo, perguntamos aos alunos se conheciam os provérbios que apareciam na música de Chico Buarque ou outros provérbios. Timidamente, um ou outro participava. Entre os provérbios citados, tivemos 'quem se tempestade', 'Deus ajuda quem cedo madruga'.

Destacamos, então, o caráter intertextual da música remete sempre a outro ou a outros (KOCH; ELIAS, 2015, p. 201) que a parâmetro a inversão do significado de caráter contestador, cômico ou irônico. Perguntamos se perceberam a inversão de sentido dos provérbios presentes na música, o que confere a ela um efeito cômico e provoca em nós, leitores, outra percepção dos ditos populares. Houve uma discussão sobre os sentidos de alguns provérbios e os alunos se manifestaram, concordando ou não.

Por fim, projetamos as seguintes questões, a fim de orientá-los na escrita de suas histórias de leitura:

- ¿ Quem é você? Onde nasceu?
- ¿ De onde veio? Onde você mora?
- ¿ Com quem você mora?
- ¿ Quem são seus pais?
- ¿ Quais suas principais características (qualidades/defeitos)?
- ¿ O que gosta de fazer? O que não gosta?
- ¿ O que você faz quando não está na escola?
- ¿ Qual a sua história de leitura? Quais leituras mais o/a marcaram?
- ¿ Quais as suas preferências musicais?
- ¿ Quais são suas metas para o futuro?
- ¿ O que espera da vida?
- ¿ Quais seus objetivos e sonhos?
- ¿ Para você, como seria a escola ideal?
- ¿ Se você pudesse mudar alguma coisa no mundo, o que mudaria?

Solicitamos aos alunos que, com base nessas questões, produzissem um texto. Explicamos que nosso objetivo era conhecê-los. Como houve certa apreensão nessa atividade, ressaltamos que não nos deteríamos nas correções das inadequações de uso da língua. Em seguida, os alunos anotaram as questões e informamos que, no encontro seguinte, recolheríamos os cadernos para leitura dos textos. Reforçamos que a leitura e a escrita são práticas sociais utilizadas em nosso cotidiano: em casa, quando precisamos ler um manual, uma receita, uma bula de

remédio, um bilhete; na escola, quando lemos os conteúdos das diversas disciplinas; no trabalho; nas redes sociais; na igreja etc. Por isso, devemos aprimorar e ampliar nossas possibilidades de uso da Língua Portuguesa, adequando-a às diversas situações de uso. Assim, quanto mais dominarmos a língua, mais facilidade teremos no estudo e compreensão das demais disciplinas.

Os alunos iniciaram a produção do texto em sala, mas precisaram terminar em casa, pois o tempo não foi suficiente. Pedimos que não se esquecessem de concluir a atividade e de trazer o caderno na aula seguinte. Uma aluna sugeriu, então, que fizéssemos um grupo no WhatsApp, mas alguns alunos se manifestaram, uns dizendo que não tinham celulares e outros, que não tinham o aplicativo. Mesmo assim, definimos que faríamos o grupo. Para os que não tinham WhatsApp, enviaríamos mensagens. Para aqueles que não tinham celulares, os colegas repassariam os avisos em sala de aula. Nesse ínterim, passamos um caderno para que anotassem nome e número do celular.

Nesse encontro, tivemos a participação de uma professora que não é professora da turma, mas pediu para ficar na aula, com o intuito de observar, o que foi bom, pois fotografou alguns momentos.

Ao retornamos para a sala de aula regular, uma aluna reforçou o convite que nos foi feito no primeiro encontro pelo professor de Ciências, para a aula de laboratório. Essa atitude da aluna nos surpreendeu, pois nos lembrou do compromisso em participar daquela aula.

Percebemos que era uma turma com potencial. Algumas meninas falavam mais, os meninos eram os mais quietos. Notamos que, de maneira geral, não seria muito fácil fazê-los escrever, pois demonstravam dificuldade e aversão à escrita, mesmo com a explicação de que, para melhorar o desempenho em leitura e escrita, eles precisavam ler e escrever, que essas duas atividades são indissociáveis.

Antes desse segundo encontro, temíamos que fosse cansativo trabalhar durante quatro horas-aula, mas o retorno foi bom, porque os alunos colaboraram durante todo o tempo. Percebemos uma empatia entre nós. Eles aceitaram o projeto, demonstraram interesse nele e ainda disseram que nem viram o tempo passar.

### 3.3.2 Participação na aula de Ciências: estreitando os vínculos

No dia combinado, fomos ao laboratório de ciências, para a aula prática que os alunos teriam. Foi a primeira vez em que a turma utilizou o laboratório. Nossa participação teve por objetivo estreitar os vínculos com a turma, porém, ela ultrapassou a simples observação: auxiliamos na busca de alguns materiais e, inesperadamente, fomos convidados a realizar alguns experimentos. Depois, ajudamos na limpeza da sala.

Durante a preparação dos grupos e a realização dos experimentos para determinação de eletrólitos e não eletrólitos, com base em testes de condução de corrente elétrica, conforme o professor explicava para os alunos o que deveria ser feito, reforçávamos que estavam realizando leituras, pois estavam lendo as explicações do professor, discutindo com os grupos e desenvolvendo as experiências. Além disso, ao interagir com o grupo, estavam produzindo textos, orais ou escritos. A aula foi dinâmica e as atividades foram realizadas em grupos que se ajudavam. Aproveitamos para ressaltar que é importante trabalhar em equipe e que precisamos do comprometimento uns com os outros para que o resultado seja satisfatório.

Percebemos que os alunos gostaram muito daquela atividade fora da rotina da sala de aula, descobrindo outros espaços da escola e com dois professores. Em alguns momentos, eles perguntavam sobre alguns experimentos que estavam realizando. Quando não sabíamos responder, recorríamos ao professor de Ciências. No decorrer das experiências, tivemos de participar um pouco em cada grupo. Mesmo com o espaço apertado – éramos 32 pessoas dentro do laboratório – e muita movimentação, a aula foi produtiva, já que o professor havia explicado os conteúdos teóricos anteriormente e, ali, os alunos os viam funcionando na prática.

Quando retornamos para a sala de aula, o professor solicitou dos alunos a escrita de um relatório e nos pediu para orientá-los nessa atividade. Essa nossa participação não estava prevista, mas a acolhemos com muita satisfação, pois percebemos que os alunos sentiram certa aflição com a perspectiva de produção desse relatório. Mais uma vez, conferiram-nos o compromisso do trabalho com a leitura e a escrita. Destacamos que lemos e escrevemos em todas as disciplinas, portanto, leitura e escrita são ` q u e s t ã o e s p a r a t o d a s q u e ã o habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é

r e s p o n s a b i l i d a d e (QUEDES, SOUZA, 2007, p. 17). Sem dúvida, aceitamos essa atribuição como uma oportunidade de explorar as particularidades do gênero textual em questão.

Para a elaboração do relatório, explicamos os pontos importantes a destacar, como descrição do material utilizado, preparação do ambiente, quais experiências foram realizadas, que combinações foram feitas, o que conseguiram resgatar dos conhecimentos teóricos anteriormente estudados, que dúvidas surgiram, o que conseguiram aprender, quais dificuldades tiveram e como foi para cada um participar de uma aula prática de Ciências. Depois da explanação sobre relatório, dispusemos-nos a tirar dúvidas e ler os trabalhos produzidos antes que fossem entregues ao professor de Ciências. Notamos que os alunos ficaram menos apreensivos e que esse contato foi fundamental, pois eles se sentiram mais confiantes na realização dessa atividade e perceberam que podiam contar conosco.

### 3.3.3 A exibição de vídeos e a produção da primeira paródia

Entramos na segunda etapa do desenvolvimento do projeto, que objetivava assistir a dois vídeos de paródia para que os alunos se familiarizassem com o gênero e, na sequência, produzissem uma paródia coletivamente. Nesse dia, não foi possível usar a sala 18. Tivemos que utilizar a sala de aula regular, onde montamos o ambiente com *notebook*, projetor multimídia e caixa de som. Testamos o equipamento e ficamos aguardando os alunos, que logo questionaram por que não usaríamos a sala dos professores, demonstrando descontentamento em permanecer na sala de aula. Explicamos que a sala estava ocupada, pois lá aconteceria uma palestra, mas que, em outros momentos, voltaríamos a usá-la. Tão logo se acomodaram, sentiram que a sala estava muito quente e um aluno reclamou que os aparelhos de ar-condicionado não estavam funcionando. Notamos que seria difícil convencê-los a ficar ali. Então, pedimos ao representante da turma para procurar a funcionária responsável por ligar e desligar os aparelhos, para que verificasse por que não estavam funcionando.

Enquanto isso, lembramos-lhes de que, naquela aula, recolheríamos os cadernos para leitura dos textos. Alguns alunos se manifestaram, dizendo que não tinham concluído a tarefa. O representante (referindo-se à funcionária da escola) dissera que o ar estava com defeito e que

havia uma sala vazia. Se quiséssemos, poderíamos ir para lá. Como sabíamos que os alunos não aceitariam permanecer na sala sem ar-condicionado, propusemos a mudança. Solicitamos que se encaminhassem para a nova sala e aguardassem que chegássemos com o equipamento. Dois alunos se voluntariaram para ajudar a transferir o material para a outra sala.

Depois da mudança e da montagem do equipamento, continuamos com as atividades do projeto. Antes de anunciar a programação do dia, fomos interpelados por uma aluna sobre a criação do grupo de WhatsApp. Havíamos enviado uma mensagem de texto para o celular dos alunos, reforçando o encontro, pois não tínhamos criado o grupo do WhatsApp conforme ficara combinado. Confessamos que estávamos muito apreensivos com a utilização desse recurso, em razão da possível postagem de mensagens indevidas. Respondemos à aluna, falando dessa preocupação. Outra aluna, então, sugeriu que criássemos regras para o grupo. Nesse momento, projetamos uma página do PowerPoint e, à medida que conversávamos, definíamos as regras.

Começamos dizendo que o grupo seria criado especificamente para o projeto e que as postagens deveriam ser exclusivamente sobre assuntos relacionados a ele. Logo ouvimos um aluno dizendo que, então precisávamos estabelecer regras para evitar ofensas, mensagens preconceituosas ou racistas, pornografia, para que respeitassem o horário de descanso deles e das outras pessoas do grupo e para que não postassem durante o período de aula. Enfatizamos que sempre deveriam ler e avaliar se as mensagens estavam adequadas antes de enviá-las e que apenas a professora seria administradora do grupo. Em caso de desrespeito às regras, o grupo seria desfeito.

Alguns manifestaram descontentamento, mas fomos dando exemplos de como poderíamos usar o grupo para trocar informações sobre o projeto e interagir com a turma. Dois alunos que não tinham celulares pediram para colocar suas mãos no grupo, o que foi muito bom, assim, teriam maior compromisso com as postagens. Definidas as regras, dissemos que, assim que chegássemos em casa, criaríamos o grupo. As regras não foram anotadas pelos alunos. Conforme as íamos definindo, digitávamos no PowerPoint projetado, para que todos visualizassem, e fazíamos a leitura.

Dissemos aos alunos que ficamos contentes com a postura deles. Primeiro, por reivindicarem a mudança de sala, em razão do calor e, depois, por cobrarem a

criação do grupo. Com essa postura, haviam demonstrado que tinham argumentos, que sabiam ouvir e ajudar na tomada de decisões. Essas são competências fundamentais na atualidade. Além disso, estavam superando a timidez, a apatia e a desmotivação observadas no início das aulas. Mesmo aqueles que não se manifestaram puderam notar a importância de nos posicionarmos diante das questões que nos afetam. Mais uma vez, dissemos que eles estavam fazendo uso efetivo da língua nas relações cotidianas e que cada um deveria ter voz para fazer. (ANTUNES, 2003, p. 20)

Prosseguimos, dizendo que iniciariamos a terceira etapa, já que dispúnhamos de quatro horas-aula. Perguntamos sobre o que havíamos discutido no encontro anterior e a resposta foi um longo silêncio, que interrompemos questionando sobre as relações com que havíamos trabalhado: Vocês comunicam por meio de texto, oral ou escrito? E que falamos sobre a importância da leitura para a atividade da escrita? Que a leitura nos proporciona ampliar o conhecimento e o repertório linguístico?

A partir desse momento, um ou outro aluno recordava as nossas discussões. Continuamos falando das atividades do projeto de leitura e escrita por meio de paródias e informando que eles iriam produzi-las baseados numa questão da escola, do bairro ou da cidade a ser discutida no decorrer das aulas. Explicamos que a música seria nosso texto-base e que uma das características da paródia é seu caráter intertextual. Lembramos a leitura e apreciação da música de Chico Buarque, que faz intertextualidade com alguns provérbios.

De acordo com Koch e Elias (2015, p. 101), a intertextualidade na base de constituição de todo e qualquer texto se faz a partir de outro(s) texto(s) efetivamente já produzido(s) e que fazem parte da memória social dos leitores. Lembramos aos alunos que, quando perguntamos se eles conheciam a música, eles disseram que não, mas, ao ouvi-la, eles logo identificaram alguns provérbios, como: quem semeia vento, colhe tempestade. Essa identificação havia acontecido porque, em algum momento, já haviam lido ou ouvido esses provérbios, que, por conseguinte, fazem parte da memória deles. Essa retomada foi importante para reforçar o que já disséramos e para a apresentação da atividade da terceira etapa.

Em seguida, distribuímos cópias da letra da música 'Anna Júlia', de Los Hermanos, e perguntamos se alguém a conhecia. Só uma aluna se manifestou,

dizendo conhecer começando a cantar o refrão: Outra Aluna Assen a J B  
 conhecer apenas música do seu tempo, provocando risos. Solicitamos que alguém fizesse a leitura e a aluna que disse conhecer a música se prontificou a ler. Depois dessa leitura, sugerimos que todos lêssemos juntos, em coro, e fizemos uma segunda leitura. Uns, ainda tímidos, apenas riam. Mais uma vez, perguntamos se, depois das duas leituras, alguém havia lembrado se já conhecia a música. Um ou outro confirmava que sim. Então, anunciamos que cantaríamos a música. Exibimos o videoclipe de Los Hermanos, com duração de 2 minutos e 30 segundos junto com as imagens. Nesse videoclipe, a atriz Mariana Ximenes representa Anna Júlia. Os alunos mostraram curiosidade em saber mais sobre a história da música e nos comprometemos com eles a postar, no nosso futuro grupo de WhatsApp, um pouco dessa história. Percebemos que os alunos cantavam mais durante o refrão da música. Em seguida, comentamos que, após conhecermos ou recordarmos uma letra ou uma música, lermos e ouvirmos, essas informações ficam gravadas em nossa memória.

Então, passamos a outro videoclipe disponível na internet, com duração de 3 minutos e 02 segundos, produzido por ~~o~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~paródia~~ ~~da~~ ~~música~~. ~~que~~ ~~tr~~ ~~a~~ ~~ouv~~ ~~í~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~os~~ anteriormente. Intitula-se "A mo leitura" e nela os dos livros que leram. Ao assistir ao videoclipe, nossos alunos falaram sobre os livros que eram mencionados, imagem e título, e diziam se os conheciam ou não.

Posteriormente, distribuimos mais um texto, com a letra de um rap. Aproveitamos para contar aos alunos que a origem da palavra rap seria uma ~~s~~ para *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). (TEPERMAN, 2012) musical teria surgido em Nova York no início dos anos 1970 e chegou ao Brasil nos anos 1980, quando era apreciado principalmente por jovens negros. Fizemos uma leitura do texto. As meninas liam uma estrofe e os meninos liam outra. Na leitura das meninas, percebemos mais fluência do que na leitura dos meninos. Depois, fizemos uma segunda leitura, todos juntos. Pedimos que lessem com mais intensidade e obtivemos uma leitura bem marcada nas rimas. Pouco depois, exibimos o videoclipe da música "Rap da Yes" de Wesley, com duração de 2 minutos e 08 segundos. após pesquisa na internet, não conseguimos muitas informações sobre o autor,

apenas seu primeiro nome. No videoclipe, aparece uma menina interpretando a música.<sup>5</sup>

Esse *rap* aborda os cuidados que devemos ter com a escola e valoriza os estudos. Os alunos identificaram na letra algumas atitudes que presenciaram na escola. Acharam o vídeo bem divertido e, ao final, perguntamos se gostariam de comentar algo sobre a música que haviam acabado de ler e ouvir. Uns disseram que gostam da escola; outros, que cuidam dela e que há muitos alunos que pensam que, já que a escola é pública, não precisam cuidar. Não queríamos analisar a letra da música, mas propor alterações no *rap*. Aproveitamos para ouvi-la e discuti-la novamente, pois os alunos queriam falar sobre algumas situações que acontecem na escola e que identificaram na música. Continuaram falando sobre a falta de respeito que alguns alunos demonstram, por exemplo, em relação aos utensílios da cozinha. Muitos lancham e deixam as vasilhas no pátio da escola. Citaram também a pichação dos banheiros, os vidros quebrados nas janelas. Fomos instigando-os a falar mais. Nesse ponto, percebemos o quanto a turma tem potencial. Ela só precisa de estímulo e espaço para participar.

Retornando do intervalo, dissemos aos alunos que era a hora de eles produzirem uma paródia. Solicitamos a uma aluna que estava sempre com o aparelho de celular à mão que pesquisasse o significado do vocábulo paródia e o lesse para a turma. Num primeiro momento, ela pareceu indiferente, entendendo nossa atitude como uma chamada de atenção. Insistimos, dizendo que seria interessante para a turma conhecer o significado da palavra. A aluna, então, fez a pesquisa. Em seguida, leu o que encontramos em uma crítica de uma obra (literária, teatral, musical) e apontou o *site* do dicionário Aulete.<sup>6</sup> Pedimos, então, que pesquisasse em outra fonte. Rapidamente, ela encontrou e satirizou o conteúdo e orçamos a pontuação em português.<sup>7</sup> Agradecemos e falamos à turma sobre a importância de buscar as informações em mais de uma fonte e sempre mencionar onde as encontramos.

Continuamos dizendo que, modernamente, a paródia é um jogo intertextual (Séa, 2013, p. 12).

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MDIHOg7MTwQ>>. Acesso em: 6 dez. 2016.

<sup>6</sup> <http://www.aulete.com.br/>

<sup>7</sup> <https://www.dicio.com.br/>

ponto de vista e que, para o leitor compreender a paródia, é preciso que ele tenha informação do texto parodiado, ou seja, um repertório (ou mesmo para decodificar os textos) (SANTANA, 2004, p. 26).

Lançamos, então, o desafio de recriar o *rap* de Wesley, apontando os problemas da escola citados nas discussões. Nesse momento, os alunos ficaram um tanto receosos, mas, após insistirmos um pouco, uma aluna sugeriu que fizéssemos a paráfrase da música. Entendemos que, pela sonoridade, pelo ritmo e pelo refrão da música, de que eles manifestaram gostar mais. Por fim, projetamos a letra dessa música no quadro de vidro e fomos alterando, mudando as palavras. Percebemos que alguns alunos não se envolveram, especialmente os meninos, que aparentavam estar envergonhados. Algumas meninas se sobressaíram, adiantando-se na tarefa. Aqueles alunos que nada diziam prestavam atenção nos que falavam. Nessa atividade, procuramos mostrar que a paródia se faz alterando algumas partes da música, mas preservando outras, que a identificam, para que o interlocutor possa reconhecer a música que foi parodiada.

Essa atividade demorou um pouco. Sentimos que alguns alunos já estavam cansados. Porém, continuamos instigando a turma a levantar as questões que queria contemplar na paródia. Os alunos falaram na falta de compromisso de alguns colegas com os estudos, dos que desistem e depois se arrependem, de a escola ser lugar de encontrar amigos, do fato de nela se sentirem seguros, da opinião de pais e professores, que sempre alertam sobre a importância dos estudos para crescer na vida e seguir um bom caminho. Alguns lembraram que, depois do Ensino Fundamental, ainda precisam cursar o Ensino Médio e passar no temido ENEM.<sup>8</sup> Outros disseram gostar da escola, mas não de estudar, apesar de entenderem a importância dos estudos.

Como o texto estava projetado no quadro, à medida que os alunos falavam, escrevíamos. Eles acompanhavam, modificavam, substituíam palavras, corrigiam uns aos outros. Às vezes, havia certo tumulto e tínhamos de intervir.

Aqui, cabe destacar o uso das ferramentas tecnológicas em nossa prática diária de sala de aula. Muito além de substituir o quadro e o giz, o computador e o projetor multimídia proporcionam agilidade, dinamismo, pois todos os alunos podem

---

<sup>8</sup> Exame Nacional do Ensino Médio, criado em 1998 como avaliação de desempenho dos estudantes de escolas públicas e particulares de Ensino Médio.

visualizar com nitidez o que está sendo projetado, podemos fazer e desfazer comandos, acessar arquivos diferentes, assistir a vídeos, salvar os arquivos, em vez de apagá-los (como acontece no quadro).

Finalmente, os alunos disseram que o texto já estava bom e pediram para assistirmos novamente a a *β β v i d e o c l i p e a d e s* ` A d propostas do nosso trabalho era a produção de um vídeo como aqueles a que tínhamos assistido. Imediatamente, sentimos a preocupação dos alunos, que, desde o primeiro contato, afirmaram não gostar de fotos. Eles parecem ter uma percepção negativa de si mesmos, dizendo-se feios. Entreviemos, acalmando-os e oferecendo outras possibilidades, como declamação e montagem de um vídeo com fotos, e dizendo que poderiam propor ainda outras formas de finalização para o trabalho.

Assim que terminamos, convidamos os alunos a fazer uma leitura, todos juntos, da paródia construída coletivamente por eles. A primeira leitura ficou meio descompassada. Pedimos que tentassem novamente, dando ênfase às rimas, a fim de perceber a sonoridade e o ritmo. Solicitamos uma leitura com mais entusiasmo, afinal, era uma produção deles mesmos. Sugerimos que se arriscassem a cantar, mas eles recusaram. Então, fizemos mais uma leitura, que fluiu melhor. Percebemos que os alunos gostaram, pois voluntariamente aplaudiram ao final, como forma de aprovação do que haviam acabado de fazer.

Foi uma tarde intensa, um pouco barulhenta, pois debatemos um assunto polêmico - a criação das regras do grupo de WhatsApp - ouvimos músicas, lemos todos ao mesmo tempo e produzimos um texto coletivo. O cansaço era visível; contudo, foi uma tarde proveitosa e os alunos solicitaram uma cópia da paródia que fizeram. Deixamos em aberto duas possibilidades para título e refrão, em virtude de alguns alunos dizerem amar a escola e não estudar e outros dizerem que amam a escola e estudam. A seguir, a primeira paródia.

Amo a escola / Amo estudar

Quem te vê estudando por aí  
 Não sabe como é bom  
 Conhecer e aprender sobre o mundo inteiro  
 Contemplar os livros e sonhar  
 Na certeza de encontrar um caminho  
 Na escola não estou sozinho  
 E me sinto seguro  
 Encontro carinho dos amigos  
 Eu me afogo em informação

Oh, amo a escola!  
Oh, amo estudar!

Nunca acreditei em outra solução pra mim  
De crescer e aprender no bom  
Caminho,  
Certo, seguro,  
Sem tormento e frustração  
Passando meus dias a estudar  
Minha vida está segura e meu destino, certo  
No caminho terá espinhos,  
Mas, com amor, estudo e dedicação,  
Os nossos sonhos lindos vamos  
Conquistar

Oh, amo a escola!  
Oh, amo estudar!

No fundamental e médio vou passar  
E com boa nota no Enem  
Na universidade vou entrar  
E assim me orgulhar  
Do caminho que segui  
E você que desistir vai querer voltar  
Oh, amo a escola!  
Oh, amo estudar!  
Autores: Turma do 9º Ano D

Ao final dessa aula, solicitamos aos alunos os cadernos, para que pudessemos levá-los para casa e ler o texto `história` anteriormente.

### 3.3.4 A criação do grupo de WhatsApp

No dia seguinte à última intervenção, conforme combinado com os alunos, criamos um grupo no WhatsApp e o intitulamos `Projeto de Leitura`.

Tão logo o grupo foi criado, os alunos iniciaram a interação. Informamos que estávamos lendo os textos deles e eles logo começaram a enviar símbolos, expressando alegria ou preocupação. Para continuar a interação, solicitamos que cada um informasse sua data de aniversário, e eles foram postando. Nesse meio tempo, uma aluna escreveu, abreviando algumas palavras, e outra aluna a corrigiu, dizendo que o grupo era de leitura e escrita e que não podia escrever errado. A primeira menina rebateu, dizendo que a colega não era a professora. Sentimos que era a hora de intervir. Pedimos que se acalmassem, que naquele espaço poderiam

escrever da maneira como quisessem; porém, ressaltamos que, quando fossem escrever em ocasião mais formal, monitorassem a escrita.

### 3.3.5 Levantando as questões apontadas na história de leitura dos alunos

Lemos os textos dos alunos, anotando os pontos importantes para o desenvolvimento do projeto. Ficamos satisfeitos, pois a maioria produziu o texto.

Quanto à origem dos alunos, grande parte é de Mato Grosso mesmo, alguns daqui de Paranatinga; outros são de outras cidades; dois, do Maranhão; e um é de Pernambuco. Muitos moram com avós, tios, primos, madrasta e padrasto e têm uma vida financeira difícil. Sentimos a angústia deles quando falam de seus desejos e sonhos, pois muitos dizem que querem estudar para ajudar a família. Percebem a dificuldade dos pais ou da família para sustentar a todos com o pouco que ganham. Disseram que gostariam que os colegas fossem mais comprometidos com os estudos e que não fizessem bagunça na sala de aula.

Nesse texto, importava-nos levantar as questões sociais que afetam os alunos no dia a dia, o que gostariam que fosse diferente, quais suas perspectivas para o futuro, seus gostos musicais e as leituras que já realizaram, bem como em que bairro moram. Constatamos que os alunos são oriundos de oito bairros diferentes da cidade.

Não nos detivemos em correções nesse primeiro texto, mas pudemos perceber que muitos escreveram com desenvoltura, com poucos erros ortográficos, alguns de concordância, ao passo que outros já apresentaram mais dificuldades com a escrita. Ainda assim, era possível compreender o que eles queriam dizer.

Quanto às questões sociais, os alunos citaram a situação dos moradores de rua, a violência, o preconceito, a fome, a corrupção, a preocupação com a preservação de nossos rios e matas, a valorização da escola e dos estudos. Anseiam por professores mais dedicados e por uma escola sem brigas. Citaram problemas com as drogas, falaram de depressão nos jovens, de guerras e conflitos.

Quanto aos sonhos e perspectivas para o futuro, apontaram o que queriam ser, citando as seguintes ocupações: modelo, policial, biólogo, engenheiro, empresário, advogado, delegado, médico, agrônomo, professor, jogador profissional, militar do exército, veterinário, caminhoneiro, pastor, ser rico. Apenas um aluno disse que só queria ter um emprego. Desmistificando a ideia preconcebida de que os

alunos não têm objetivos ou perspectivas, o que lhes falta é quem acredite neles, incentive-os aponte-lhes os caminhos possíveis para alcançar seus propósitos.

Um dos alunos demonstrou profunda admiração pela profissão de caminhoneiro, a profissão de seu pai. Disse n<sup>o</sup> 2 o texto a seguir de da *Bíblia* e manifestou gostar de vários estilos musicais.

Figura 2 - Recorte do primeiro texto do aluno A

Paranápolis - MT, Alim de Paranápolis - MT, moro no  
Rua Apolônio Baret de Mello N<sup>o</sup> 1326, Bairro Jardim  
Paranápolis. Meus pais são solteiros da Silva, meus  
meu pai Ademilson também da Silva, minha  
mãe trabalha na usina eu trabalho meu pai é  
caminhoneiro com muito orgulho, eu morei com  
minha mãe e meu padrasto, minhas qualidades,  
humildade, defeitos, não gosto de muita **zoação**, gosto  
de jogar bola, jogar no PC porque não gosto de ficar

parado o tempo todo. Quando não estou  
na Escola trabalho e de noite jogo no PC, a  
leitura mais que me marcou foi a **Bíblia**.  
Por que nela fala de "JESUS" as músicas  
que mais gosto **Reggae, Rap, Funk e Abitônio**.  
Minha meta é ser **caminhoneiro**, dentro de um  
caminhão você aprende para aprender a faculdade  
livre. Espero a volta de "JESUS" e meu  
próprio caminhão, meus objetivos são trabalhar  
muito e comprar meu próprio caminhão, meu  
sonho é ser caminhoneiro, desde ideia nenhuma  
por que todas são praticamente iguais! mudaria  
as pessoas tem mais respeito com os cam-  
nhoneiros, por que até hoje que está hoje,  
os caminhoneiros estão sendo tratados como  
bandidos...

Fonte: Arquivo pessoal.

Esse aluno j<sup>o</sup> ® havia citado, em conversas pelos fóruns  
colégas por Disse que, jogos, dão ficava perto de ninguém.

Figura 3 - Recorte do primeiro texto do aluno B

As músicas que gosto são sertanejo, funk e rap. Meus  
para o futuro terminar os meus estudos e conseguir  
um bom emprego, casar, ter filhos. Espero em me  
formar ser alguém na vida, meus objetivos e sonhos é  
chegar em ter uma empresa minha, casar, não existe  
escola ideal mais eu queria pelo menos que não ti-  
vesse muita burocracia e que os alunos se dedicassem  
mais nos estudos e que os professores continuem  
insistindo nos alunos se eu pudesse mudar alguma  
coisa no mundo eu tentaria mudar investir mais  
nos jovens para eles serem alguém na vida.

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao ler esse trecho, fomos tomados pela emoção. Podemos notar que os alunos precisam de alguém que acredite neles e, conforme a aluna escreveu, os professores continuem insistindo nos alunos para casar e ter filhos. É uma aluna de apenas 15 anos. No decorrer das aulas, aproximamo-nos dela e soubemos que ela vê no casamento uma chance para sair da vida que leva. Essa aluna vem de uma família com oito irmãs e é uma das mais novas, a quem cabe cuidar de um sobrinho, situação de que ela não gosta. Sentimos seu anseio por uma vida diferente, mas ela não vê possibilidade diferente do casamento. Ainda assim, durante o período em que permaneceu conosco, foi bastante participativa.

Figura 4 - Recorte do primeiro texto do aluno C

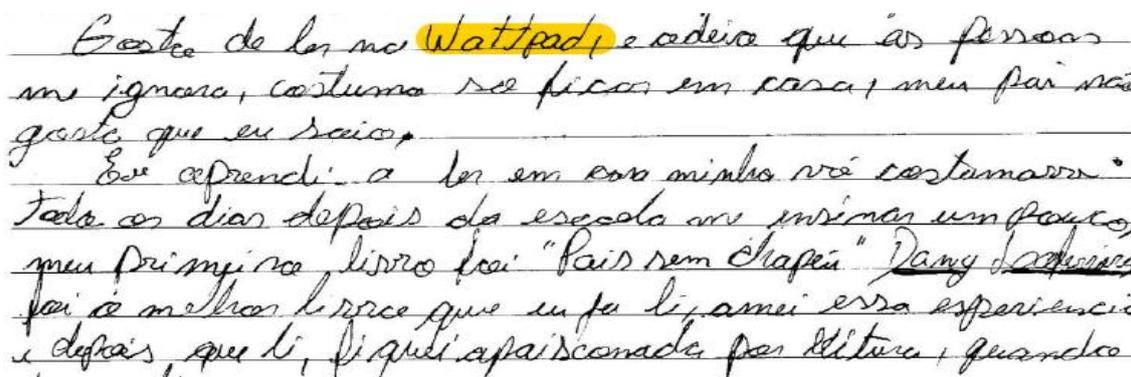
Eu sou Henrique Barchi. Eu nasci em Jaciara. Um de Jaciara  
nascido em Pernambuco. Eu meio tem um primo e um primo  
e tia e mãe. Meus pais são Neliane e Belaire.  
dependência e meio muito a bebida e muito gente jogar bebida  
jogar no celular do meu pai e jogar a vida não gosto de  
trabalhar muito trabalhar e estudar. Ter um irmão primo mais  
nada para estudar e fazer companhia para fazer o trabalho  
sim eu gosto de ir para o trabalho e meio que jogar bebida  
e meio muito para trabalhar com curso de papelão e muito a bebida  
e um grande trabalho. meio e eletrônica e alguns feiti-  
completar os meus estudos e jogar futebol e ser o melhor de  
maquina pessoal. ser um pessoalmente bom. O melhor e  
beber de muito mais e não é muito tempo  
Beber ideal e a bebida e a vida anterior e em estudos e

Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse outro recorte, o aluno diz que a maior dificuldade dele é morar em uma casa muito pequena, com a avó, uma tia, a mãe, os primos e primas. Diz que gosta de ler "O menino que joga bola", que conta muito habilidoso, que foi um grande campeão. Esse aluno cuida da bisavó e sonha ser engenheiro de máquinas pesadas, ajudar a mãe e a avó. Esse foi um dos alunos que demonstrou mais dificuldade em relação à escrita. No entanto, podemos perceber seu esforço, pois o texto apresenta vários reforços na escrita, indicando que ele se corrigia durante o processo.

Outra aluna escreveu duas folhas e meia de caderno, como se quisesse desabafar, falou das dificuldades que vive e de que gosta muito de ler, como fuga da situação.

Figura 5 - Recorte primeiro texto do aluno D



Gosto de ler no **Wattpad**, e adoro que as pessoas me ignorem, costumo me ficar em casa, meu pai não gosta que eu saia.  
 Eu aprendi a ler em casa minha mãe costumava ler todos os dias depois da escola me ensinava um pouco, meu primeiro livro foi "Pais sem Chapéu" Dany LaHerte foi a melhor leitura que eu já li, amei essa experiência e depois, que li, fiquei apaixonada por literatura, quando

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao apontar seu gosto pela leitura, cita que lê no Wattpad.<sup>9</sup> Pedimos, então, para que explicasse o que é o Wattpad. Ela respondeu que se trata de um aplicativo de leitura e nos enviou o *link* para baixarmos esse aplicativo. Daí, iniciamos uma socialização de experiências com esse tipo de leitura.

<sup>9</sup> O Wattpad é um aplicativo para usuários de Android que oferece acesso a uma plataforma digital com milhares de livros e contos gratuitos. Reúne uma das maiores comunidades de leitores do mundo. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/wattpad.html>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

Figura 6 - Recorte primeiro texto do aluno D

Muitas preferências musicais são músicas calmas e  
 ama música **pop e rap** apesar de serem ~~os~~ diferentes  
 eu amo os dois tipos de música. O meu futuro

Fonte: Arquivo pessoal.

A aluna continua, citando suas preferências musicais, e expõe sua preocupação com o preconceito e a falta de respeito, temas que discutiríamos ao longo das atividades do projeto.

Figura 7 - Recorte primeiro texto do aluno D

do, mas é que "muito acontece" e é um assunto muito  
 delicado e é o **preconceito**, o preconceito é um assunto  
 em que muitas pessoas tem opiniões diferentes, e devemos  
**respeitar** as opiniões que tenha sentido. Mas algumas  
 pessoas não expressa as esta e quem acham ditos e acabam  
 com facilidade e que não sabe, "alguns" a maioria  
 das pessoas do mundo tem um preconceito absurdo,  
 de não aceitarem e acaba desrespeitando a opinião  
 de pessoas que pensam ao contrário, e o mundo hoje  
 em dia tem muito disso, falar sem pensar nas,

Fonte: Arquivo pessoal.

Percebemos que os alunos apreciam todo tipo de música. Citaram *funk*, sertanejo, sertanejo universitário, *gospel*, MPB, *rock*, *pop*, *rap*, *reggae* e música eletrônica. Com base nessa manifestação, podemos considerá-los bons ouvintes, já que, na visão de Ferreira (2017, p. 18):

O mau ouvinte é simplesmente aquele que não se predispõe a ouvir e, de preferência, a ouvir de tudo um pouco, para então formar o seu gosto musical a partir de uma base sólida, segundo variadas experiências sonoras vividas.

Assim, como os alunos demonstraram apreciar vários estilos musicais, podemos tê-los como bons ouvintes.

Nessa primeira produção textual, anotamos várias ocorrências e inadequações no uso da língua, que posteriormente trabalhamos, com todos os alunos, sem apontar ou assinalar erros individuais.

Uma vez que a produção de textos é tomada a palavra do aluno como indicador dos caminhos que precisamos para direcionar as etapas posteriores.

Com base no que os alunos expuseram em seus textos, tornou-se imprescindível realizar uma roda de conversa para falar dessa produção. Deixamos em cada caderno um recado, incentivando os alunos a continuar lutando por seus sonhos, a ter foco e a valorizar os estudos, meio que eles mesmos percebem como fundamental para atingir o que almejam.

### 3.3.6 Roda de conversa: refletindo sobre a escrita

Ao lermos a história de leitura dos alunos, reservamos o espaço para discutir o que expuseram em seus textos. No dia 27 de abril, combinamos pelo grupo de WhatsApp que usaríamos apenas duas aulas, pois faríamos uma roda de conversa. Solicitamos à professora, com antecedência, o espaço da aula e agendamos a sala 18 para esse momento. Usamos uma música instrumental em volume baixo como fundo e os alunos, ao chegar à sala, cumprimentavam-nos e sentavam onde preferiam, sempre uns longe dos outros.

Em seguida, solicitamos que fizessem uma roda e perguntamos sobre o que escreveram em seus textos e se alguém gostaria de falar sobre a sua história de leitura. Fez-se silêncio. Quando percebemos que os alunos não falariam, iniciamos a conversa, dizendo o quanto gostamos dos textos deles, de suas perspectivas para o futuro e das questões sociais que apontaram. Daí em diante os alunos foram se soltando e falando sobre o que escreveram.

À medida que falavam, reforçávamos alguns pontos, trazendo para eles o que cada um de nós pode fazer para transformar os nossos desejos e sonhos em realidade e que a mudança que queremos fazer deve começar por nós. Também falamos um pouco da nossa trajetória de vida, para que eles percebessem que a nossa história se parece com a história da maioria deles.

Insistimos nas atividades de leitura para que melhorassem seu desempenho, que se interessassem pelos noticiários para ampliar sua visão e seu conhecimento de mundo. Falamos dos espaços da escola que podem frequentar, como o laboratório de informática e a biblioteca, pois a escola tem boa estrutura, bons professores. Expressamos também que depende dos alunos ter uma educação de qualidade. Recomendamos que formassem grupos de estudo e que viessem para a escola no contraturno, a fim de estudar.

Observamos que os alunos precisam ser orientados a desenvolver o hábito de estudar, visto que não é uma tarefa fácil, por exigir esforço, disciplina, concentração. Além disso, muitos não têm em casa um local adequado para estudar. Ressaltamos a importância de estabelecerem uma rotina diária de leitura, de ler os conteúdos das outras disciplinas e fazer empréstimos de livros. Nesse momento, os alunos reclamaram que, assim como o Laboratório de Informática, a Biblioteca também não funciona. Informaram já ter tentado e encontrado a biblioteca sempre fechada.

Diante dessa informação, consultamos a gestão da escola sobre o funcionamento da Biblioteca. Retornamos à sala para confirmar o que eles já sabiam e para explicar os motivos daquela situação. Decidimos, então, visitar a Biblioteca Municipal, que fica próxima à escola. Comprometemo-nos a fazer o agendamento e ir o quanto antes. Logo depois, voltamos à discussão sobre o que os alunos escreveram em seus textos. Foi um momento intenso, no qual percebemos que alguns alunos se emocionaram com a própria história de vida. Então, refletimos sobre o fato de serem tão jovens e já terem responsabilidades e tantas histórias de sofrimento e privações.

Nesse momento, analisamos o que podemos fazer para ajudar esses alunos que têm tantos sonhos, ao mesmo tempo em que passam por tantas dificuldades. Talvez esteja aí a razão de muitos chegarem à escola desmotivados. Falta quem os escute, quem os incentive. Lembramos do texto da aluna que diz que quer `que os professores continuem insistindo com os jovens\_, ou seja, que nunca desistamos deles. Dissemos acreditar muito em cada um e que todos aqueles desejos e sonhos podem se tornar realidade, que eles se empenhem nos estudos e também não desistam de seus sonhos, que tracem metas e tenham foco, que certamente chegarão onde desejam, pois somente eles podem mudar a própria história.

Em seguida, informamos que, no final dos textos, havia um recado para cada um. Conforme dissemos, não fizemos nenhuma correção gramatical. As ocorrências que surgiram seriam trabalhadas no decorrer das atividades e cada um poderia reler o seu texto e fazer as adequações que julgasse necessárias. Ao entregarmos os cadernos, vimos que os alunos já foram em busca do recado que havíamos deixado no final. Por alguns minutos, só ouvimos a música instrumental que tocava. Percebemos que muitos se emocionaram ao reler seus textos. Pedimos que refletissem sobre as questões sociais que levantaram. Dissemos que os desejos e sonhos que apontaram deveriam servir de motivação para buscarem o conhecimento e se dedicarem aos estudos.

Depois disso, listamos todas as temáticas apontadas nos textos e perguntamos quais iríamos priorizar em nossas discussões. Inicialmente, os alunos queriam que todas permanecessem. Porém, como contamos 19 temas, dissemos que teríamos de reduzir essa quantidade. Ainda assim, ficamos com dez temáticas apontadas por eles para nortear as discussões nas etapas seguintes.

Definida as temáticas, propusemos formar as equipes para problematizar as questões. Quando falamos do trabalho em equipe, sentimos que seria outro desafio, pois alguns demonstraram insatisfação em trabalhar em grupo. Reforçamos que precisamos uns dos outros. Conforme eles pediram, receberam uma cópia da paródia que fizeram coletivamente no encontro anterior.

### 3.3.7 Atividade extraclasse: assistindo e ouvindo as notícias da cidade

A terceira etapa da proposta consistia em pesquisar notícias em *sites* locais e regionais, no Laboratório de Informática da escola. Entretanto, a intervenção iniciou com o laboratório fechado para uso. Como a mesma situação perdurava, demos continuidade ao trabalho com base nas temáticas que levantamos na produção da história de leitura dos alunos. Ainda nessa etapa, prevíamos uma atividade extraclasse, que compreendia ouvir as rádios locais, assistir à TV local e anotar as notícias divulgadas nesses veículos, para posterior discussão em sala de aula. Assim, aproveitamos um sábado letivo e fomos até a sala de aula dos alunos para discutirmos a seguinte proposta.

Proposta de Atividade (utilizem o caderno do projeto)

1 - Assistam à TV local e ouçam as rádios locais e anotem as principais notícias divulgadas nesses veículos de comunicação. Não se esqueçam de indicar a fonte.

Imediatamente, um aluno disse que a TV afiliada do SBT havia fechado. Então solicitamos que fizessem o que fosse possível e, assim que concluíssem essa atividade, retornaríamos a ela em sala de aula. Orientamos que selecionassem as notícias que mais lhes chamassem a atenção e que, durante o tempo em que estivessem ouvindo o rádio, anotassem as músicas que estavam sendo mais pedidas e tocadas.

### 3.3.8 Formação das equipes e a distribuição das temáticas

Continuando à terceira etapa, agendamos mais um dia com quatro horas-aula para realização das atividades de intervenção. Como já havíamos definido as temáticas a serem trabalhadas, iniciamos com uma dinâmica para separação das equipes. Distribuímos chocolates diferentes aos alunos - Diamante Negro, Prestígio, Chokito, Alpino e Talento - de forma a ter cinco ou seis embalagens iguais distribuídas entre eles. Logo após, projetamos as temáticas que selecionamos em sala de aula, a saber: conflitos, preconceito, discriminação, *bullying*, drogas, violência, preservação da natureza, racismo, depressão e indisciplina na escola.

Em seguida, explicamos como desenvolveríamos a atividade: definição das equipes e sorteio do primeiro tema. Ao final das discussões, cada equipe teria trabalhado com duas proposições. Ao interpelar os alunos sobre alguma dúvida, logo perguntaram se poderiam escolher sua equipe. Solicitamos que cada um apresentasse a embalagem do seu chocolate e se agrupasse com quem tivesse uma embalagem igual à sua.

A turma ficou agitada, cada um falando qual era a sua embalagem, querendo fazer trocas, demonstrando insatisfação ou contentamento. Deixamos que se organizassem durante alguns minutos. Assim que eles conseguiram se agrupar conforme o combinado, foi preciso intervir, pois alguns não aceitaram a equipe que haviam formado. Após muita conversa, quando percebemos que não seria produtivo

ficarem num grupo em que não queriam estar, decidimos deixá-los livres para se agruparem.

Resolvida a questão da formação das equipes, sorteamos os temas com um pequeno texto sobre a temática, seguida de algumas questões, além das quais pedimos que elaborassem ao menos mais uma. Os alunos deveriam discutir com a própria equipe a partir das questões. Depois, socializaríamos com as demais equipes o que havia sido discutido. Os primeiros temas sorteados foram preservação da natureza, discriminação e preconceito, *bullying*, valorização da escola e conflitos.

As equipes já definidas receberam os excertos a seguir, com as suas respectivas questões para debate. Indicamos a fonte e solicitamos que pesquisassem em seus celulares outras informações acerca do tema.

As questões eram apenas para subsidiar os alunos nas discussões, uma vez que eles estavam apreensivos. Com base nelas, poderiam ampliar as discussões.

Figura 8 - Temática 1 - Preservação da natureza

<p>A importância de preservar a natureza</p>  <p>Preserve a Natureza... ...Você faz parte dela!</p> <p>Preservar o meio ambiente é fundamental para manter a saúde do planeta e de todos os seres vivos que moram nele. Para celebrar o esforço em proteger os recursos naturais, a ecologia é a ciência que estuda as relações entre os seres vivos e os meios onde vivem. Os seres humanos só conseguem sobreviver graças à natureza. Afinal, usamos os animais e plantas para nos alimentar, água para beber e tomar banho, e muitos outros recursos que nem percebemos.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Que atitudes devemos adotar para preservar o meio ambiente?</li> <li>2) Como é feita a coleta de lixo em seu bairro?</li> <li>3) Você conhece os rios do nosso município? Para que eles são utilizados? Eles estão sendo preservados?</li> <li>4) O que podemos fazer para cuidar da nossa cidade?</li> <li>5)</li> </ol>
--	---

Fonte: Disponível em: <<http://www.gazetasaomateus.com.br/a-importancia-de-preservar-a-natureza/>>. Acesso em: 6 maio 2017.

Figura 9 - Temática 2 - Discriminação e preconceito

<p><b>Discriminação</b> é o ato de separar, injuriar e humilhar. Pode ocorrer em diversos contextos, porém, o contexto mais comum é o social, através da discriminação social, cultural, étnica, política, religiosa, sexual ou etária, que podem, por sua vez, levar à exclusão social.</p> <p><b>Preconceito</b> é um juízo manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória perante pessoas, culturas, lugares ou tradições considerados diferentes. Pode ser usado no sentido pejorativo, costuma ser simplista, grosseiro e maniqueísta. As formas mais comuns de preconceito são: social, racial, cultural e sexual. Para um indivíduo ser ou não preconceituoso podemos avaliar suas formas de socialização, isso distinguirá seus primórdios e no que ele virá a se transformar.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Que atitudes devemos ter diante de situações em que a discriminação e o preconceito estão presentes?</li> <li>2) Você já presenciou alguma atitude preconceituosa? Quer falar sobre isso?</li> <li>3) Você já foi vítima de preconceito? De que tipo?</li> <li>4) Como os professores e alunos podem lidar com essas situações em sala de aula e na escola?</li> <li>5)</li> </ol>
--	--

Fonte: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Discriminacao>>. Acesso em: 6 maio 2017.

Figura 10 - Temática 3 - *Bullying*

<p style="text-align: center;"><b><i>Bullying</i></b></p>  <p>Cena de assédio escolar registrada no primeiro dia de aula contra um aluno do Instituto Regional Federico Errázuriz, no Chile.</p> <p><b><i>Bullying</i></b> é um termo em inglês, utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, que causam dor e angústia e são executados dentro de uma relação desigual de poder. <i>Bullying</i> é um problema mundial, sendo que a agressão física ou moral repetitiva deixa sequelas psicológicas na pessoa atingida.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Na sua escola, há casos de <i>bullying</i>?</li> <li>2) Você já foi vítima de <i>bullying</i>?</li> <li>3) Você já praticou <i>bullying</i> contra algum colega de sala ou da escola?</li> <li>4) Você conhece algum caso em que a pessoa sofreu ou praticou <i>bullying</i>?</li> <li>5)</li> </ol>
--	--

Fonte: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>>. Acesso em: 6 maio 2017.

Figura 11 - Temática 4 - Valorização da escola

<b>Valorização da Escola</b>	
<p>Um ambiente provido de valorização do conhecimento desenvolve esse valor naturalmente nas pessoas.</p> <p>O conhecimento do aluno, o desenvolvimento de sua capacidade, os usos de suas habilidades dependem de um ambiente que favoreça a aprendizagem e do desempenho do professor, que deverá proporcionar um `con` culturais, a fim de favorecer o progresso mental.</p>	<p>1) Como deve ser o ambiente escolar?</p> <p>2) Quem são os responsáveis pelo bom desenvolvimento da aprendizagem escolar?</p> <p>3) A participação dos pais é importante no dia a dia da escola?</p> <p>4) Você valoriza a sua escola e seus professores?</p> <p>5) Quais atitudes de valorização da escola devemos ter?</p> <p>6)</p>

Fonte: Disponível em : <<http://direcionalescolas.com.br/2014/02/03/ambiente-escolar-influencia-aprendizagem-docente-e-discente/>>. Acesso em: 6 maio 2017.

Figura 12 - Temática 5 - Conflitos

<b>Os conflitos mundiais recentes</b>	
 <p>Os conflitos entre nações acontecem desde que o mundo é mundo e isso faz com que muitas pessoas sofram. Enquanto alguns conflitos estão mais em evidência, outros mal são divulgados.</p> <p>O conflito entre nações é algo muito mais comum do que pensamos. E por incrível que pareça, não são poucos e estão mais próximos do que parecem. Claro que muitos desses conflitos são amplamente divulgados - e explorados - pela mídia, enquanto outros conflitos nós mal temos notícia.</p>	<p>1) Você tem assistido aos noticiários sobre os conflitos mundiais?</p> <p>2) Que situação de conflito você já estudou ou ouviu falar?</p> <p>3) Como esses conflitos afetam a vida das pessoas?</p> <p>4) É possível resolver as situações de conflitos sem violência?</p> <p>5)</p>

Fonte: Disponível em: <<http://www.clickescolar.com.br/os-conflitos-mundiais-recentes.htm>>. Acesso: em 6 maio 2017.

Após o momento de formação das equipes e distribuição das temáticas, os alunos se organizaram na sala. Como o espaço é amplo, foi possível a movimentação deles. Todos ficaram bem acomodados e um grupo relativamente

distante do outro. Mais uma vez, colocamos uma música instrumental em volume baixo como fundo. Nenhum aluno se manifestou sobre a música, mas percebemos o efeito dela sobre a turma, pois todos se acalmaram e permaneceram bem concentrados na tarefa. Adotamos essa dinâmica por acreditar que a música desenvolve nos alunos sensibilidade na mais observação de questões próprias das suas vivências, frustrações, anseios e sonhos. A música amplia seu universo cultural, desperta neles as emoções e a memória.

Nesse primeiro momento, passamos em cada uma das equipes, reforçando as orientações de que poderiam pesquisar outras fontes, debater sobre o que sabiam em relação ao tema, citar alguma experiência, algum caso conhecido. Também nos colocamos à disposição das equipes.

Depois de alguns minutos, a equipe que ficou com o tema *bullying* manifestou que o tema era bom, pois todos os integrantes da equipe já haviam sofrido com isso. Ficamos surpresos, pois o tema fora sorteado. Porém, disseram que, no momento da socialização, não gostariam de dizer que já foram vítimas de *bullying*. Então, orientamos os alunos a falar como se estivessem referindo-se a outra pessoa. Poderiam dizer que os fatos diziam respeito a alguém conhecido, mas que, no grupo, poderiam conversar abertamente sobre o ocorrido. Percebemos, em alguns momentos, que, ao falar do assunto, os alunos se emocionavam. Sentimos que o tema era recorrente.

De vez em quando, perguntávamos se estavam conseguindo ampliar as discussões e percebíamos que estavam bastante engajados na atividade. Em seguida, chamamos a atenção deles, no intuito de reforçar que o que estavam fazendo era uma intensa interação verbal, na qual cada um expunha sua opinião, aceitava ou discordava da opinião do colega, argumentava, desenvolvendo habilidades orais. Dissemos ainda que, nessa interação, estavam fazendo uso da gramática, pois a fala também acontece por meio de textos e os colegas de grupo são os interlocutores. Reforçamos que a ação dá na interação com os outros e também na medida em que vamos lendo textos com novas palavras. CARVALHO, 2018, p. 172

Nessa aula, percebemos que os alunos estavam muito acostumados a realizar as atividades sozinhos, por isso, tinham dificuldade de trabalhar em grupo. Entretanto, dialogando e mostrando a importância da interação entre eles para o aprendizado, conseguimos envolver a turma. Os alunos precisam ser orientados

para esse trabalho de colaborar com o outro, de se colocar no lugar do outro, de ouvir e respeitar a opinião do colega. A socialização das discussões ficou para o encontro seguinte.

Depois dessa atividade, anunciamos outra, extraclasse, prevista para a quarta etapa do projeto: a realização de entrevistas com moradores da cidade. Pensamos em desenvolver essa atividade com base em uma entrevista estruturada, seguindo algumas perguntas para chegar às informações que os alunos deveriam obter dos moradores. Ao propor a atividade aos alunos, estes logo disseram que a professora de História pedira uma atividade dessa e ninguém conseguiu fazer, pois as pessoas não quiseram parar para serem entrevistadas. Em vista desse relato, pedimos que fizessem uma entrevista não estruturada, ou seja, proporiam uma conversa informal com familiares e vizinhos, falando das questões do bairro e da cidade, instigando-os a também manifestar suas opiniões. Assim, os entrevistados apontariam os problemas do bairro e da cidade e também o que gostariam que fosse modificado ou melhorado. Orientamos para que, no momento da conversa, os alunos não anotassem nada, para não inibir os entrevistados. Após a coleta das informações, eles escreveriam no caderno do projeto aquilo de que se lembrassem.

Ao terminarmos de fazer essa proposta aos alunos, uma aluna nos questionou a respeito do que faríamos com as informações dos moradores. Dissemos que socializaríamos entre nós as questões de cada bairro que levantassem. Ela continuou perguntando de que adiantaria isso. Por um momento, não tivemos resposta para dar a essa aluna, pois o que objetivávamos com a atividade era apenas promover o debate das questões em sala de aula. Perguntamos a ela o que sugeria. A aluna respondeu que poderíamos cobrar ações dos vereadores, porque os bairros precisam de melhoria. Solicitamos, então, que realizassem a atividade e dissemos que tentaríamos agendar um encontro com os vereadores. Percebemos que o nível de motivação mudou com a possibilidade de irmos à Câmara Municipal. Os alunos demonstraram contentamento com essa proposta, confirmando as palavras de Geraldi (2013, p. 137), que, para produzir um texto, é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (c), e (d).

Diante disso, reforçamos que realizassem a atividade, lembrando-os que eles representavam oito bairros do município: Cibrazém, Concórdia, Novo Horizonte, Vila Nova, Colina Verde, Centro, Rui Barbosa e Flamboyant. Nesse dia, postamos no grupo de WhatsApp algumas mensagens para motivar os alunos a realizar as atividades extraclasse.

Ainda indicamos aos alunos os *sites* que trazem notícias sobre a cidade. Dissemos que aqueles que tivessem acesso à internet em casa poderiam pesquisar e trazer as informações que encontrassem. A atividade a seguir foi postada no grupo.

Proposta de Atividade (utilize o caderno do projeto)

2 - Converse com seus familiares e vizinhos sobre as necessidades do seu bairro/cidade e que melhorias querem para tornar o bairro/cidade onde moram um lugar mais agradável e com qualidade de vida. Especifique quais as melhorias querem para o bairro e para a cidade.

### 3.3.9 A interação nas e das equipes: a socialização das primeiras temáticas e a visita à Biblioteca Municipal

No dia 18 de maio, tivemos mais um encontro da intervenção. Havíamos agendado a sala de reuniões e encaminhamos os alunos para lá. Solicitamos que se juntassem nas equipes, a fim de continuar as discussões. Logo em seguida, faríamos a socialização das primeiras temáticas sorteadas. Como já haviam iniciado as discussões, demos um tempo apenas para revisitarem suas anotações. Após alguns instantes, propusemos formar uma roda para iniciar a interação entre equipes. Ao iniciar a discussão, fomos solicitados a mudar de sala, pois ali haveria uma palestra para alunos de terceiro ano sobre o potencial turístico de Paranatinga. Houve um princípio de tumulto. Os alunos não queriam sair da sala, mas, com diálogo, tudo foi resolvido, não sem todo o transtorno de deslocar os alunos para outro espaço.

Enfim, perdemos alguns minutos até retornarmos para a sala de aula regular. Ao chegar lá, os alunos arrastaram as mesas para juntar as equipes. Nesse meio tempo, houve um conflito entre duas alunas. Diante desse fato, tivemos de suspender o trabalho. Vimos, então, uma oportunidade para conversar com a turma

sobre os temas definidos. Falamos de companheirismo, de respeito, de amizade, de paz, de comunicação sem violência e de soluções pacíficas para tudo.

Em seguida, retomamos a atividade, solicitando de cada equipe o nome de quem falaria sobre as questões. Porém, todos deveriam contribuir com as discussões. Orientamos que falassem qual o tema, apresentassem os integrantes da equipe e dissessem o que debateram. Para isso, poderiam ler o excerto, as perguntas e as respostas das questões norteadoras. Também deveriam dizer se fizeram alguma pesquisa relacionada ao tema e que outras informações obtiveram dessa pesquisa. Inicialmente, os alunos estavam inibidos. Íamos orientando, dizendo que estávamos todos ali para aprender e que também ajudaríamos nas discussões. Solicitamos que as demais equipes prestassem atenção. Primeiramente, só ouviriam e poderiam anotar algum questionamento. Depois da exposição do grupo, abriríamos espaço para a discussão.

Dessa forma procedemos e a primeira equipe falou sobre qual tema trabalhou. Apresentou os colegas, leu o excerto, as perguntas e as respostas, bem como as perguntas que eles mesmos formularam. Depois, solicitamos que os demais alunos contribuíssem com a equipe que acabara de apresentar. Instigávamos a discussão indagando se concordavam com a posição, a opinião e a resposta da equipe, se podiam acrescentar algo ou contribuir com o grupo. O primeiro tema discutido foi preservação da natureza; em seguida discriminação e preconceito, o último foi a valorização da escola.

Nesse dia, também agendamos, para após o recreio, uma visita à Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis. Notamos que os alunos ficaram entusiasmados com a notícia. Não os avisamos com antecedência, queríamos mesmo surpreendê-los, já que havíamos nos comprometido que a leva-los lá.

Após o intervalo, orientamos a turma sobre como proceder na Biblioteca e convidamos a professora de Língua Portuguesa para nos acompanhar. No trajeto, íamos pedindo a eles que identificassem o que tínhamos nos arredores da escola. Os alunos iam narrando, brincando, demonstrando satisfação com essa atividade. A Biblioteca fica próxima à escola, mas demos uma volta para chegar lá, pois queríamos que eles observassem o entorno. O espaço da Biblioteca é amplo, bem climatizado, tem várias mesas redondas com cadeiras estofadas e pufes. É um ambiente bastante acolhedor, com um acervo amplo e diversificado.

Ao chegarmos, a técnica da biblioteca, que já nos aguardava, recebeu-nos, mostrou os livros disponíveis para os alunos e disse a eles que poderiam fazer uma ficha para pegar livros emprestados. Os alunos foram olhando, folheando livros, acomodando-se nas mesas, espalhando-se pelo chão. Notamos que eles já estavam mais próximos uns dos outros, alguns já demonstravam cumplicidade, já tinham estabelecido vínculos de amizade, e assim prosseguiram. Um grupo preferiu ler uns para os outros, outros escolheram ler sozinhos e um grupo pediu para que lêssemos para eles. Alguns alunos apenas folhearam os livros, buscaram imagens, fotos e ilustrações. Outros manifestaram o interesse em fazer empréstimos de livros e a técnica forneceu a ficha para preenchimento. Ajudamos os alunos nessa tarefa, que consideramos como uma excelente oportunidade de aprendizagem, pois alguns não sabiam como preencher uma ficha. Auxiliamos, orientando-os. Reforçamos que a escrita está envolvida nas mais diversas atividades com as quais nos deparamos e intermedeiam nossas práticas sociais.

A bibliotecária solicitou uma foto da turma e a nossa assinatura em um livro. Informou que as visitas são relatadas em livro próprio e que é coletada a assinatura dos visitantes. Em seguida, ela acrescenta algumas fotos. Mostrou-nos o livro já com vários registros. Os alunos gostaram de fazer parte daquele livro e, dessa vez, posaram para foto.

Nesse dia, ficamos quatro aulas juntos. As duas primeiras para socialização dos temas e as duas últimas para a visita à biblioteca. Foi uma tarde intensa, com interrupções, porém produtiva. Consideramos as diversas leituras realizadas nessa visita: alguns alunos preencheram ficha de cadastro e aprenderam o que é filiação e logradouro, por exemplo; outros escolheram as leituras que queriam, leram e conversaram sobre os livros. Apresentamos a biblioteca como espaço de estudo, lazer e incentivamos os alunos a desenvolver o hábito de ler, condição indispensável para acesso à informação e ao conhecimento.

Os acontecimentos do dia nos fizeram refletir sobre a importância do relacionamento entre professor e alunos e da empatia entre os atores de sala de aula. Diante do conflito que surgiu, provocamos uma reflexão sobre a mudança de postura. Pudemos mediar e estabelecer um vínculo de confiança e respeito, pois, ao evitar encaminhar as alunas à coordenação, demonstramos postura firme, imparcial e de apoio às alunas. Ouvimos as partes envolvidas e tentamos acalmar os ânimos.

Sabemos que a sala de aula é muito dinâmica e apresenta desafios diariamente. Nesse cenário, os imprevistos acontecem, então, devemos estar atentos ao comportamento dos alunos e intervir sempre que necessário, pois ignorar os acontecimentos é deixar os estudantes livres para resolverem os problemas à sua maneira. Em algumas situações, parece que nem a formação e nem a experiência são capazes de nos dar condições para resolver os conflitos. Todos os acontecimentos da sala de aula podem ser levados aos alunos como reflexão, para que eles percebam que conviver em grupo, seja na escola, seja em casa, seja no trabalho ou em qualquer outro meio social necessita de regras e que podemos resolver qualquer situação com diálogo.

### 3.3.10 A interação nas e das equipes: distribuição das novas temáticas e socialização

Estamos no que compreendemos ser a quinta etapa do projeto, já modificada, pois, em vez de trabalharmos só com as notícias da cidade, optamos por acrescentar os temas apontados pelos alunos em seus textos, que denominamos de história de leitura. Vale mencionar que a visita à Biblioteca não estava prevista, constituindo, então, um desdobramento das etapas, em razão do interesse da turma, que julgamos significativo.

Deste ponto em diante as atividades se imbricaram, ou seja, houve junção de algumas etapas. Seguimos o plano de ensino (Anexo A), porém, incluíamos ou modificávamos atividades conforme as circunstâncias.

Ao mesmo tempo em que desenvolvíamos semanalmente atividades em sala de aula, os alunos tinham duas atividades extraclasse para concluir: ouvir as rádios locais e assistir aos noticiários, a fim de registrar notícias sobre a cidade; entrevistar moradores do bairro onde residem e os próprios familiares, para saber que melhorias almejam para o bairro ou a cidade.

Durante o tempo em que não estávamos com os alunos, continuávamos nossa interação pelo grupo de WhatsApp, que foi muito importante para uma comunicação constante. Por esse meio, orientávamos quanto às atividades a realizar, continuávamos as discussões sobre os temas escolhidos e, ainda, felicitávamos os aniversariantes, do que eles gostavam muito. Assim, os alunos estavam sempre bem informados sobre as atividades do projeto e sabiam o que

faríamos no encontro seguinte. Além disso, também tratavam no grupo de assuntos de outras disciplinas, tiravam dúvidas sobre alguma atividade e informavam o horário das aulas do dia.

Alguns dias depois de nossa visita à biblioteca, vimos que a funcionária divulgara nossa visita em sua rede social, no Facebook. Os alunos demonstraram satisfação e aprovaram a divulgação.

Retomamos as discussões. Os dois últimos grupos iniciaram suas apresentações. Conforme as equipes discorriam sobre os temas, contribuíamos com reflexões e questionamentos para as demais equipes. Os temas que mais chamaram a atenção foram discriminação e preconceito. A equipe encarregada desses temas declarou que procurou no dicionário o significado dos dois termos, pois acreditava que teriam o mesmo sentido. Solicitamos, então, que fizessem a leitura do que encontraram. Concluíram que, mesmo que o dicionário apresente definições distintas, a prática desses atos era resultante da intolerância. Daí em diante o termo tolerância passou a ser discutido. Os alunos lembraram alguns casos de violência entre colegas na escola e expressaram acreditar que tenham acontecido por intolerância.

Percebemos que os alunos já estavam mais autônomos. Foram buscar informações em outras fontes. Citaram casos divulgados nos jornais de circulação nacional e foi necessário delimitar o tempo de apresentação de cada equipe, bem como controlar os turnos das falas, pois não queriam parar de falar e, se permitíssemos, falaria todos ao mesmo tempo.

Em relação ao tema de valorização da escola, os alunos citaram casos de indisciplina, de desrespeito aos professores, brigas, lixo jogado no chão, banheiros pichados. Enquanto falavam, procurávamos mostrar-lhes que, se adotassem uma nova atitude, certamente outros colegas também mudariam, reforçando que a mudança começa em nós.

Em seguida, distribuimos cópias da letra de Guilherme Arantes, e exibimos um vídeo com a música. Ouvimos uma primeira vez, com os alunos acompanhando a letra. Propusemos que ouvíssemos novamente, cantando. Alguns cantaram, outros só acompanharam a leitura, mas, no refrão, um número maior de alunos cantava.

Logo após, exibimos um vídeo de [http://www.youtube.com/watch?v=stã~42\\_](#) disponível na internet. Esse vídeo aborda

mostrando a história da família de dona Delminde, que mora no sertão de Pernambuco, em Santa Cruz de Venerada. A família sobrevive usando diariamente 13 litros de água. Os alunos riram do linguajar da entrevistada e aproveitamos para discorrer sobre variações linguísticas, por entendermos ser a oportunidade boa para tratar do assunto. Aproveitamos, também, para lembrá-los de que tínhamos dois alunos na sala da mesma região de dona Delminde, a região Nordeste.

Nas palavras de Geraldi (2012, p. 35),

todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma. A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem. Por isso, muitas vezes, percebem-se diferenças na fala de pessoas de classe diferente, de idade diferente, de sexo diferente, de etnia diferente, etc.

Dissemos, ainda, que a variação que eles perceberam é uma variação regional e social, ou seja, a maneira de pronunciar alguns fonemas própria da comunidade do sertão onde dona Delminde mora. Quando perguntamos aos alunos o que eles perceberam no sotaque nordestino, citaram a pronúncia de algumas vogais. Por exemplo, quando a entrevistada t umado que mode fic® bem refrescada, a l m `pud, , que corresponderiam Nas`b p t h a v r a s` p d Ricardo (2004, p. 30), `no Brasil, a varia de alguns sons, no ritmo, na melodia e em a percepção dos alunos.

Falamos do preconceito que existe em relação aos diversos falares, denominado preconceito linguístico. Ele ocorre quando destratamos ou ridicularizamos uma pessoa pelo seu modo de falar. Acentuamos que devemos valorizar essas diferenças, pois fazem parte da nossa cultura, da história social das pessoas e caracterizam as diversas regiões do país. Orientamos os alunos a observar que também o gênero, a escolaridade, a idade, a classe social e a profissão apresentam variantes linguísticas.

Salientamos que não há uma maneira certa ou errada de usar a língua, e sim a de qua `Pes de uso de acordo com a situa ` 2 o língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a

um povo exprimir o mundo físico e simbólico. Acrescentamos que existem as variedades de prestígio, ou seja, a linguagem formal ou padrão, e as não prestigiadas, linguagem informal ou não padrão. Conhecer essas variedades e adequá-las ao evento vivenciado é fundamental para o uso competente da língua, e a escola um espaço privilegiado de acesso à variante formal. Os alunos precisam aprender a formalidade (FERRAREZI; CARVALHO, 2015, momentos, fazemos uso da linguagem despreocupadamente, já em outros devemos monitorar nossa linguagem. Essas variedades ocorrem tanto na fala quanto na escrita.

Objetivávamos, com a exibição do vídeo, sensibilizar os alunos para o uso da água em suas casas. No dia da apresentação ouvimos vários relatos de desperdício de água, como aguar quintal, lavar calçadas, lavar carros, tomar banho de mangueira. Após assistirem ao vídeo, alguns alunos comentaram que agora cuidariam mais da água. Outros disseram que, como na casa deles não faltava água, não economizariam. Então, iniciamos um debate sobre que atitudes devemos adotar para não faltar água para ninguém.

Citamos o problema de desabastecimento que enfrentamos no ano anterior, quando o nível de água do rio Paranatinga, que abastecia a cidade, estava muito baixo e a companhia de abastecimento passou a captar a água de outro rio, denominado Corgão, antes só utilizado para lazer e para abastecer as chácaras às suas margens. O Corgão é um rio de água transparente, que atrai muitos visitantes; em alguns pontos dele, já existem balneários.

Ao finalizarmos essa discussão, passamos novamente ao sorteio dos temas restantes: racismo, drogas, depressão, violência e indisciplina na escola. Em seguida, distribuímos os textos e as questões para nortear as discussões.

Figura 13 - Temática 6 - Racismo

<p style="text-align: center;"><b>Racismo</b></p> <p>Racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre os povos. Muitas vezes toma a forma de ações sociais, práticas ou crenças, ou sistemas políticos que consideram que diferentes raças devem ser classificadas como inerentemente superiores ou inferiores com base em características, habilidades ou qualidades comuns herdadas. Também pode afirmar que os membros de diferentes raças devem ser tratados de forma distinta.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Existe racismo na escola?</li> <li>2) Como devemos combater o racismo na escola?</li> <li>3) Você já foi vítima de racismo?</li> <li>4) Você conhece alguém que sofre ou já sofreu por conta do racismo?</li> <li>5)</li> </ol>
--	---

Fonte: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Racismo>>. Acesso em: 6 maio 2017.

Figura 14 - Temática 7 - Drogas

<p style="text-align: center;"><b>Drogas</b></p> <p>É no período entre a adolescência e o início da idade adulta que ocorrem os maiores níveis de experimentação e problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas.</p> <p>Muitos jovens, apesar do pouco tempo de uso de substâncias, passam muito rapidamente de um estágio de consumo para outro, além de fazerem o uso de várias substâncias ao mesmo tempo. Por outro lado, uma grande parcela deles diminui significativamente o consumo no início da fase adulta, para adequar-se às obrigações da maturidade (trabalho, casamento e filhos).</p> <p>Vários estudos demonstram que quanto mais cedo se inicia o uso de drogas, maior a chance de desenvolvimento de dependência.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Qual é o melhor caminho para livrar os adolescentes das drogas?</li> <li>2) Existem casos de uso de drogas na escola, no seu bairro, na sua cidade?</li> <li>3) Como o jovem deve agir diante de uma situação em que alguém lhe oferece algum tipo de droga (lícita ou ilícita)?</li> <li>4) Qual o papel dos pais/família e da escola com o jovem que se envolve com as drogas?</li> <li>5)</li> </ol>
---	---

Fonte: Disponível em: <<http://www.vidasemdrogas.org/adolescencia.html>>. Acesso em: 5 maio 2017.

Figura 15 - Temática 8 - Depressão

<p style="text-align: center;"><b>Depressão, uma dor que permanece oculta</b></p> <p>Isolamento, irritabilidade, rebeldia, melancolia. Características consideradas típicas da adolescência podem ser indícios de uma depressão. A psicanalista Sara Kislánov, palestrante dos Encontros, acrescenta que o jovem passa por modificações hormonais, está em busca de uma identidade e tem a perda de idealizações, por exemplo, do corpo ideal, que podem se transformar em conflitos mais sérios.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Você conhece alguém que teve ou tem depressão?</li> <li>2) Como devemos agir para não termos depressão?</li> <li>3) Em caso de depressão, quem devemos procurar para sair dessa situação?</li> <li>4) Você já passou por isso?</li> <li>5)</li> </ol>
---	---

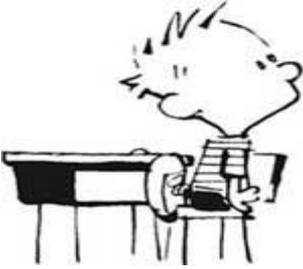
Fonte: Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/depressao-principal-doenca-da-adolescencia-12588925#ixzz4gKmPrykK>>. Acesso em: 6 maio 2017.

Figura 16 - Temática 9 - Violência

<p style="text-align: center;"><b>Violência</b></p>  <p>O tema da violência tem sido muito retratado na arte, como nesta pintura de Domenico Zampieri (1581-1641).</p> <p>Violência é um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação moral a outra pessoa ou ser vivo. Tal comportamento pode invadir a autonomia, integridade física ou psicológica e até mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado. O termo deriva do latim <i>violentia</i> (que deriva de <i>vis</i>, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Que tipos de violência presenciamos na escola?</li> <li>2) Que tipos de violência sabemos que acontecem em nossa sociedade?</li> <li>3) Como cada um de nós pode contribuir para que não haja violência em nosso meio?</li> <li>4) Como podemos tornar nossa convivência com as pessoas (na escola, em casa, no bairro) livre de qualquer tipo de violência?</li> <li>5)</li> </ol>
--	---

Fonte: Disponível em: <<https://realmentedireito.wordpress.com/trabalho-interdisciplinar/violencia-tipos-de-violencia/>>. Acesso em 6 maio 2017.

Figura 17 - Temática 10 - Indisciplina na Escola

<b>Indisciplina na escola</b>	
	<p>1) Para você, o que causa a indisciplina na escola?</p> <p>2) Qual é o papel dos pais em situações de indisciplina?</p> <p>3) O que a escola deve fazer para manter um ambiente harmônico e saudável dentro do espaço escolar?</p> <p>4) Em que você pode contribuir para que não haja indisciplina na escola?</p> <p>5)</p>
<p>Indisciplina escolar, um grande problema da educação.</p> <p>Uma das questões mais discutidas no âmbito escolar está ligada à indisciplina, essa constantemente gera muita polêmica, as causas são inúmeras e dificilmente se chega a uma conclusão.</p>	

Fonte: Disponível em : <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/indisciplina-escolar.htm>>. Acesso em: 6 maio 2017.

Após conhecerem o segundo tema, as equipes se dividiram na sala de aula. Percebemos que logo se envolveram na discussão das temáticas. Passamos nos grupos, orientando e instigando a buscar outras fontes, já que alguns tinham acesso à internet pelo celular. Poderiam acrescentar à discussão da equipe relatos ou impressões sobre situações que conheciam ou já tivessem vivenciado. Alguns perceberam que as temáticas sorteadas dialogavam com as que já haviam sido discutidas. Nesse momento, reforçamos sobre os traços de intertextualidade e que essa constatação deles foi resultado da capacidade de estabelecer aquilo que se lê, num dado momento com outros textos (CARVALHO, 2017, p. 167), um fator importante para compreenderem a atividade que estavam realizando. Observamos, portanto, que os alunos já recorriam aos conhecimentos adquiridos nos textos estudados anteriormente.

Durante a discussão, eles chegaram à conclusão de que preconceito, racismo e discriminação geram algum tipo de violência. Alguns admitiram ter preconceito ou fazer algum tipo de discriminação, mas que, a partir de então, mudariam de atitude. Pedimos que pesquisassem e anotassem os conceitos desses termos no caderno e que, ao realizar as pesquisas, selecionassem as informações, a fim de compreendê-las. Em seguida, falamos sobre nos colocarmos no lugar do outro, em pensar antes

de tomar qualquer atitude ou fazer algum comentário, para não ferir ou ofender o outro. Assim, respeitando uns aos outros, promoveremos uma convivência com harmonia. Uma aluna citou algumas piadas, especialmente sobre mulheres e negros, que incentivam o racismo e o preconceito. Acentuamos que devemos cuidar para não reproduzir essas piadas preconceituosas com naturalidade, visto que elas estão postas em nossa sociedade e têm passado de geração para geração.

Percebemos que esses assuntos não eram tratados com os alunos nem na escola nem em casa. Apesar disso, foi uma boa discussão. Notamos que alguns consideram normal ter atitudes preconceituosas ou racistas, porém, com diálogo e reflexão, acreditamos que algumas posturas possam ser mudadas. Nesse ponto, concordamos com Geraldi (2006, p. 27), que para o inusitado, para o mundo da vida invadir a sala de aula, para o acontecimento conduzir a reflexão, sem que os sentidos gerava outros e as discussões se ampliavam.

Um aluno pesquisou no celular e solicitou que todos ouvissem sua leitura do que encontrara: `racismo entre as raças, dominação de uma raça sobre a outra; `preconceito e o ato de conhecimento para tanto; `discriminação de um grupo e com isso destrata o outro momento, os alunos retomaram as discussões acerca da tolerância e do respeito. Percebemos que já conseguiam se posicionar, argumentar, relacionar um tema ao outro, refutar e ampliar os debates com base nas leituras realizadas. De acordo com Geraldi (2013, p. 182), `medida que o aluno aprende ocorre pelo fato de dispor, cada vez que lê, de outras possibilidades de escolha de estratégias de dizer o que tem a dizer.

Outro grupo, que estava com o tema indisciplina na escola, citou um episódio ocorrido em sala de aula. Observamos que os alunos estavam mais críticos, conseguiam associar os temas discutidos às situações vivenciadas por eles. O grupo que ficara com a temática da depressão citou casos de familiares. Falou de muitos casos de suicídio na cidade, inclusive o de um adolescente. Alguns manifestaram ter depressão, outros perguntaram se o que eles sentem pode ser depressão. Conversamos sobre os sentimentos deles e percebemos que aqueles jovens estão muito ansiosos. Demonstraram ter pouco espaço para conversar, sentem-se isolados, frustrados e tristes. Então, dissemos a eles que conversassem

com os colegas da classe, que se envolvessem nas atividades, que lessem em casa e procurassem dialogar mais com os familiares. Sentimos que o espaço para a discussão das temáticas se tornou, também, um espaço para falar de aflições. Constatamos que `privilegiar o estudo do t e convívio com a instabilidade, com um horizonte de possibilidades de dizer \_ (GERALDI, 2006, p. 21). Em face da situação, alocamos um tempo maior do que o previsto para a atividade, pois as discussões fluíam bem.

Quando a aula terminou, um aluno falou que as aulas de português estavam boas neste ano. Quando perguntamos por que, ele prontamente respondeu que era porque eles podiam falar, não era só o professor que falava , c o n f i r m a n d o devolução da palavra ao aluno faz deste o condutor de seu processo de aprendizagem, assumindo-s e c o m o t a l \_ ( G E R A L D I 2006, p. 21). Essa fala do aluno nos fez refletir sobre nossa postura em sala de aula. Em outros momentos de nossa prática, talvez não tenhamos dado aos alunos a voz que eles tanto anseiam. Percebemos o quanto eles estavam se envolvendo nas atividades, relatando fatos ocorridos com eles, identificando que os temas tratados estão de alguma forma ligados ao dia a dia deles. Falar dessas questões fez com que os alunos também refletissem e aprendessem a lidar melhor com as situações que enfrentam. O tempo foi insuficiente para a discussão. Definimos que, no encontro seguinte, concluiríamos a socialização das questões.

### 3.3.11 Finalizando as discussões

No dia 30 de maio, em mais um dia de atividade do projeto, solicitamos aos grupos que se reunissem e voltassem às suas temáticas. Ao final, faríamos uma roda de conversa, para concluir as discussões. Distribuímos as seguintes tiras de papel, retomando todas as temáticas abordadas.

<p>Equipe 1 Tema 1: Discriminação e Preconceito Tema 2: Corrupção</p>
---

<p>Equipe 2 Tema 1: Preservação da Natureza Tema 2: Indisciplina na escola/Violência</p>
--

Equipe 3 Tema 1: Conflitos Tema 2: Drogas (lícitas e ilícitas)
--

Equipe 4 Tema 1: Valorização da Escola Tema 2: Racismo
--

Equipe 5 Tema 1: <i>Bullying</i> Tema 2: Depressão
--

Aproveitamos para perguntar aos alunos sobre o andamento das entrevistas. Eles pediram mais tempo, alegando que ainda não tinham conseguido concluir a atividade, em virtude do período de prova e recuperação.

Em seguida, abrimos espaço para as equipes falarem das suas temáticas. Fizemos a roda e começamos as discussões. Cada equipe que iniciava uma exposição, apresentava novamente seus componentes e as duas temáticas que discutiram, relacionando-as. Depois, liam as perguntas e as respostas. Mediávamos o processo, para que as outras equipes também discorressem sobre os temas. E assim prosseguimos.

A equipe 3 relatou que o segundo tema discutido por eles, o das drogas, era muito sério em nosso município. Os integrantes disseram que sabiam de casos de uso de drogas na escola, mas que era perigoso falar. Disseram haver muitos pontos de uso e venda de drogas em nossa cidade e que recentemente aconteceram alguns assassinatos. Falamos sobre os riscos do envolvimento com a venda ou o uso de drogas.

O texto que receberam para discussão era sobre drogas lícitas e ilícitas. Logo, um aluno perguntou a diferença entre elas. Explicamos que as drogas de uso permitido para maiores, como bebidas alcólicas e cigarros, são drogas lícitas; já as de uso proibido, como maconha, craque, heroína e outras são as drogas ilícitas. Imediatamente, alguns disseram consumir bebida alcoólica. Outros, que fumavam narguilé. Então, discorremos sobre isso ser prejudicial à saúde deles e iniciamos um intenso debate, uns concordando, outros discordando. Mesmo argumentando, tentando fazê-los perceber que são jovens e deveriam adotar hábitos mais saudáveis, muitos parecem considerar normal o consumo de álcool e narguilé.

Percebemos que nossa justificativa não os fazia mudar de opinião, mas pedimos que lessem mais sobre os efeitos nocivos que o álcool e o narguilé trazem à saúde.

Outro aluno citou que as más companhias levavam as pessoas ao uso de bebidas e cigarros e até às drogas mais pesadas. Alguns concordaram, outros contestaram essa afirmação. Não ficamos surpresos com os rumos que as discussões tomaram. No entanto, causou-nos muita preocupação sentir que muitos alunos resistem a mudar de opinião e postura. Consideram tudo normal, já que, infelizmente, muitos vivenciam o consumo de drogas lícitas e/ou ilícitas. Para não entrar em conflito com eles, foi preciso encerrar algumas discussões.

Contudo, a maioria dos alunos vê na escola e nos estudos uma saída para o problema. Disseram que a cidade precisava ter mais espaços para acolher os jovens. Só assim eles não se envolveriam com outras coisas. C o n t i apontando a necessidade de revitalização de praças e de locais para práticas esportivas. Mencionaram que poderiam ser organizados torneios, campeonatos, para que tivessem o que fazer no tempo livre. Solicitamos que anotassem essas demandas para levarmos aos vereadores quando de nossa visita à Câmara Municipal. Reforçamos que, mesmo a cidade não tendo muitos atrativos, eles precisavam fazer escolhas e que essas escolhas teriam consequências.

Nesse momento, retornamos ao primeiro texto, q u e d e n o m i n a m o s d e d e l e i t u r a \_ . L e m b r a m o s o s a l u n o s d o s s o n h o mudar o rumo da própria história. Provocamos neles uma reflexão sobre o que querem e o que precisam fazer para concretizar seus sonhos. Observamos que precisamos desses momentos para fazê-los refletir e buscar outros caminhos, outras possibilidades. Os alunos ouviram atentamente. Em alguns momentos, percebemos que alguns se emocionaram. Ao longo das discussões entre as equipes, foi possível perceber que houve cumplicidade e até relatos de casos pessoais envolvendo violência.

### 3.3.12 O trabalho com uma temática de campanha municipal: desdobramentos

Tivemos de incluir em nossas discussões um tema de campanha municipal que todas as escolas deveriam abordar. No dia 31 de maio, reunimo-nos para esse fim.

A campanha de tempo pago que se ia mais elaborada pelo Ministério Público, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Cada professor era responsável por abordar a temática com uma turma. Coube a nós discutir com a turma em que estávamos desenvolvendo o projeto. Como tínhamos recebido essa incumbência em reunião na escola, informamos a turma pelo grupo do WhatsApp. Reforçamos que discutiríamos o assunto em sala de aula e produziríamos cartazes sobre a temática, para afixar no mural da escola.

No dia marcado para que toda a escola trabalhasse o tema, reunimo-nos com a turma para tratar da questão das queimadas urbanas. Para iniciar, passamos a seguinte informação: em 2016, Paranatinga teve 645 focos de calor.<sup>10</sup> Além disso, na cidade, as pessoas ainda ateam fogo em lixos, terrenos baldios e às margens da rodovia. Uma aluna disse: 'Não adianta falar e ela disse que vira adubo'. E rejudicial, que é crime i ca mo a te ar fogo. Outro aluno logo indagou: 'Por que foi preso por isso?'. Ent 2 site da cidade para ler que a notícia para todos. Rapidamente, alguns alunos já estavam com a notícia à mão, após ter pesquisado pelo celular. Notamos, com isso, o quanto nos favorece termos recursos tecnológicos à disposição. Os alunos, quando orientados e estimulados, aprendem a usar esses recursos também como meio de pesquisa e aprendizado.

Após a leitura da notícia, a aluna cuja av Æ a t mostrar isso pra minha v Æ! Quero ver se ela os colegas. Uns argumentaram que achavam correto a pessoa ser presa e outros que isso era um exagero, por que não prendiam bandido? Continuamos conversando sobre os riscos e prejuízos que as queimadas provocam. Durante as discussões, e para ampliá-las ainda mais, mostrávamos aos alunos que o tema das queimadas dialogava com o tema da preservação da natureza, discutido por eles. Trouxemos, também, alguns vídeos curtos que demonstravam os efeitos devastadores das queimadas urbanas e rurais, tanto para a saúde humana, quanto para a fauna e a flora.

Ao trabalharmos essa temática, reforçamos que a intertextualidade, em uma no 2 o mais ampla, '¶ condi 2 o de exist , n ci 60). Essa noção foi de suma importância para a realização e a compreensão das

<sup>10</sup> Fonte: Disponível em: <<http://paranatinganews.com.br/paranatinga/paranatinga-teve-645-focos-de-queimadas-no-periodo-proibitivo-gaucha-do-norte-1249/65971088>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

atividades de leitura e de escrita que realizamos. Acrescentamos que a intertextualidade é a relação de um texto com outros textos, efetiva (KOCH, 2014, p. 62) ou seja, vamos incorporando ao nosso dizer o que já foi dito por outrem ao longo do tempo. Daí a importância de ampliarmos nosso conhecimento pela interação com as pessoas e pelas diversas leituras que realizamos em nossas atividades diárias. Ao lermos ou escrevermos, vamos acionando o nosso repertório de informações e adquirindo experiências. Destacamos que, em todas as nossas atividades, estamos trabalhando com textos. Ao ler, discutir, argumentar, posicionar, contradizer, selecionar e relacionar informações, escrever, estamos fazendo uso da linguagem e, dessa forma, ampliando nossa competência comunicativa.

Essa competência, nas palavras de Antunes (2010, p. 58),

[...] se avalia pela capacidade que a pessoa tem de, falando, escutando, lendo e escrevendo, atuar por meios de diferentes discursos, em diferentes práticas sociais e de obter, com esses discursos, os fins a que se propõe.

Continuando as discussões, dissemos aos alunos que existem queimadas controladas para manejo de atividades agropecuárias e florestais. Essas queimadas controladas, no entanto, têm de acontecer em uma área com limites predefinidos e mediante autorização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). Além dessas limitações, há períodos em que essa prática é expressamente proibida.

Como já havíamos solicitado aos alunos que trouxessem gravuras e material para cartazes, iniciamos a confecção após o debate. No final da tarde, todas as turmas da escola afixariam seus cartazes nas paredes da escola. Fizemos também um cartaz com as temáticas discutidas em sala de aula, pois as demais turmas estavam interessadas em saber por que nossa turma tinha aulas na sala de reunião dos professores.

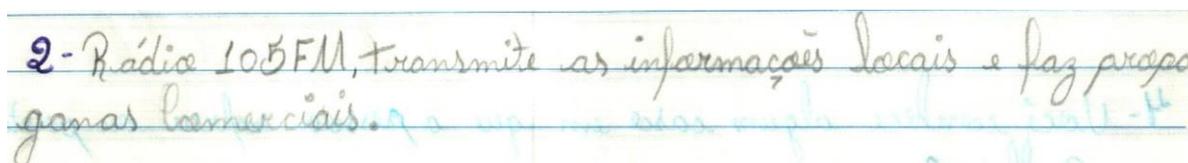
Os alunos quiseram fazer os cartazes com letras digitadas. Haviam tentado várias vezes escreverem com pincel, mas não aprovavam o resultado. Uma aluna digitou o texto que haviam definido para o cartaz e fizemos as correções. A escola ofereceu a impressão. Cada turma podia afixar, no máximo, três cartazes.

Ao término desse dia, dissemos aos alunos que poderiam continuar as discussões no grupo do WhatsApp. Lá, informaríamos os nossos próximos encontros. Pedimos também que finalizassem as atividades extraclasse.

### 3.3.13 Roda de conversa: discussão sobre as atividades extraclasse

Ao longo das discussões sobre as temáticas apontadas na história de leitura dos alunos, fomos incentivando-os a realizar as duas atividades extraclasse solicitadas: ouvir as rádios locais e realizar entrevistas com vizinhos e familiares. No nosso grupo de WhatsApp, essas discussões se ampliavam. Como tínhamos de definir uma pauta das reivindicações dos moradores para, posteriormente, agendarmos um encontro com os vereadores, marcamos com os alunos uma data final para a coleta das informações. Para isso, reunimo-nos mais uma vez, no primeiro dia de junho. Em roda de conversa, cada aluno explanou o que conseguira realizar. Aqui, julgamos importante apresentar alguns recortes.

Figura 18 - Recorte atividade extraclasse relato de notícia



2- Rádio 105FM, transmite as informações locais e faz propaganda comercial.

Fonte: Arquivo pessoal.

Em relação à atividade de ouvir rádio, os alunos disseram que, nos horários em que podiam ouvir, os locutores só mandavam recados de quem estava na cidade para quem estava nas fazendas. Um aluno relatou que ouviu um programa que só tocava músicas gaúchas. Outro, que só ouviu propagandas do comércio. Ainda assim, avaliamos a atividade como produtiva, pois eles puderam ver a importância e o alcance do rádio como veículo de comunicação para aqueles que moram em sítios e fazendas.

Figura 19 - Recorte atividade extraclasse relato de notícia

um jovem de 19 anos foi morto a facadas na  
maquiagem de domingo dia 30 em paranatinga  
no bairro, Rua Bezelero homem e mulher foram  
assassinados no vil. comarcial e curvas acontece  
as 11:30 o homem estava saindo da loja fucina  
foi abordado por dois homens em uma mata e a  
em um bar do centro dois homens bem vestidos  
entraram no local em um deles disparou o tiro

Fonte: Arquivo pessoal.

Os alunos também disseram que ouviram pelo rádio a notícia de dois assassinatos no mesmo dia. Muitos falaram dessa mesma notícia, retornando ao assunto já debatido nos grupos, sobre o uso de drogas e a estatística crescente de violência na cidade.

Já na segunda atividade, os alunos se engajaram mais. Naquele dia, com o auxílio do coordenador, que é professor de Geografia, abrimos um mapa ampliado da cidade. O professor foi marcando com os alunos a localização dos bairros em que residem, mostrando-lhes limites e extensão. Ao todo, temos alunos que residem em oito bairros diferentes. Alguns alunos disseram passar por outros bairros no trajeto para a escola e aproveitaram para conversar com os moradores. Assim, conseguiram entrevistar pessoas de dez bairros da cidade.

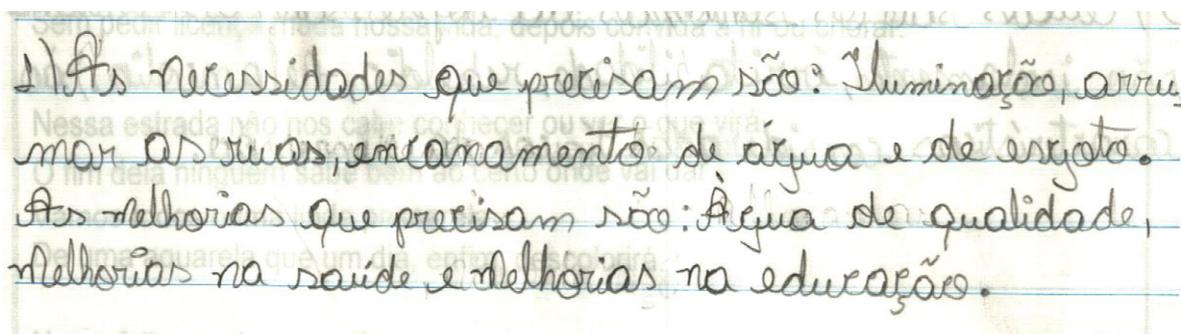
A contribuição do professor de Geografia foi de suma importância, pois ele explicou aos alunos que a cidade se formou às margens do rio Paranatinga, no período de exploração do garimpo. Com o aumento da população, os bairros foram surgindo. Nenhum deles seguiu estudo de urbanização ou planejamento, por isso, todos sofrem com a falta de infraestrutura, conforme os alunos puderam verificar nas entrevistas. Além disso, muitas casas foram construídas em locais com risco de enchentes. O professor citou, ainda, dois episódios de cheia dos rios, em 2005 e 2007, que originaram dois novos bairros. As casas das pessoas afetadas pelas enchentes foram desapropriadas e as famílias receberam uma nova casa num dos dois novos bairros criados. No entanto, tudo aconteceu com muita resistência dos moradores. Nesses dois bairros novos, têm ocorrido muitos casos de violência. Um deles passou a ser conhecido como `Faixa d'água'. Os alunos observaram atentamente as explicações do professor. Ficaram bastante curiosos,

fizeram muitas perguntas e foram citando outros casos de violência de que tinham conhecimento.

Depois da participação do professor de Geografia, cada aluno explicou como abordava a pessoa para a entrevista, de que forma iniciava a conversa e o que a pessoa disse sobre o bairro ou a cidade. Alguns alunos relataram não ter conseguido realizar a atividade. Mesmo assim, foram entrevistados moradores em todos os bairros representados na turma. Àqueles que não conseguiram realizar a entrevista, solicitamos que refletissem e anotassem que melhorias almejavam para o seu bairro ou para a cidade.

Em seguida, pedimos que relatassem que dificuldades encontraram na realização das entrevistas. A dificuldade mais recorrente foi a alegação de falta de tempo dos entrevistados. Solicitamos que cada um dissesse o que conseguiu levantar e ressaltamos que acrescentassem o ponto de vista deles em relação às reivindicações. Aqui, selecionamos alguns recortes do que os alunos escutaram dos moradores.

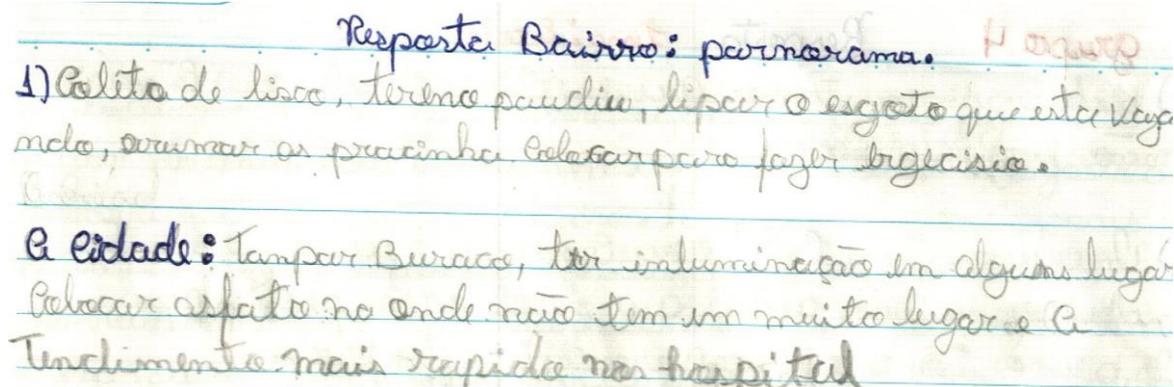
Figura 20 - Recorte atividade extraclasse entrevista



As necessidades que precisam são: Iluminação, arrumar as ruas, encanamento de água e de esgoto. As melhorias que precisam são: Água de qualidade, melhorias na saúde e melhorias na educação.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21 - Recorte atividade extraclasse entrevista



Resposta Bairro: parmarama. H o que?  
1) Calota de lixo, terreno baldio, deixar o esgoto que está vazando, arrumar as praças e colocar para fazer bricis.  
A cidade: Tampar Buraco, ter iluminação em alguns lugares colocar asfalto no onde não tem um muito lugar e a iluminação mais rápida no hospital

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 22 - Recorte atividade extraclasse entrevista

R: Conversei com algumas pessoas, e a maioria, me disseram a cidade precisa de mais proteção, está ficando cada vez mais perigosa a convivência aqui na cidade, eu também acordo com esse ponto, a cidade precisa de mais construções públicas, preciso de mais iluminação, tirar os burocratas, investir mais na saúde e nos serviços públicos que precisam urgentemente, como a saúde?

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 23 - Recorte atividade extraclasse entrevista

② = Eu matei e meus vizinhos também discutimos para a melhoria de nossa cidade para que as pessoas nos lugares mais frequentados não jogassem lixo, como nos praças, e em outros ambientes. Para que as redes de esgoto sejam cuidadas, para que não ficassem com mau cheiro como no Centro da cidade a maioria dos vizinhos tem mau cheiro por conta desse problema. Outro problema também é os asfaltos estão quebrando tendo rachaduras grandes os asfaltos estão muito fino com poucas regências então é isso que devemos comentar.

Fonte: Arquivo pessoal.

À medida que os alunos expunham os resultados das entrevistas, percebemos que as demandas dos bairros se repetiam. Precisávamos, então, selecionar o que colocaríamos na pauta de reivindicações para levar à Câmara Municipal, uma sugestão dos próprios alunos. Além de apresentar as reivindicações dos moradores, eles queriam saber qual a função do vereador e quais projetos estariam em andamento. Elegemos duas alunas para anotar a pauta da reunião.

Nesse momento, os alunos manifestaram preocupação com o dia da visita à Câmara. Aproveitamos para orientá-los sobre a postura de respeito e atenção que deveriam adotar. Explicamos que os vereadores são nossos representantes legais e que os alunos deveriam falar um de cada vez, cuidando do vocabulário. Aquele seria um momento formal, com autoridades e o tom da conversa não poderia ser o mesmo que adotamos com amigos ou familiares. Nesse ponto, enfatizamos a

importância da adequação da linguagem à situação comunicativa, pois eles estariam diante de um contexto real de uso da língua (RICARDO, 2004, p. 75). Alguns alunos, receosos, sugeriram que tivéssemos representantes para falar. Três alunas se prontificaram. Elas seriam, então, as porta-vozes da turma. Decidimos, porém, que, ao longo da roda de conversa com os vereadores, os demais alunos também poderiam se manifestar. Surgiu, ainda, a preocupação com a aparência deles. Compreendemos que essa atividade gerou inquietações, pois era uma situação que os alunos nunca haviam vivenciado. Alguns disseram já conhecer um ou outro vereador, porém, nenhum aluno conhecia o interior da Câmara Municipal. Eles anotavam tudo. O que não foi contemplado nas entrevistas, acrescentamos. Combinamos que contataríamos o presidente da Câmara para agendar a visita.

### 3.3.14 Preparativos para a visita à Câmara Municipal

Conforme combinamos pelo WhatsApp, o encontro teria como objetivo avaliar as atividades de intervenção já realizadas, fechar a pauta de reivindicações que levaríamos à Câmara e encaminhar para o início da escrita das paródias, que seriam o produto final de nossas atividades.

No dia 5 de junho, em roda de conversa, avaliamos as atividades até aquele momento. Os alunos disseram que estavam gostando das aulas e das discussões, porque podiam se expressar. Isso nos remete ao que afirma Geraldi (2013, p. 161):  
 “A não escuta ¶ na verdade uma não devolução preferir”. Neste trabalho, devolvemos a palavra a uma relação interlocutiva, na qual os alunos foram se assumindo como locutores. Também avaliamos a participação deles e ressaltamos o quanto haviam se desenvolvido desde o início do projeto. Lembramos a timidez, o pouco envolvimento de alguns, a dificuldade de relacionamento com os colegas. Tudo já superado. Mesmo que alguns falem menos, entre as equipes foi possível perceber uma intensa interação.

Informamos que, em contato telefônico com o presidente da Câmara, ele aceitara nos receber e agendara a visita para o dia 14 de junho, às 14h30. Porém, pediu que encaminhássemos um ofício à Câmara, para legitimar o pedido. Aproveitamos, então, para apresentar à turma mais esse gênero textual. Explicamos

que se trata de um gênero utilizado nas comunicações institucionais e que segue um padrão. Em seguida, projetamos no quadro um ofício pronto, cedido pela secretária da escola. Ela nos solicitou um rascunho, para depois redigir o ofício que seria encaminhado à Câmara. Apontamos alguns elementos que devem constar de qualquer ofício: número, local, data, quem está encaminhado, a quem se dirige – observando a forma de tratamento dispensada a cada cargo –, o assunto e o corpo do texto.

Cada equipe redigiu um ofício, com base no modelo projetado. Acompanhamos a redação e íamos perguntando que informações ainda faltavam. Os alunos consideraram essa atividade complexa. Solicitaram nossa intervenção o tempo todo. Deixamos que tivessem essa preocupação e fomos trabalhando o gênero, falando de sua importância e de situações que necessitam desse tipo de correspondência.

Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2014, p. 101),

Os gêneros textuais são todos os textos que produzimos e que circulam socialmente. Quando estamos em uma situação de interação, a escolha do gênero não é aleatória, pois deve levar em consideração o contexto da situação [...] e as relações sociais implicadas nas interações.

Comentamos que a dificuldade era resultado do pouco contato deles com esse gênero textual, que não é utilizado no dia a dia. Porém, eles precisavam ampliar suas competências para escrever textos diversos, uma vez que, no exercício de suas práticas sociais, essa competência é indispensável.

Ao final, fizemos a socialização. Cada equipe leu seu ofício e fomos montando um só rascunho. Uma aluna foi nossa escrevente. Em seguida, entregamos o rascunho à secretária da escola, para digitação.

A atividade levou mais tempo do que o esperado, pois a redação do ofício não estava prevista. No entanto, nós a consideramos apropriada para mostrar aos alunos as possibilidades de uso e adequação da língua de acordo com o propósito.

Após essa atividade, passamos à finalização da pauta da reunião com os vereadores. Muitas reivindicações dos moradores se repetiam e algumas eram próprias de determinadas localidades. Assim, definimos que, nas solicitações comuns a todos os bairros, tais como limpeza pública, coleta de lixo, iluminação e outras, não informaríamos o nome do bairro. Já naquelas que fossem específicas de

determinado bairro, informaríamos o nome da localidade. Um exemplo foi o pedido de reparos em uma ponte.

Além de apresentar a pauta com as demandas, os alunos queriam saber dos vereadores quais projetos estavam em andamento. Nessa oportunidade, trabalhamos uma carta destinada aos eleitores e um pôster informativo sobre a cidade, que também descrevia as atribuições do prefeito e dos vereadores. A carta e o pôster foram disponibilizados no *site* do IBGE, por ocasião das eleições de 2016. Projetamos no quadro a imagem da carta<sup>11</sup> e fizemos a leitura para os alunos. Em seguida, apresentamos o pôster,<sup>12</sup> que continha várias informações e gráficos, e realizamos a leitura, a fim de compreender as informações ali contidas. Depois, distribuimos cópias do pôster aos alunos, para que o levassem para casa e o lessem para seus familiares.

Durante as atividades, buscamos envolver todos os alunos, instigando-os, referindo-nos a eles pelo nome. No entanto, sempre há aquele aluno mais quieto. Procuramos respeitar a individualidade e limitações de cada um. Ao mesmo tempo, tentamos fazê-los superar suas dificuldades, lembrando-lhes que a escola é um espaço privilegiado para desenvolverem a capacidade de argumentar, posicionar-se e expressar-se pela fala ou pela escrita, posto que a sociedade contemporânea exige pessoas ativas, críticas, dinâmicas, capazes de atuar nos ambientes que frequentam. É o que diz Antunes (2010, p. 52):

As exigências atuais, muito mais que noutras épocas, recaem sobre pessoas capazes de atuarem socialmente, com versatilidade, com criatividade, com fluência, com desenvoltura, com clareza e consistência, na discussão, na análise e na condução das mais diferentes situações sociais - do espaço familiar ao espaço do trabalho.

Com isso, reforçamos para os alunos que, ao ir à Câmara, estariam expostos a uma prática social em que teriam a oportunidade de fazer uso efetivo da linguagem na modalidade formal. Estariam atuando socialmente, fazendo valer os seus direitos de cidadãos, cobrando de seus representantes o que estão fazendo em prol dos representados, ou seja, do povo paranatinguense. Dessa forma, estávamos

---

<sup>11</sup> Fonte: Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/downloads/folders/eleicao2016/carta\\_ibge\\_tse\\_2016.pdf](https://ww2.ibge.gov.br/downloads/folders/eleicao2016/carta_ibge_tse_2016.pdf)> . Acesso em 5 jun. 2017.

<sup>12</sup> Fonte: Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/downloads/folders/eleicao2016/51/5103403.pdf>> . Acesso em: 5 jun. 2017.

garantindo aos alunos sociais que exigirão o uso das variedades prestadas (RICARDO, 2014, p. 110) R T O N I

Ao longo das atividades do projeto, os alunos demonstraram muita preocupação com o momento da escrita, sempre afirmando que não conseguiriam. Em nossas discussões, tentamos desmistificar que a escrita nasce feita; A escrita é pra poucos; Escrever é muito difícil; Escrever bem é escrever corretamente. (ANTUNES, 2016, p. 16). A escrita aprimorada à medida que escrevemos. Podemos reler os escritos, fazer correções, adequações e aprender com as diversas experiências.

Em seguida, fizemos a leitura do ofício e convidamos um aluno para nos acompanhar até a Câmara. Conseguimos finalizar essa etapa, deixando agendada a nossa visita e também a aula seguinte, em que retomariamos a escrita das paródias. Já havíamos feito uma coletivamente; agora, passaríamos para a escrita individual.

### 3.3.15 Retomando o processo da escrita das paródias

No decorrer das etapas de intervenção, lembrávamos continuamente aos alunos que eles fariam a escrita das paródias tendo como tema um daqueles discutidos pelas equipes. O texto-base seria uma música da escolha deles. Mesmo demonstrando gostar de vários tipos de música, conforme citaram na história de leitura, sempre que perguntávamos que música selecionaram ou em qual estavam pensando para parodiar, eles não sabiam dizer.

Diante disso, selecionamos algumas músicas para audição e apreciação junto com eles. Buscamos algumas que sabíamos não fazer parte do repertório deles, propositadamente, para lhes dar acesso a fontes diferentes.

No dia agendado, 12 de junho, trouxemos impressas músicas de diferentes cantores. Distribuímos cópias para todos e, depois, assistimos aos videoclipes dessas músicas, que foram: Aquarela, de Toquinho; Mata; O Silêncio, de Arnaldo Antunes; De Ivan Lins; Homem Aranha, de Jorge Verçil Vermelho; Te Ver, da banda Skank.

Iniciamos a atividade propondo a leitura de cada música em voz alta. Solicitamos voluntários para fazer a leitura. Em alguns momentos, tivemos de interferir e determinar uma ordem, pois todos queriam ler. Depois de cada música,

fizemos uma segunda leitura, com todos lendo ao mesmo tempo, em coro. Pedimos que fizessem uma leitura ritmada, enfatizando as rimas, buscando a sonoridade. Em algumas músicas, pedimos para os meninos lerem mais alto que as meninas. Uma vez, só as meninas leram; outra vez, só os meninos. Logo após, lemos todos juntos, tornando a atividade de leitura dinâmica e lúdica.

Pouco depois, provocamos uma reflexão sobre o que cada música abordava. Perguntamos o que conseguiram entender e o que não entenderam. Cada um falou da sua compreensão. Por fim, exibimos os videocliques das músicas.

Depois de realizarmos várias leituras, ouvirmos e cantarmos as músicas, solicitamos aos alunos que tentassem modificar uma das músicas apresentadas ou trechos dela ou de outra de sua preferência, abordando uma das temáticas que trabalhamos. Como os alunos tiveram muita dificuldade, retomamos os assuntos de algumas músicas. Explicamos que 'Absurdo' preservação e o que estava sendo retratado na música havia sido discutido em sala de aula sobre o desrespeito do homem à natureza, sobre a ganância, a corrupção. Em seguida, falamos da música 'Aquarela', e os alunos recordarem daqueles sonhos sobre os quais escreveram em sua história de leitura. Depois, eles lembraram que um trecho da música estava no livro didático de português. Essa música, especialmente, eles cantaram com mais ênfase, acompanhando com palmas. Posteriormente, falamos da música 'O silêncio', que trata das coisas que existiam e as coisas que existem agora.

Orientamos os alunos para que buscassem palavras que rimassem, a fim de facilitar a escrita das paródias. Pedimos que selecionassem palavras referentes à temática da preferência deles. Deixamos que discutissem nos grupos, porém, insistimos na produção individual.

Essa atividade consistia em realizar as leituras das músicas, assistir aos videocliques, observar as rimas, a sonoridade e o ritmo e compreender o assunto ou tema retratado em cada música para, enfim, iniciar a produção das paródias. Sentimos muita inquietação dos alunos nessa etapa, em razão da dificuldade com a escrita. Antes mesmo de começar, já diziam

Passamos por todos os grupos, orientando, incentivando, instigando, pedindo que recorressem às anotações que fizeram durante as discussões e utilizassem algumas palavras-chave na composição das paródias. Explicamos que não

precisavam mudar toda a letra da música, apenas alguns trechos, que se lembrassem de todas as nossas discussões, que relacionassem um assunto ao outro para, por fim, exercitarem a atividade de escrita. Salientamos que não se preocupassem, pois teríamos tempo para adequações, aprimoramento e reescrita. No entanto, os alunos disseram que não sabiam cantar e que não queriam fazer o videoclipe. Nesse momento, alguns alunos se manifestaram, dizendo que já não queriam fazer parte do projeto, pois não conseguiam fazer a paródia.

Sentimos, por um instante, que estava tudo perdido, todas as discussões, todos os momentos de emoção, a partilha e a cumplicidade, todas as atividades que surgiram. Percebemos o quanto aqueles alunos estavam engajados e como encararam com seriedade tudo o que fizemos. Diante disso, tentamos acalmá-los. Dissemos que pensaríamos em outra possibilidade. Naquele dia, sabíamos que não conseguiríamos avançar.

Avisamos que, no encontro seguinte, visitaríamos a Câmara Municipal. Apresentamos a pauta da reunião, digitada pela secretária da escola com base no rascunho da aluna que desempenhara o papel de escrevente. Solicitamos que todos assinassem, pois a assinatura deles daria mais consistência e confiabilidade ao documento, que entregaríamos ao presidente da Câmara durante a visita. Solicitamos que os alunos elaborassem as perguntas que queriam fazer aos vereadores.

Nesse dia, apesar da tentativa malsucedida de escrita, consideramos importantes as diversas leituras que realizamos, pois vimos a empolgação dos alunos durante a leitura e enquanto cantavam as músicas. Foi importante, mesmo considerando que a empolgação inicial deu lugar a uma preocupação, em virtude da dificuldade com a escrita. Constatamos que, realmente, escrever paródia não é tão simples assim. Colocamo-nos na posição dos alunos e perguntamo-nos: será que daríamos conta de fazer uma paródia? Como pedir a eles algo que talvez não conseguíssemos fazer? E a interpretação da música, como ficaria? Ao propor este trabalho, não atentamos para isso. Vimos, então, que estávamos diante de mais um desafio.

### 3.3.16 Roda de conversa com vereadores: tentativa frustrada

Agendamos com o presidente da Câmara Municipal a nossa roda de conversa, definimos data e hora. Depois de compartilharmos todos os detalhes no grupo de WhatsApp, o ofício foi devidamente encaminhado, conforme solicitado. A pauta estava pronta, revista e assinada. As questões, elaboradas no caderno. As alunas representantes, preparadas. E chegou o tão esperado dia!

Encontramos com a turma no horário marcado. Já estávamos de saída para a Câmara, quando uma funcionária da escola nos interpelou, dizendo que recebera uma ligação da secretária da Câmara Municipal, cancelando nosso encontro. Houve um alvoroço entre os alunos e eles nos cobraram uma atitude. Disseram também que não acreditavam mesmo que seriam recebidos pelos vereadores. Um aluno disse que era véspera de feriado, por isso, eles não nos receberiam.

Em vista desse cancelamento, retornamos para a sala de aula com os alunos decepcionados com a situação e fomos verificar o que havia acontecido. Ao falar com a atendente da Câmara, ela nos explicou que os vereadores não nos receberiam por haver marcado uma sessão itinerante nos assentamentos e não atentaram para esse compromisso quando marcaram a nossa visita. Então, solicitamos outra data, pois os alunos estavam ansiosos por esse momento e tinham um documento a ser entregue aos vereadores. Depois desse pedido, a atendente fez novo contato, informando a nova data e que não precisaríamos encaminhar outro ofício. Os alunos ficaram muito desapontados, pois esperavam por esse momento.

#### 3.3.16.1 Roda de conversa com vereadores: tentativa bem-sucedida

Na semana seguinte à visita frustrada à Câmara, chegou enfim o dia da tão esperada nova visita para a roda de conversa com os vereadores, 20 de junho.

No horário marcado, reunimos os alunos para ir à Câmara. Duas professoras nos acompanharam voluntariamente nessa atividade. Ao adentrarmos o recinto, aguardamos até que o primeiro vereador, presidente da Casa, chegasse. Iniciamos a conversa apenas com ele. Depois, outros quatro vereadores chegaram. Percebemos nos alunos uma grande inquietação. Dispusemos as cadeiras em roda e iniciamos apresentando a turma e o motivo do encontro. Dissemos que aquela roda de conversa fora solicitada pelos alunos durante uma atividade que estavam

realizando como parte da proposta de intervenção do projeto de leitura e escrita que desenvolvíamos com a turma. Essa atividade consistia em entrevistar moradores dos bairros onde os alunos residem para saber que melhorias desejavam para seus bairros e para a cidade. Após realizar essas entrevistas, os alunos sugeriram que levássemos à Câmara, pessoalmente, as solicitações dos moradores, pois não teria sentido discutir o assunto apenas em sala de aula. Além disso, os alunos também queriam fazer algumas perguntas aos vereadores.

Depois dessa introdução, apresentamos as três alunas porta-vozes da turma. A partir desse momento, ficamos apenas observando, pois nos propusemos a não interferir, a fim de que somente os alunos se manifestassem. No início, eles ficaram nervosos, porém, no decorrer da conversa, a atividade ficou mais natural e se sentiram mais tranquilos. Então, uma das alunas se apresentou e anunciou que leria as reivindicações que haviam escutado dos moradores dos bairros. Disse que estavam ali representando os bairros onde moravam e que, ao todo, tinham entrevistado moradores de dez bairros. Essa aluna fez uma leitura pausada e, em determinadas solicitações, percebemos que leu com mais ênfase. Os vereadores ficaram atentos à leitura. Ao final, a aluna se dirigiu ao presidente da Câmara e entregou-lhe o documento assinado pelos alunos da turma.

Depois disso, um dos vereadores disse que a maioria das solicitações listadas no documento também eram solicitações deles, o que confirmou a importância daquelas ações para os bairros. Outro vereador sugeriu que levássemos a mesma reivindicação ao prefeito. As alunas fizeram outras perguntas, anteriormente discutidas em sala de aula, tais como que ações estão sendo realizadas para reduzir o índice de violência na cidade, o que os vereadores pensam sobre a corrupção e as notícias que envolvem políticos, o que acham do voto aos 16 anos, se consideram que os jovens dessa idade são capazes de escolher seus governantes, o que pensam da redução da maioridade penal, qual a opinião deles a respeito de espaços de lazer para os jovens e da organização de eventos, dentre outros assuntos que foram surgindo ao longo da conversa. Outros alunos também se manifestaram, além das porta-vozes.

Os vereadores elogiaram os alunos e disseram que, a partir dessa iniciativa deles, proporiam sessões mirins como forma de envolver os adolescentes, para que conhecessem mais sobre política. Ressaltaram a importância desse engajamento dos alunos e da preocupação deles com as questões sociais, pois, atualmente, o

que se vê são as pessoas pensando apenas em si mesmas, ao passo que eles trouxeram para discussão as solicitações de sua comunidade. Os vereadores destacaram, ainda, que ouvir os anseios da comunidade, como os alunos fizeram, é uma das atribuições dos vereadores, portanto, os alunos prestaram um serviço público à cidade.

Nesse momento, a conversa evoluiu e os alunos não pararam de fazer perguntas. Logo, um assessor nos interrompeu, avisando aos vereadores que teriam uma reunião em poucos instantes. O presidente da Casa disse que encaminharia à escola, por escrito, o que estava sendo feito em relação a cada uma das solicitações citadas no documento. Em seguida, convidou-nos para tirar algumas fotos.

Foi uma tarde de muito aprendizado. No retorno para a escola, ainda conversamos um pouco sobre a visita. Os alunos questionaram o atraso dos vereadores e a ausência da maioria deles. Ressaltamos que, mesmo assim, a iniciativa deles e seu envolvimento nas atividades foram relevantes. Mesmo os alunos que disseram que não queriam falar acabaram se manifestando, posicionando-se diante das questões que levaram para a discussão.

Durante a reunião, em alguns momentos, percebemos que os alunos deixaram os vereadores sem respostas para tantas indagações. Ao falar sobre esse encontro, os estudantes se posicionaram criticamente. Disseram que não ficaram plenamente satisfeitos com algumas respostas, especialmente por saber que não existiam grandes projetos a executar. Apenas o que os alunos conseguiram levantar com os moradores estava na pauta dos vereadores. Porém, foi muito importante os alunos entenderem o funcionamento da Câmara e como são divididas as atribuições, pois, para cada secretaria, há uma comissão de vereadores responsável. Os alunos também perguntaram aos vereadores por que, se todas aquelas reivindicações já eram do conhecimento deles, ainda não havia solução para elas.

Com essa atividade, possibilitamos ao aluno a realização de intervenções e de contextos da *comunicação oral pública*, para que ele possa ultrapassar a simples oralidade da conversa informal entre pares do mesmo grupo social. (ANTUNES, 2010, p. 53, grifos da autora)

quatro paredes da sala de aula e utilizar outro ambiente como espaço de aprendizagem. Ademais, vivenciou uma situação real de prática da linguagem, oral e escrita, em estilo mais monitorado. Com isso, os alunos perceberam a importância



um dos mais calados. No entanto, seu entusiasmo e seu interesse em poemas o fizeram terminar seu texto. Outros alunos também iniciaram a escrita. Agora, havia duas possibilidades: a escrita de paródias ou a escrita de poemas. Percebemos o empenho e o esforço dos alunos. Víamos cada folha arrancada dos cadernos como uma tentativa sem sucesso de escrita, mas orientamos os alunos que continuassem escrevendo; depois, faríamos as adequações.

A fim de agendar a participação da FDF, contatamos um dos integrantes do grupo. Explicamos todas as etapas do projeto: a forma como levantamos as temáticas, por meio da história de leituras dos alunos; o trabalho em equipe para discussão dos temas, desejos e sonhos apontados nas histórias de leitura; os relatos das dificuldades vivenciadas por eles; a questão do uso de drogas e do tráfico em nossa cidade, que gera muita violência. Em suma, informamos o representante do grupo de todos os passos já percorridos até o momento de produção escrita. Citamos a dificuldade dos alunos em escrever as paródias e a possibilidade da escrita de poemas. Diante dessa perspectiva de escrita de poemas, um dos *rappers* afirmou que, quando estivessem com os alunos, o grupo os ajudaria a musicar os poemas.

Diante desse oferecimento, reforçamos para a turma que aqueles que estavam sentindo dificuldade com as paródias poderiam se dedicar à escrita de poemas abordando as temáticas estudadas em sala de aula, para posteriormente colocarmos ritmo, melodia. Informamos que teríamos uma roda de conversa com o grupo FDF sobre os temas que discutimos, pois também eram temas abordados nas letras do grupo, que desenvolve atividades sociais com pessoas em situação de vulnerabilidade, dependência química, falta de moradia. Além disso, um dos *rappers*, estudante de Educação Física, desenvolve há 13 anos um trabalho social numa escolinha de futebol em Cuiabá. Outros integrantes da FDF participaram de um evento promovido pela Seduc no Estádio Arena Pantanal, em março deste ano, para entregar 800 mil uniformes a estudantes. Mostramos aos alunos a notícia desse evento, divulgada no *site* da Seduc.<sup>13</sup>

Insistimos que deveríamos ter algumas produções, para que a FDF nos ajudasse, colocando melodia nos poemas, transformando-os em *rap*. Apresentamos a noção de *rap* aos alunos, tal como caracteriza Souza (2011, p. 118-119):

---

<sup>13</sup> Fonte: Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Entrega-de-uniformes-na-Arena-Pantanal-foi-marcada-pela-alegria.aspx>>. Acesso em: 28 maio 2017.

O *rap* é um dos gêneros no qual podemos observar a brincadeira com a linguagem que sustenta um dizer que é autônomo, contestador, contra-hegemônico e promotor de um conhecimento mobilizador. Mesmo quando o *rap* é lido, a sonoridade está presente de forma tão fundamental que a subversão da escrita por meio da oralização confere ao *rap* uma originalidade e autonomia perante a escrita escolarizada [...].

Dessa forma, o *rap* vem ao encontro das temáticas abordadas e das nossas discussões, pois almejávamos que os alunos se apropriassem das leituras e pesquisas que fizeram. Além disso, desejávamos que, ao escrever seus textos, contextualizassem o que aprenderam, comparando com os problemas reais enfrentados por eles e por sua comunidade. Queríamos também que brincassem com as palavras na forma de paródias ou poemas, a fim de evidenciar anseios e subjetividade em relação a cada tema. Para isso, deveriam adotar uma postura crítica e, ao mesmo tempo, sutil, expressando-se com criatividade.

Acrescentamos que o texto desenvolve a mais valia do interlocutor / leitor / autor (GERALDI, 2000). Para alcançar o interlocutor, nosso projeto previa dois produtos: um videoclipe e um livro digital, que também poderia ser impresso em gráfica. Como os alunos já haviam se manifestado contrários ao videoclipe, propusemos aproveitar as fotos das atividades que realizamos para fazer um vídeo.

Voltando à atividade, os alunos continuaram a escrita, uns de paródias, outros de poemas. Nesse ínterim, notamos que uma aluna utilizava o celular para a escrita. Ela nos mostrou um aplicativo, chamado *smartphones*. Disse que estava escrevendo nele, pois era um programa de notas e edição de texto. Com ele, é possível digitar um texto, editá-lo, salvá-lo e incluir fotos e áudio, além de compartilhar o conteúdo via *e-mail*, WhatsApp ou mensagem.

Esse detalhe nos mostrou que precisamos estar abertos ao uso das tecnologias digitais em sala de aula, especialmente porque nossos alunos convivem com elas diariamente. É fundamental, também, que aceitemos outras formas de leitura e escrita. Dissemos a uma aluna que, em certos momentos, seria importante que ela escrevesse no meio convencional, ou seja, no caderno. Ela respondeu que, assim que chegasse em casa, compartilharia conosco

a par *Æd i a* e um poema que fizera da música sala de aula.

Apesar do empenho, percebemos a dificuldade dos alunos na atividade de escrita. Uns diziam que a ideia não vinha. Outros, que precisavam de mais silêncio, concentração. A fim de auxiliá-los, retomamos aspectos importantes dos assuntos que havíamos discutido.

Quando os alunos manifestavam que tinham algo escrito, pedíamos que trocassem os cadernos entre as equipes, para que as outras equipes colaborassem na produção. Ressaltávamos constantemente que não estavam competindo, mas interagindo e colaborando, pois o resultado seria de todos. Orientamos para que lessem a produção dos colegas, respeitando as ideias e contribuindo com alguma palavra relacionada ao tema que estava sendo tratado. Também poderiam sugerir a correção das inadequações que encontrassem. Essa troca de cadernos foi muito produtiva. Percebemos que os alunos foram se envolvendo na atividade de escrita com mais liberdade e espontaneidade.

No dizer de Antunes (2010, p. 32, grifo por uma *orientação temática*; quer dizer, *o texto se constrói a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central*, ou de um *núcleo semântico*, que lhe dá continuidade e unidade. Assim, destacamos adequação vocabular, da composição do texto de acordo com o gênero paródia ou poema, da disposição do texto, da seleção das palavras, bem como dos efeitos de sentido que elas promovem.

Tivemos uma aula em que os grupos conversaram e interagiram, uns mais atentos que outros. Algumas alunas se destacaram. Queriam ler o que os outros escreviam e se dividiram na tentativa de auxiliar os colegas. Nossa atividade foi intensa. Porém, em virtude do tempo, deixamos para ver o resultado do que os alunos conseguiram escrever no encontro seguinte. Os alunos levaram os cadernos para casa, a fim de aprimorar o que já tinham conseguido escrever em sala e fazer as correções sugeridas pelos colegas.

### 3.3.17.1 As atividades de produção: poemas temáticos

O grupo de *rap* FDF aceitou o nosso convite para participar de uma atividade do projeto. Definimos uma data e precisávamos organizar o evento. Os alunos passaram a ter pressa na escrita dos poemas, para que fossem apresentados ao grupo de *rap*. Mesmo estando em semana intensa de prova, preparando-se para um simulado, percebemos que todos estavam muito empolgados com o evento de *rap*.

Ao iniciar a aula, orientamos os alunos para que lessem silenciosa e atentamente os textos que produziram. Ao ler para a turma, que ficassem de pé, impostassem a voz e cuidassem da postura corporal, enfatizassem as palavras-chave do poema ou da paródia e colocassem emoção na leitura. A atividade daquele dia seria como um ensaio para a apresentação deles quando da participação da FDF.

Alguns alunos solicitaram tempo para terminar a escrita. Enquanto aguardávamos, passamos pelas equipes e lemos os poemas silenciosamente. Os alunos cujos textos estavam sendo lidos observavam-nos, esperando aprovação. Não nos manifestamos, mas estávamos satisfeitos com as produções.

Após o tempo dedicado à continuidade da atividade de escrita, interrompemos os alunos e solicitamos o início da leitura. Aqueles que não tinham terminado ou que quisessem aprimorar a escrita que ficassem atentos às leituras e depois retomassem o trabalho. Logo, um aluno se prontificou a ler o poema que escrevera. Os alunos pediram que cantasse e ele, timidamente, disse que ia ler rápido, pois o *rap* era assim. Fez a primeira leitura e disse que depois leria mais rápido. Pediu para que os colegas dissessem a palavra *no* a cada versos dos temas de sua equipe.

Figura 24 - Poema de aluno sobre racismo

Racismo não!  
 Racismo,  
 Discriminação  
 Causa dor e aflição  
 Deixa disse meu irmão  
 Vamos viver em união  
 Amor e **respeitar**  
 Não vamos discriminar ou com  
**Preconceito** agir  
 Temos que um ao outro ajudar  
 Para juntos o mundo melhorar!

Fonte: Arquivo pessoal.

Então, tentou a segunda leitura. A cada turma dizia 'não'. Ao final, o aluno reclamou e pediu para ler mais uma vez. Pediu aos colegas mais ênfase quando dissessem 'não'. Assim eles fizeram. Quando a leitura acabou, vimos que esse aluno buscou a interação da turma. Constatamos, no poema dele, que recorrera à intertextualidade, pois ecoam em seu poema assuntos tratados em sala de aula. Quanto à composição, o aluno organizou o texto em versos, explorou os recursos da rima, o que conferiu ritmo e sonoridade ao poema. Percebemos a argumentação contida em seu posicionamento diante do tema escolhido.

Dando continuidade à atividade, pedimos que cada aluno que fosse declamar um poema anunciasse o tema escolhido. Vale ressaltar que os alunos tiveram liberdade na escolha do tema, dentre os discutidos em sala de aula - cidade, escola, bairro -, mesmo que não fosse o tema discutido por sua equipe.

Em seguida, uma aluna anunciou que seu poema também era sobre racismo e fez a leitura.

Figura 25 - Poema de aluno sobre racismo

Racismo

Racismo é desigualdade  
 sem essa meu irmão  
 Quero paz e alegria

O que não quero pra mim  
 não quero pra neti  
 Vamos juntos amar e respeitar  
 Sem ofender nem humilhar  
 Vamos nossos colegas ajudar!!

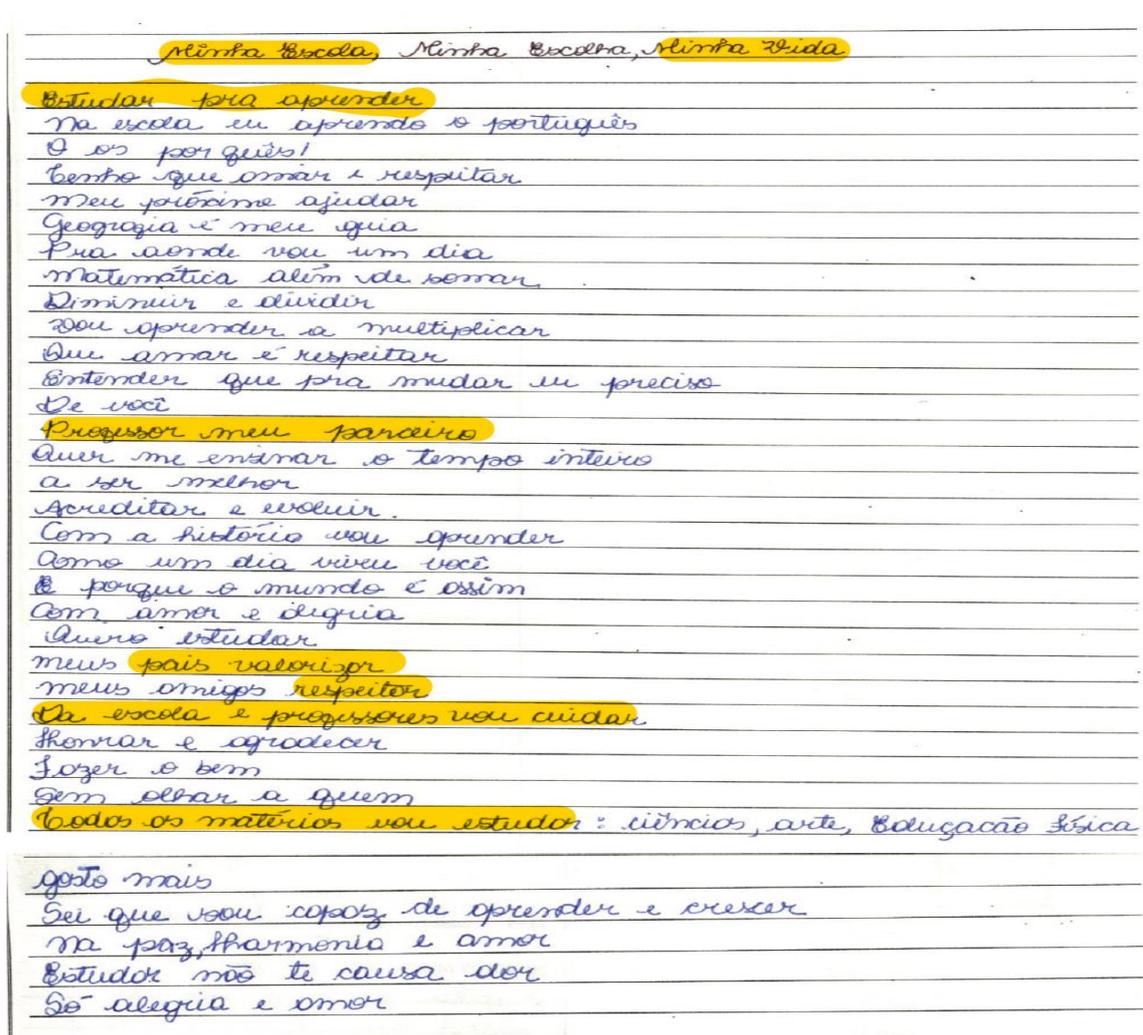
sem violência ou agressão

Fonte: Arquivo pessoal.

Pudemos perceber que a aluna incorporou em seu poema partes de nossas discussões sobre racismo, especialmente o que dissemos sobre não fazer ao outro aquilo que não queremos que façam conosco. Ela citou respeito e ação sem violência, questões muito debatidas entre os grupos, pois recentemente, na escola, ocorreram casos de agressão entre alunos de outras turmas. Notamos a presença de elementos coesivos no uso dos pronomes concordância, em "vamos juntos". Quanto ao poema em versos. A escolha das palavras confere a rima, como em "irmão / respeito / ajudar"; "respeitar / humilhar / ajudar". (da autora), a escolha das palavras, definida desde a seleção do tema, desde a direção da argumentação ou

Outra aluna apresentou seu poema sobre a escola. Após a leitura, pediu para que todos acompanhassem a segunda leitura com palmas compassadas, para conferir ritmo. Acrescentou, ainda, que seu poema fora escrito com base no texto de sua história de leitura.

Figura 26 - Poema de aluno sobre valorização da escola



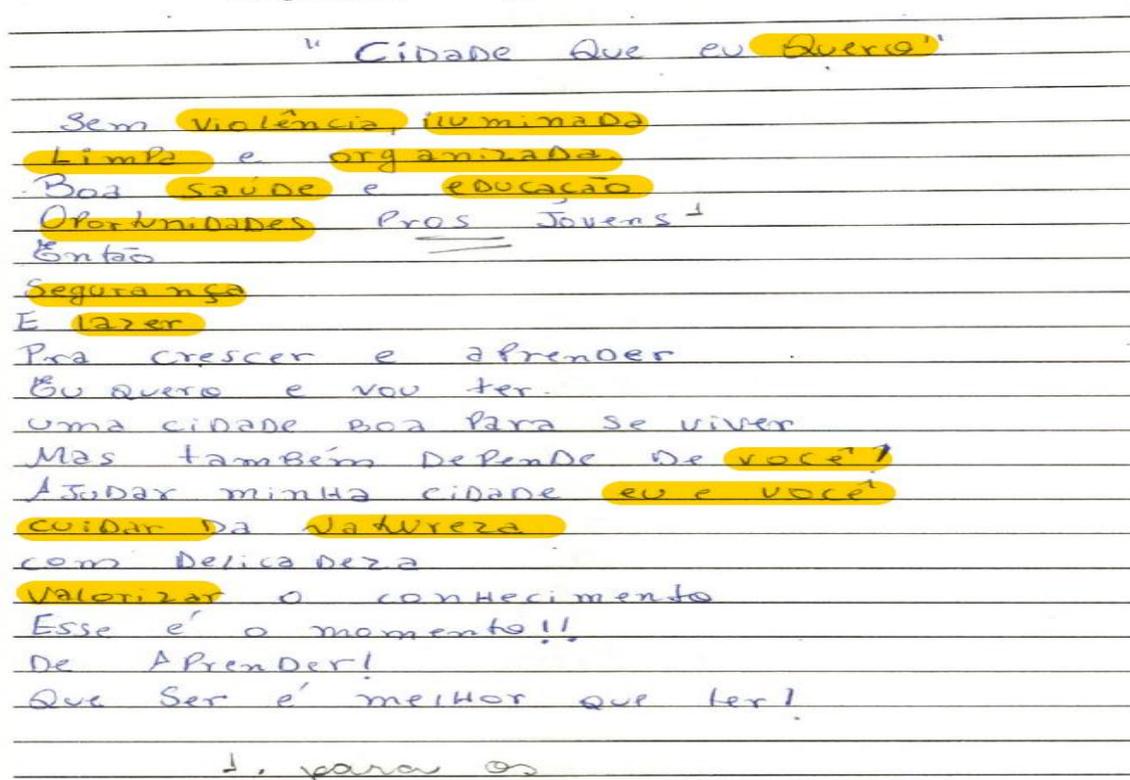
Fonte: Arquivo pessoal.

Após a segunda leitura, indagamos sobre o título que a aluna atribuíra ao poema. Ela explicou que mora num conjunto habitacional do projeto Minha Casa Minha Vida, então, escolheu para o poema o título "Minha Escola, Minha Vida", fazendo a intertextualidade com o nome do programa habitacional. Posteriormente, esse título foi alterado, por sugestão do grupo de rap, para "Minha escola escolha, minha vida", a fusão também como refrão. Esse poema foi um dos escolhidos para serem interpretados como rap. Foi possível perceber, ainda, que essa aluna também trouxe para seu texto elementos discutidos em sala de aula, como valorizar a escola, os pais e os professores. Também fala sobre respeito e sobre a importância de todas as disciplinas escolares, de acordo

com o que enfatizamos nas discussões, sobre todas as disciplinas serem igualmente importantes para nossa formação. Isso nos remete às palavras de Antunes (2010, p. 36): "Na verdade, todo o discurso especializado tem sentido de texto que sempre se parte de modelos, de conceitos de crenças, de informações já veiculadas em outras interações anteriores". Essa foi a situação de interação das equipes durante as discussões das temáticas. Quanto à forma, ela organizou o texto em versos, selecionou as palavras, atingindo a rima, dando ritmo e sonoridade ao poema e construindo uma unidade.

Outro aluno quis ler seu poema sobre a cidade e o que ouviu durante a entrevista aos moradores.

Figura 27 - Poema de aluno sobre a cidade



Fonte: Arquivo pessoal.

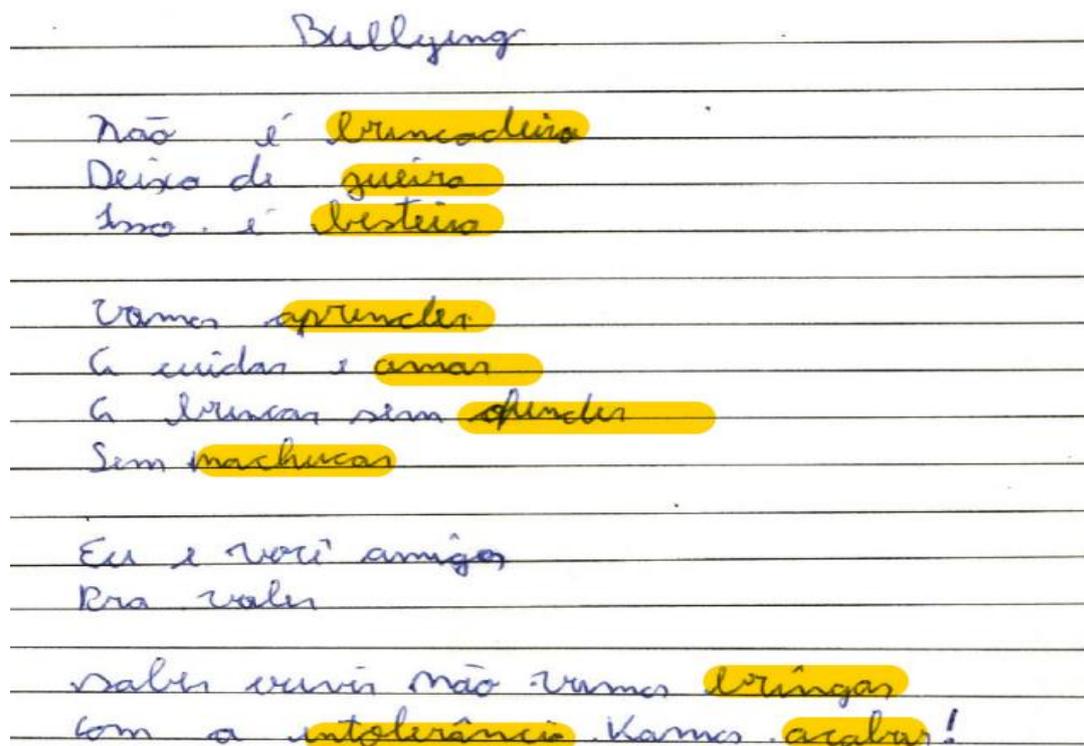
Podemos ver, nos destaques do poema "Ci", fez a intertextualidade com as informações que colheu dos moradores durante a atividade de entrevista. Incorporou assuntos que tratamos em sala de aula, apontando que a cidade que queremos não depende só dos governantes, mas

também dos moradores. Colocou-se também como responsável pela mudança esperada, o que também foi discutido em sala de aula, quando dissemos a eles que não podemos esperar que o outro faça a diferença, que nós precisamos também fazer a diferença em todos os ambientes que frequentamos. Quanto à forma, o aluno dispôs o texto em versos, buscou rima e sonoridade. Utilizou recursos coesivos, como *então*, *mas também*.

Ao longo das apresentações dos poemas, provocávamos os alunos a falar sobre o sentido global do texto. Eles demonstraram perceber nos textos os assuntos discutidos em sala.

Em seguida, outra aluna declamou seu poema, com o tema do *bullying*.

Figura 28 - Poema de aluno sobre *bullying*



Fonte: Arquivo pessoal.

Após a primeira leitura, a aluna pediu aos colegas que a ajudassem a cantá-lo em ritmo de *rap*. Assim fizeram. Ao sairmos da sala, vários alunos estavam cantando os primeiros versos *Bullying não é brincadeira / Deixa de zueira / Isso é besteira*. As rimas conferiram sonoridade, sentidos que a aluna queria transmitir. Também nesse poema foi possível perceber

a presença de outros textos, pois a autora mencionou intolerância, brigas e ofensas. O termo zoeira foi muito utilizado por outro aluno, que dizia não gostar quando os colegas ficavam de 'zoeira' 2 o. Quando pedia responder que era 'brincadeira'. No momento de se aprovando o que a colega escrevera sobre o *bullying*. Mais uma vez, salientamos a nocividade das brincadeiras que ofendem e propagam a discriminação, o racismo ou o preconceito, mostrando aos alunos as relações que existem entre conceitos e atitudes. Esse poema também foi escolhido pelo grupo de *rap* FDF para colocar ritmo.

Percebemos que os alunos se envolveram com a atividade. Mesmo aqueles que diziam não ter coragem de cantar ensaiavam uma leitura mais ritmada. Assim, 'a poesia e o ritmo ganham destaque' (Souza, 2011, p. 118). Eles também recorreram às rimas para conferir musicalidade aos poemas. Entretanto, sem perder o tom contestador e crítico, expressaram em seus textos o que queriam, o que sentiam, o que almejavam.

Depois, outro aluno anunciou seu poema, com o tema violência, e fez a leitura.

Figura 29 - Poema de aluno sobre violência

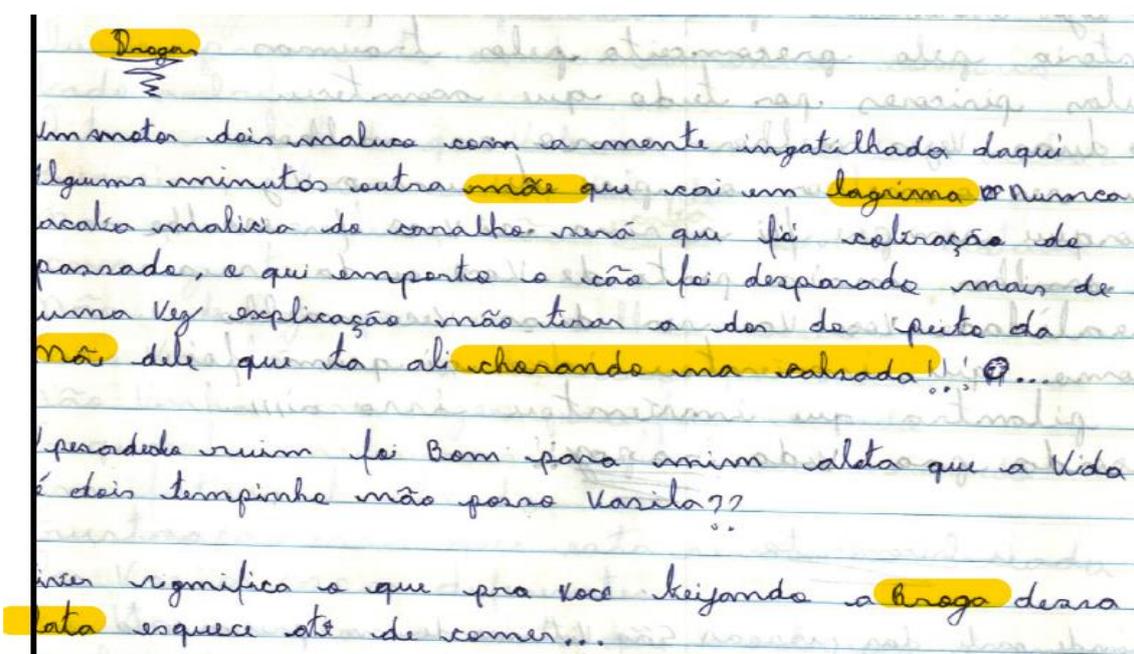
Sem **violência**  
 Sem julgar, magoar ou ofender  
 Saber ouvir e aceitar  
 Eu a **mudança** está em **mim**  
 Está em **voce?**  
 Seja paciente, esquece a paz  
 com paciência e sem **violência**  
 podemos viver **em a diferença**  
 amar é compreender  
 eu pra ser feliz  
 eu preciso agradecer.  
 eu preciso de **voce!!**

Fonte: Arquivo pessoal.

Em seu texto, esse aluno fala de mudança, que ela depende do esforço de todos, que podemos viver com a diferença, a necessidade de respeitar a diversidade, sejam elas culturais, sociais, religiosas, de gênero. Enfim, enfatizamos que toda manifestação de intolerância é derivada da não aceitação do que é diferente. À medida que aceitamos o outro tal como é, muitos conflitos deixam de existir. Os demais alunos iam se manifestando, acrescentando sua compreensão ao que fora lido. Numa constante, retomavam nossas discussões.

Em seguida, um aluno anunciou que escrevera uma paródia sobre o tema das drogas e fez a leitura, cabisbaixo.

Figura 30 - Paródia de aluno sobre drogas



Fonte: Arquivo pessoal.

Após a leitura, pedimos que ele falasse sobre o texto. Ele relatou que fez a paródia com base na música 'Lágrimas de' Acrescentou que ela retrata a história de seu irmão, que foi usuário de craque, por isso o verso 'beijando a droga dessa lata' vezes que ia atrás do filho e o encontrava em chorando na calçada.

Muitos alunos disseram que não entenderam a paródia do colega. Segundo Sant'Anna (2001, p. 26), "o conceito de paródia do receptor. Se o leitor não tem informação do texto parodiado poderá não compreender a paródia". -forçamos a leitura para os alunos. Constatamos que o aluno se apropriara da temática abordada na música e incorporara a ela parte de sua história de vida. Quanto à forma, escreveu em prosa, utilizou linguagem informal, com a presença de alguns termos próprios da oralidade. Quando ao léxico, apresentou algumas inadequações, que trabalhamos posteriormente. Esse aluno era um dos que mais apresentavam dificuldades com a escrita. Porém, o que mais nos incomodava era o fato de ele ser muito calado e distante dos demais. Contudo, percebemos seu progresso. Depois de certo tempo, além de escrever, ele se posicionava como líder em sua equipe. No fim, estava se relacionando com todos os colegas e se envolvendo em todas as atividades.

Durante as apresentações, ampliamos as discussões, lembrando os alunos da importância das diversas leituras que realizamos, das discussões, das entrevistas, da visita à biblioteca, da roda de conversa com os vereadores. Agora, eles tinham o que dizer: "A leitura é uma atividade produzida, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita". (A70) UNES, 2003, p.

Alguns alunos fizeram paródias, mas, como não sabiam cantar, declamaram. Outros preferiram produzir poemas e, com eles, tiveram maior envolvimento, pois a possibilidade do *rap* deu-lhes um novo ânimo. Nas produções, percebemos que os alunos escolheram o tema, discorreram sobre ele, argumentando e posicionando-se em relação às questões abordadas, relacionando-as com o que se passa em seu ambiente social. Conseguiram explorar as características do gênero que escolheram, organizaram os textos em versos, com rimas. Nos textos, atingiram o propósito comunicativo de expor, contestar e evidenciar as questões sociais. Apoiaram-se da intertextualidade mais ampla, presente nas experiências das diversas leituras que realizamos. Compreenderam que a escrita pode ser aprimorada, à medida que revisitamos e reescrevemos nossos textos. Ao término da leitura, perguntamos o que teriam a dizer sobre as produções. Prontamente, disseram que muitos textos tratavam do mesmo assunto de forma diferente e que todos se relacionavam de alguma maneira, demonstrando que compreenderam os sentidos construídos nos textos.

### 3.3.18 Preparativos para um evento: participação de um grupo de *rap*

Na semana marcada para a vinda da banca FDF, adicionamos dois dos *rappers* ao nosso grupo de WhatsApp, para iniciarem a interação com a turma. Antes, os alunos foram consultados e orientados a se apresentar, falar das temáticas discutidas em sala de aula e compartilhar os poemas e paródias que fizeram. Eles assim procederam. Os dois *rappers* se apresentaram ao grupo, falaram sobre o trabalho que faziam e sobre a expectativa com a participação no projeto, ressaltaram a importância de discutirmos aquelas temáticas. Os alunos, um a um, foram se apresentando e também falaram da expectativa pela realização do evento. Mantivemos, assim, uma intensa interação por meio grupo de WhatsApp até o momento de conhecermos pessoalmente os integrantes do FDF.

Em vista da atividade que realizaríamos, precisávamos organizar o evento, selecionar os temas que discutiríamos, a fim de aproveitar ao máximo o tempo de que dispúnhamos. Dessa vez, não queríamos representantes para falar, e sim que todos se manifestassem. Por conseguinte, dedicamos um momento especialmente para organizar o evento. Fizemos uma roda e conversamos sobre o que faríamos nas quatro horas-aula. Perguntamos aos alunos quais, dos temas que discutimos em sala de aula, eles gostariam de também discutir com o grupo de *rap*. Rapidamente, decidiram que seriam os seguintes, observando assuntos que se relacionavam: drogas e violência; valorização da escola e dos estudos; *bullying* e racismo.

Em seguida, definimos que as perguntas sobre as temáticas deveriam ser elaboradas previamente. Teríamos um momento de oficina de poema e, a seguir, pediríamos para o FDF cantar algumas de suas produções. Depois, eles colocariam ritmo nos poemas dos alunos. Escolhemos, dentre as produções dos alunos, cinco poemas e duas paródias que apresentaríamos ao FDF.

Depois que fechamos nossa programação, confeccionamos o pôster e o enviamos ao FDF para apreciação. Também fizemos cartazes com os poemas escolhidos para afixarmos na entrada da sala de aula. Dividimos as tarefas, cuidamos de cada detalhe: preparação do pôster, dos cartazes, limpeza da sala, comunicação à equipe gestora, solicitação de cedência de aulas aos professores, convite a esses professores para participar do nosso evento. Convidamos também outros professores, funcionários, a gestão da escola e a assessora pedagógica.

Conferimos e testamos todos os equipamentos que o grupo havia solicitado: microfones, caixas de som, computador e Datashow. Providenciamos um *flip chart*<sup>14</sup> e pincel atômico, para a atividade de escrita. Os alunos se envolveram em todos os preparativos e aguardavam ansiosos por aquele momento.

### 3.3.18.1 Participação do grupo de *rap*

No dia 23 de junho, o FDF chegou à escola às 13h. Apresentamos os *rappers* aos alunos e iniciamos o evento. Os alunos se apresentaram, um a um, e usaram com crachás de identificação, para facilitar a interação.

Um dos *rappers* propôs que começássemos com algumas músicas e, depois, passássemos à roda de conversa. Convidou os alunos a cantar músicas do grupo e disse que trouxera um CD de presente para cada aluno. Apresentaram alguns de seus *raps*, que tratavam justamente das temáticas que discutimos. Os alunos ficaram atentos às letras. Observamos que gostaram e se empolgaram com as músicas, acompanhando algumas com palmas.

Em seguida, retomamos os temas estudados e a seleção das temáticas a serem discutidas naquela tarde. Depois, passamos ao sorteio das questões que havíamos elaborado. Posteriormente, os alunos fizeram outras perguntas. E assim prosseguimos: cada aluno pegava um papel dobrado com uma pergunta, que lia para qualquer um dos integrantes do grupo de *rap* responder. À medida que respondiam, os alunos percebiam que tudo o que estava sendo dito dizia respeito ao que haviam debatido em classe. No entanto, ouvir de outras pessoas parecia mais interessante. Foi a confirmação de tudo o que já havíamos tratado com eles nas aulas.

Os *rappers* falaram de racismo, *bullying*, valorização e respeito às pessoas, de individualidade, de preocupação com o outro. Discorreram sobre solidariedade, perseverança, depressão e, por fim, sobre drogas. Nesse momento, levantou-se o assunto de um assassinato ocorrido no dia anterior, que circulara no grupo de WhatsApp, causando bastante comoção entre os alunos, pois a pessoa assassinada era muito jovem. Nesse momento, demos exemplos, mostrando aos alunos as razões pelas quais episódios como aquele acontecem diariamente.

---

<sup>14</sup> Cavalete de madeira com bloco de papel.

Entre um assunto e outro, o FDF apresentava uma música, sempre convidando os alunos a cantar e bater palmas. Por fim, as questões se esgotaram, mas os alunos não queriam parar de perguntar. Participaram com atenção, respeitando a vez do outro, querendo saber sempre mais. Uma aluna fez uma pergunta sobre um tema não tratado em sala de aula: o que achavam do homossexualismo? Os *rappers* novamente falaram de respeito, tolerância, amor, compaixão. Disseram que, mesmo nossos princípios sendo inegociáveis, eles não nos dão o direito de sermos intolerantes ou preconceituosos. A pergunta da aluna foi provocativa, pois um dos integrantes do grupo se apresentou como pastor e ela acreditava que ele diria que não concordava ou não aceitava. Ele respondeu que os homossexuais são pessoas como nós, que têm sonhos, que sofrem, que querem ser aceitas, que precisam de apoio e merecem ser respeitadas.

Posteriormente as discussões, o FDF propôs cantarmos novamente. Dessa vez, os poemas que os alunos produziram, a fim de colocá-los em ritmo de *rap*. Como todos tinham os poemas no caderno, puderam acompanhar a letra. Um *rapper* colocava o ritmo (*beat*), utilizando os sons disponíveis no equipamento que trouxeram. Para cada uma das composições, um ritmo diferente (ao todo, cinco). Ele orientou os alunos a realizar uma primeira leitura em voz alta, marcando as rimas, assim como fizemos em sala de aula. Em seguida, tentávamos cantar.

Após esse momento de cantar os poemas, um aluno foi convidado a cantar ou declamar a música que parodiara do Unidade Racial, na qual conta a história do irmão. Esse aluno se levantou, colocou-se na frente de todos e declamou. Todos se surpreenderam, pois ele é muito introvertido. Sua coragem e disposição de se apresentar nos emocionaram. Antes de declamar, o aluno falou sobre o que estava contando e ainda fez um alerta para que os colegas jamais entrassem no mundo das drogas.

Depois, foi a vez da aluna que fez a paródia sobre violência contra uma criança. Segundo a aluna, sua paródia retrata uma situação real compartilhada durante as discussões. Essa aluna, apresenta boa leitura, boa escrita e é desenvolta. Apesar disso, demonstrou nervosismo no momento da declamação, o que é compreensível, tendo em vista estar se apresentando diante de um grupo de cantores e não ter experiência naquele tipo de apresentação.

Retomamos as questões dos alunos. Dessa vez, queriam saber sobre o grupo: o que faziam; qual era o trabalho deles. Os *rappers* foram respondendo: um

reforçou que o grupo é a junção de vários outros grupos que escrevem *rap* e, quando juntos, denominam-se A Banca Família da Fé. Disse que, no grupo, há adultos, adolescentes e crianças, que eles retratam em suas composições justamente os temas que os alunos discutiram, por isso, haviam aceitado nosso desafio. Relatou que aquela era a primeira vez que participavam de uma atividade escolar e que gostariam de levar aquela experiência para outras escolas. Elogiou as nossas discussões e os temas escolhidos. Disse que percebeu a emoção dos alunos ao falar de assuntos que geralmente os professores preferem não abordar. Citou a importância de termos ido à Câmara para apresentar os anseios dos moradores aos vereadores e que devemos continuar com o projeto, debatendo outras questões e falando de assuntos que muitas vezes são esquecidos nas escolas, principalmente em relação aos valores. Disse também que todos os temas que debatemos passam pelos nossos princípios e valores éticos e morais.

Depois, foi a vez de o *rapper* adolescente apresentar suas composições aos alunos. Ele enfatizou a importância de respeitar os pais, os professores, os amigos, de sermos estudiosos e buscarmos sempre um bom caminho.

Em nossa programação, prevíamos um momento de interação mais espontânea com o grupo. Então, fomos para o pátio da escola fazer algumas imagens com os alunos. Combinamos o que faríamos e saímos da sala. No pátio, fizemos uma roda para cantar o poema `Mi nha gravação de um vídeo. O FDF sugeriu que acrescentássemos ao refrão `mi nha escolha\_, o que foi prontamente aceito. O escolha, minha vida\_, para facilitar a inte

Em seguida, caminhamos até a frente da escola, tiramos fotos e, mais uma vez, cantamos a música. Não conseguimos realizar a oficina de poema programada, por falta de tempo. Porém, os dois *rappers* que faziam parte do nosso grupo de WhatsApp deixaram a oficina como atividade que poderíamos postar no grupo depois.

Enquanto estávamos fora da sala, duas professoras organizaram a mesa para um *coffee break*. Os alunos cercaram os músicos, querendo saber mais sobre o trabalho deles. Vale dizer que duas professoras e uma técnica da escola estiveram conosco durante toda a programação e contamos, por alguns momentos, com a presença da secretária da escola, do diretor e da assessora pedagógica. A nossa programação causou movimentação na escola. Mesmo com as portas da sala de

aula fechadas, muitos alunos escutaram as músicas, os aplausos e quiseram saber o que estava acontecendo.

No final, os alunos quiseram que a banca autografasse os CDs e ficaram aguardando os autógrafos. Aqueles que usavam o transporte escolar saíram às 17h, os demais permaneceram na escola por mais tempo.

Foi um dia intenso, em que muita coisa interferiu na programação. Ficamos nervosos, ansiosos e apreensivos. Daria tudo certo? Podemos dizer que essa atividade nos fez ver o quanto significaram para os alunos os temas que discutimos. Fez sentido para eles tratar dos assuntos que vivenciam fora da escola. O fato de muitos alunos que já sofreram algum tipo de violência conseguirem se expor e falar sobre isso fez com que o trabalho adquirisse uma dimensão maior do que esperávamos. Eles conseguiram se expressar e se emocionar, falar de seus conflitos, refletir sobre eles e entendê-los melhor. Pediram para não pararmos com o projeto nem desfazer o grupo, e também para que os dois *rappers* da banca permanecessem nele.

A interação continuou. Como a banca faria uma apresentação em um evento na cidade, muitos alunos foram prestigiá-la.

### 3.3.19 Refletindo sobre a escrita: encaminhamentos finais

Durante as atividades do projeto, insistimos na reescrita. Porém, nosso objetivo não era simplesmente corrigir erros, mas observar a adequação da linguagem ao gênero textual trabalhado, os sentidos que os alunos tentaram produzir e a abordagem da temática escolhida. Dessa forma, ao corrigirmos os textos com os alunos, a intenção era provocar neles uma reflexão sobre os usos da língua oral e escrita. Buscamos observar nos textos traços de textualidade como a *i n t e r t e x t u a l i d a d e*, que ¶ `um princípio que t e x t o, visto que este ¶ produzido em respos (KOC 2015, p. 44). Instigamos os alunos a perceber que em seus textos reverberavam todas as temáticas e os textos abordados durante as atividades do projeto. A b o r d a m o s a c o e s º o, que ` diz respeito a o m e n c o n t r a m e x p l i c i t a m e n t e i n t e r l i g a d o s \_ ( K O C refere ao modo como os elementos expressos no texto estão organizados e p e r m i t e m ` a o s u s u º r i o s d o t e x t o a c o n s t r u º

165). Assim, observávamos nos textos dos alunos a compreensão global das leituras realizadas, a organização das ideias, a escolha do que dizer e de como dizer e a presença de uma unidade possível de ser compreendida.

Como havíamos dito a eles, procuramos não fazer marcações em seus textos. Eles sabiam que nosso propósito ultrapassava a mera avaliação para atribuição de nota. Aliás, os alunos participaram do projeto e escreveram os textos sabendo que o único benefício seria o conhecimento que adquiririam. Apesar de nem todos os alunos escreverem, consideramos um avanço as nossas discussões em sala de aula, pois mesmo os menos motivados conseguiram se expressar, manifestar opiniões, debater as questões propostas. Dia a dia, víamos mudança na turma, especialmente no tocante ao relacionamento interpessoal.

Marcamos mais um encontro para o dia 2 de agosto, para trabalharmos algumas questões linguísticas, destacando as inadequações mais frequentes no primeiro texto, nas respostas às questões, nas entrevistas e nas produções. Pedimos aos alunos que observassem o que pontuamos para, em seguida, eles mesmos voltarem aos textos e fazerem as modificações necessárias. Sempre ressaltamos a importância do acesso a diferentes textos, de diferentes gêneros textuais, que servem a diferentes propósitos comunicativos. Sempre que fazemos uso da linguagem estamos usando textos, sejam orais, sejam escritos. O domínio desses gêneros nos permite adequar a palavra a diversas situações de uso.

Em seguida, passamos ao trabalho de análise linguística com os alunos, apontando as ocorrências mais frequentes. Solicitávamos que dissessem a forma adequada, e eles conseguiram perceber as ocorrências e fazer as alterações. Alertamos os alunos para o fato de que muitas daquelas inadequações eram derivadas de falta de monitoramento da linguagem. Eles precisavam revisar a própria escrita, fazer uma leitura mais atenta para si mesmos. Assim, perceberiam o que precisava ser modificado. Ressaltamos que, quando trocavam cadernos entre si, estavam sendo `corretores dos prÆprios t e (SANTOS; TEIXEIRA, 2016, p. 32).

A título de ilustração, citaremos a seguir algumas ocorrências que trabalhamos com todos os alunos, enfatizando o uso de mas e mais.

Figura 31 - Trecho de resposta de aluno às questões norteadoras das discussões

1º Plão. Mas devíamos valerias mas pois escola é um ambiente que nos capacita a sermos melhores a cada dia que passo.

Fonte: Acervo pessoal.

Nesse trecho, a aluna usou mas na primeira ocorrência, com função adversativa; porém, na segunda ocorrência, deveria usar mais, com função adverbial de intensidade. Reforçamos que as duas palavras têm sonoridade parecida, mas grafia e significados diferentes. Além do uso de mas e mais, observamos que ela iniciou a oração com letra maiúscula, encerrou com ponto final, mas deixou de empregar a vírgula separando as orações, antes da conjunção pois. Mencionamos que o uso dos conectivos adequados confere ao texto diversas relações semânticas entre os enunciados, estabelecendo assim a coesão.

Figura 32 - Trecho de resposta de aluno às questões norteadoras das discussões

do, mas e que mais acontece e um assunto muito delicado e o preconceito, o preconceito e um assunto em que muitas pessoas tem opiniões diferentes, e devemos

Fonte: Acervo pessoal.

Já nesse outro recorte, a aluna faz uso apropriado de mas, com função adversativa, e mais, advérbio de intensidade. Percebemos, ainda nesse trecho, a repetição dos termos `preconceito` e `assunto` repetidos podem ser substituídos. No primeiro caso, a substituição poderia ser pelo pronome esse e, no segundo, por uma palavra sinônima.

Figura 33 - Trecho de resposta de aluno às questões norteadoras das discussões

4: Ayudar os colegas que precissem **demais**  
vaticação e ajuda

Fonte: Acervo pessoal.

Nesse outro trecho, o aluno usou a forma demais também é um advérbio, porém, no trecho em análise, deveria ser usada a expressão Aumentamos, ainda, a grafia do vocábulo s, quando deveria gravar com apenas um s.

Apresentamos aos alunos as várias ocorrências de mais, com sentido de intensidade, quando deveriam usar mas, com sentido de oposição, e vice-versa. Aproveitamos para dizer que mais é um advérbio e mas, uma conjunção. Solicitamos a leitura atenta dos textos para perceberem quais os sentidos que esses termos estabelecem no texto, fazendo com que notassem qual o mais adequado a cada contexto.

Figura 34 - Recorte de texto de aluno

Estudos **pro** reais  
Valorizar professores e a escola  
E me bolam a recompensa tira  
Aprender **pro** me quem passar

Fonte: Acervo pessoal.

Aqui, trata-se do uso da preposição para em sua forma popular, pra. Explicamos que, na linguagem informal, na modalidade oral, podemos utilizá-la, essa forma é aceita. Porém, em situações de escrita mais formal, devemos optar pelo uso da forma para. Observamos nesse texto, que todas as frases foram iniciadas com letra maiúscula e também o v

maiúscula.

Figura 35 - Recorte de texto de aluno

Limpa e organizada.  
Boa saúde e educação  
Oportunidades **pros** Jovens<sup>1</sup>

Fonte: Acervo pessoal.

Nesse outro excerto, o aluno utilizou a alteração<sup>2</sup> para os jovens, porém, o aluno Observamos que, por se tratar da composição de um poema, ele teria essa liberdade com a escrita. Nesse texto, apontamos também o uso de algumas letras maiúsculas no meio das palavras, especialmente me

Os textos produzidos também apresentaram inadequações de concordância verbal e nominal e, ao apresentá-las aos alunos, logo eles percebiam a alteração que deveria ser feita, confirmando que o que lhes faltava era um pouco mais de monitoramento no uso da linguagem escrita. Citamos a seguir algumas ocorrências de concordância, dentre as várias que surgiram.

Figura 36 - Recorte de texto de aluno

1. } Tinha as **tataras**, né?  
uma coisa que **todas** são  
**todas** carinhosa.

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 37 - Recorte de texto de aluno

1. Professores capacitados que **encintura** os alunos a estudar, alunos dedicados esforçados aos estudos.

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 38 - Recorte de pergunta elaborada por aluno

7- Qual as melhorias para o transporte escolar?

Fonte: Acervo pessoal.

Nos destaques desses exames, também encontramos toda a carinhosa, professores capacitados. Apontamos neles a falta de concordância e a palavra encitativa. Na ocasião, pronunciamos a /e/ com som de /i/. Ao mencionarmos essas ocorrências e solicitarmos aos alunos que apresentassem a forma mais adequada, eles prontamente identificavam a falta de concordância ou a inadequação na ortografia, corrigindo-as.

Continuamos abordando a escrita de palavras que fogem à norma. Falamos sobre o acordo ortográfico da Língua Portuguesa. Muitos alunos disseram que existem palavras difíceis de escrever. Então, explicamos que a escrita é artificial, e que, à medida que temos contato com diferentes tipos de textos, diferentes leituras, em diferentes suportes de textos, fazemos contato visual com inúmeras palavras e assim desenvolvemos mais facilidade na escrita, pois já tivemos contato com aquela grafia antes. Para ilustrar, apresentamos outro recorte em que apareceram várias ocorrências.

Figura 39 - Recorte de texto de aluno

mas eu quis mostrar foi difícil, mas seguinte  
vai ser fácil mas tão difícil... mundo das coisas  
o mundo vai se acabando e eu também mais

Fonte: Acervo pessoal.

Nesse trecho, salientamos a recorrência. Também observamos algumas palavras sem acentuação, como, por exemplo: `difícil`, `fácil`, `nveim vez desm.e.m A`lt`lambd`j ns\_s.o, Cih  
ainda duas ocorrências da palavra `dif°cil`

adequadamente, já na terceira, grafou de forma inadequada, o que reforça a necessidade de monitoramento da escrita.

Nas Figuras 40 e 41, apontamos novas ocorrências de grafia inadequada. Vejamos.

Figura 40 - Recorte de texto de aluno

Ela <sup>meche</sup> meche seus cabelos e caminhava nas calçadas pelas ruas  
A procura de saber onde vai para se

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 41 - Recorte de texto de aluno

Kauz'io vai vli lá! Onde está!  
Um conselho vou dar  
meninas, meninas!!!

Fonte: Acervo pessoal.

Mencionamos esses dois exemplos em sala de aula e alguns alunos reforçaram que a grafia do vocábulo ``meche` estava correta. Explicamos que /x/ e /ch/ podem representar o mesmo som em algumas palavras, por isso, surge a dúvida. No outro recorte da Figura 41, apontamos que faltava a letra `n` na palavra ``conselho`.

Em seguida, apresentamos os seguintes recortes para os alunos, destacando o uso de letra maiúscula e minúscula.

Figura 42 - Trecho de entrevista realizada pelo aluno

de biologia se perdeu' em uma mata aqui em  
paramatanga. ele foi em contrato pelas policias'.

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 43 - Trecho de entrevista realizado pelo aluno

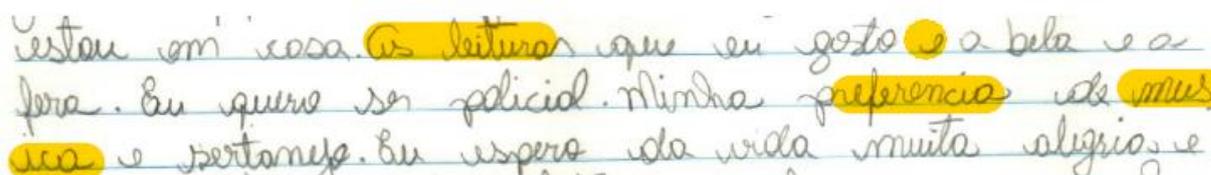


Fonte: Acervo pessoal.

Explicamos que o termo que especifica o nome da cidade deve sempre ser grafado com inicial maiúscula. Já o substantivo próprio e substantivo comum. Nesses trechos, também observamos o uso do vocábulo encontrado, e a ocorrência pelas polícias.

No excerto que se segue, além da ocorrência de concordância na primeira linha - as leituras que há falta de acentuação no vocábulo preferencial e separação silábica inadequada.

Figura 44 - Recorte de texto de aluno



Fonte: Acervo pessoal.

Quanto as demais ocorrências de grafia de palavras, fizemos as correções ortográficas oralmente com os alunos. Projetamos no quadro as palavras e solicitamos que dissessem qual a grafia correta. Eles voltavam, então, aos textos e faziam as adequações necessárias. Entendemos que os alunos estão em processo de aprendizagem e que essas dificuldades serão superadas ao longo de leituras e atividades de escrita.

Nesses apontamentos, explicamos a eles que os dicionários podem e devem ser consultados em caso de dúvida, assim como fizeram no decorrer de nossas atividades. Especialmente hoje, com o acesso à internet, eles podem facilmente verificar a grafia e o significado das palavras em dicionários virtuais.

Posteriormente, fomos até a biblioteca da escola, trouxemos um volume da enciclopédia *Barsa* e um dicionário Aurélio e os apresentamos como o Google de antigamente. Os alunos riram e alguns quiseram folhear os livros. Reforçamos que,

apesar do vasto acesso a inúmeras informações, é preciso selecioná-las, lendo sobre determinado assunto em diversas fontes e sempre confrontando as informações.

Então, entregamos para cada aluno uma revista busca palavras da coleção Coquetel, para que tivessem contato com outras leituras, em outro suporte. Cada página trazia um texto diferente sobre assuntos diversos. Eles fizeram a atividade de encontrar no diagrama as palavras que estavam em destaque no texto. Com isso, exploraram, de forma lúdica, o trabalho com o léxico.

Após essa atividade, resumimos todas as etapas do projeto desenvolvido, instigando os alunos a falar também. Aqui, apresentamos essa breve síntese.

Iniciamos o projeto com um primeiro texto, o da história de leitura dos alunos, de característica autobiográfica. Seguiram-se atividades de relatório, leitura de textos em diversos suportes, pesquisa sobre assuntos ou notícias na internet, pelo celular. Os alunos expressaram-se oralmente nas discussões em equipe e entre equipes. Visitaram a biblioteca municipal, onde fizeram leituras diversas e preencheram fichas. Conduziram, fora da classe, entrevistas com moradores dos bairros da cidade, anotaram as informações colhidas e as socializaram com os colegas. Fizeram leitura e audição de várias músicas. Visitaram a Câmara Municipal, onde se expuseram a uma situação mais formal de uso da língua, para qual se prepararam com antecedência. Para intensificar a comunicação, discutimos as atividades no grupo de WhatsApp e em sala de aula até chegarmos ao evento com o grupo de *rap*.

À medida que recapitulamos essas etapas, provocávamos os alunos a apresentar suas reflexões, sempre ressaltando que estavam sendo expostos a atividades reais de uso dos gêneros. Por exemplo, elaboraram um ofício de solicitação de visita à Câmara Municipal e criaram uma pauta de reivindicações dos moradores para a reunião com os vereadores. Além disso, ajudaram a definir que assuntos seriam abordados no evento com o grupo de *rap* e formularam as perguntas que fariam aos *rappers*. Escolheram as paródias e os poemas a serem apresentados no momento da interação com o grupo de *rap*, selecionando aqueles que julgavam adequados ao tema e ao momento.

Esse resumo demonstra que os resultados alcançados podem ser atribuídos à turma toda. Neste ponto, lembramos o texto de autor desconhecido que compara a escola a uma orquestra: todos sentiram que os resultados eram mérito da turma.

### 3.3.20 Divulgação das produções dos alunos e produto final

Para finalizar o projeto, decidimos com os alunos que divulgaríamos os poemas transformados em *rap* no intervalo do recreio, através do sistema de som que existe nos corredores da escola. No início, eles ficaram inibidos. Porém, garantimos que faríamos a divulgação e observaríamos as reações dos demais alunos da escola durante o recreio. Em seguida, passaríamos nas salas para perguntar-lhes se ouviram e o que tinham a dizer sobre as músicas.

Cabe aqui um parêntese, para explicar qual gravação divulgamos para a escola através do sistema de som. Depois da participação do FDF, um dos *rappers* levou para um estúdio a gravação do áudio com os alunos cantando os poemas. Infelizmente, segundo esse *rapper*, a gravação não ficara boa, em razão da interferência de ruídos externos e das vozes descompassadas. A solução foi o grupo de *rap* refazer a gravação das músicas em estúdio, aproveitando apenas trechos com as vozes dos alunos. Nessa nova gravação, o *rapper* informa o nome do projeto e a turma que o desenvolveu.

Retomando o relato sobre a divulgação, tocamos as músicas e fomos andar pelo pátio com alguns alunos. Logo pudemos ouvir comentários e elogios dos outros alunos de outras turmas. Os professores também se manifestaram e deixamos que as músicas fossem tocadas durante todo o intervalo do recreio.

Passado esse momento, já com os alunos de volta às salas de aula, fomos até a turma D e convidamos quem quisesse a nos acompanhar, visitando as outras turmas para saber sua opinião. Passamos nas 13 salas de aula e em todas observamos a curiosidade dos alunos a respeito do projeto. Algumas turmas se queixaram por não ter participado do momento com o grupo de *rap*, cuja presença e movimentação foram notadas por muitos no dia do evento. Enfim, pudemos perceber que toda a escola conhecia o projeto e queria saber por que a turma D tinha aulas naquela tal sala de reunião dos professores. Depois dessas visitas, a turma D manifestou se sentir orgulhosa, tanto por ter sido escolhida para o projeto quanto pela repercussão que ele teve.

Após passarmos nas demais salas de aula, estávamos em classe com a professora regente da turma. Ela relatou o quanto melhoraram o desempenho e o relacionamento dos alunos entre si e anunciou que ficaram acima da média na avaliação que a Secretaria de Estado de Educação enviara. Ressaltamos que

estávamos muito satisfeitos com o resultado, mas que não atribuíamos essas mudanças apenas ao que desenvolvemos no projeto, e sim a um conjunto de ações realizadas por todos os professores da turma e, especialmente, pelos alunos, que compreenderam que, para aprender, precisam estar abertos e participar ativamente do processo. Daí a constatação de desenvolvimento satisfatório ao longo do semestre.

Em seguida, duas alunas informaram que prestariam o exame seletivo para o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), para o polo de Primavera do Leste. Pediram nosso apoio para ajudá-las com os conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa. Isso foi muito importante, pois revelou que elas estão, de alguma forma, indo em busca dos seus sonhos e objetivos.

Como fechamento do projeto, definimos com a turma que faríamos um vídeo com algumas imagens e as músicas gravadas pelo grupo de *rap* Banca Família da Fé, proposta aprovada por todos. Solicitamos auxílio para a digitação dos textos que comporiam nosso produto final: um livro digital e impresso. Duas alunas se dispuseram a ajudar.

Esse nosso encontro teve um tom de despedida. Fizemos uma roda de conversa e realizamos a leitura de todos os textos escritos pelos alunos. Além da paródia elaborada coletivamente, havia outras cinco paródias e 15 poemas. Com base nesses textos, organizamos o livro digital, usando o *software* disponível em Canva.com. Esse livro foi compartilhado pelos alunos com seus contatos de *e-mail* e WhatsApp. Também confeccionamos um livro impresso em gráfica para cada aluno. Oferecemos um exemplar à biblioteca da escola e outro à biblioteca pública da cidade. Os textos dos alunos, que compõem os livros, constam nos anexos desta dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa trajetória profissional nos deparamos com inúmeros desafios em sala de aula, com os quais, muitas vezes, não soubemos lidar. Isso sempre gerou em nós uma profunda insatisfação e inquietação. Podemos citar como a principal delas a dificuldade de envolver os alunos em sua própria aprendizagem, fazendo-os perceber a importância do estudo e do conhecimento para a vida prática e como forma de mudar a realidade, tendo em vista que a aprendizagem só é possível quando os sujeitos se apropriam do conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles, mediado pela interação com o outro (PÖN, 1998, p. 33). Assim, para efetivar a aprendizagem, o aluno precisa ser ativo, atuante, questionador, partícipe.

Nossa inquietação confirmava que precisávamos desconstruir conceitos consolidados como certos, deixar de justificar nosso insucesso apenas pelos fatores externos à escola. Sentíamos que nossa formação inicial, na graduação, e a experiência adquirida com a prática eram insuficientes para mudar nossa atuação e provocar as mudanças que almejávamos. Há muito desejávamos voltar à Universidade, em busca de subsídios teóricos para aliar à experiência. Assim, foi nos estudos realizados no Mestrado Profissional em Letras - Profletras, que encontramos contribuições teóricas para apoiar nossa prática. Esse mestrado nos ofereceu a oportunidade de estudar várias teorias linguísticas. Durante as disciplinas, pudemos relacionar a teoria com a prática que desenvolvíamos e perceber nossas falhas, trocar experiências, falar de nossos anseios e expectativas. Nesse processo, fomos delineando o projeto interventivo. Dentre as diversas linhas teóricas estudadas, optamos por conduzir este trabalho da perspectiva da LT, que toma o texto como objeto de reflexão e ensino.

Em Geraldi (2013, p. 105) vamos encontrar o seguinte esclarecimento sobre a especificidade do ensino da Língua Portuguesa:

O trabalho com a linguagem, na escola, vem se caracterizando cada vez mais pela presença do texto, quer enquanto objeto de leituras, quer enquanto trabalho de produção. Se quisermos traçar uma especificidade para o ensino da língua portuguesa, é no trabalho com o texto que a encontraremos. Ou seja, o específico da aula de português é o trabalho com textos.

Assim, desenvolvemos um trabalho de leitura e escrita baseado no gênero textual paródia, que se desdobrou para o gênero poema, com o objetivo de desenvolver as competências linguísticas e discursivas dos alunos do nono ano.

Partimos das questões sociais vivenciadas por eles em suas comunidades e de temáticas também definidas por eles, vi linguagem oral e escrita pode possibilitar a participação cidadã e política, bem como transformar as condições dessa participação, conferindo-lhe melhor qual (PCN, 1998, p. 64). Destarte, ansiávamos por alunos mais críticos e engajados nas questões que os afetam e, para isso, criamos situações de prática de leitura e escrita que demandaram pesquisa, reflexão, seleção de informações e posicionamento crítico, bem como a participação em contextos reais de uso da língua, como por exemplo, na roda de conversa com os vereadores.

Ainda no que diz respeito à fundamentação teórica de nosso trabalho, apoiamos-nos também na Sociolinguística Variacionista, que toma a linguagem como fenômeno social, variado, heterogêneo. Seg sociolinguística e a linguagem, temos de considerar seus aspectos sociais. Dessa forma, demonstramos aos alunos que, em nossas interações, sempre nos comunicamos por meio de textos, nas modalidades oral e escrita, nas variedades formal e informal, adequando-as às diversas situações e necessidades de interação.

De todo o exposto não há ponto entre teoria e prática [...] é preciso eleger o *movimento* como é ponto de partida e como ponto de chegada, que (GERALDI, 2012, p. XXVIII, grifos do autor). Por conseguinte, aprimoramos e ressignificamos a nossa prática e a nossa postura em sala de aula no ir e vir entre teoria e prática e em nossas constantes interações com os alunos.

Isto posto, há que se considerar que os percalços no caminho de desenvolvimento do projeto interventivo nos fizeram compreender que nem tudo o que planejamos é possível colocar em prática. Os desafios surgem diariamente. No entanto, temos de ser perseverantes e, ao mesmo tempo, flexíveis, a fim de redimensionar o trabalho pedagógico.

A primeira dificuldade encontrada foi a impossibilidade de usar o Laboratório de Informática, espaço onde, no planejamento, prevíamos conduzir a maioria das aulas. Com isso, tivemos de replanejar as atividades e adotar como ponto de partida a história de leitura dos alunos e as temáticas citadas por eles em seus textos.

Depois, chegamos às questões da cidade, por meio da atividade de entrevista com os moradores dos bairros. Também enfrentamos o desafio de envolver a turma no trabalho em equipes, visto que os alunos estavam habituados a atividades individuais. Além disso, precisamos provocá-los, para que expusessem seus anseios e necessidades e buscassem possibilidades de atuação, engajando-se nas discussões e nas questões sociais que os afetam.

Por fim, no momento da escrita das paródias, outra dificuldade surgiu. Esbarramos na interpretação musical das paródias e os alunos não aceitaram fazer um videoclipe, uma das possibilidades de produto final que havíamos planejado. Nesse momento, escutar os alunos foi fundamental para redimensionar nosso trabalho. Foi quando eles se posicionaram em relação às atividades. Dessa interlocução – professora e alunos – surgiu a possibilidade da escrita de poemas, que posteriormente desencadeou outra atividade: a oficina com um grupo de *rap*.

Também interferiram em nossas atividades os acontecimentos diários da escola. Por exemplo, períodos de avaliação interna e externa, momentos de palestras e outros projetos. Assim, fomos modificando, alterando as etapas conforme a necessidade. Embora esses fatores tenham interferido em certos momentos, nós os consideramos positivos. O dia a dia da escola é assim, dinâmico, imprevisível às vezes e, em muitas ocasiões, surgem situações que fogem ao nosso controle. Porém, podemos nos valer dos acontecimentos para provocar reflexão, diálogo, bem como aproveitar as oportunidades para redimensionar nosso trabalho.

Com relação aos aspectos positivos, foram muitos. A turma mudou de perfil quando os alunos se aproximaram mais uns dos outros, ficaram mais sensíveis, empáticos, estreitaram vínculos de amizade com os colegas, participaram intensamente das atividades, fizeram pesquisas, diversas leituras e, ainda, melhoraram seus resultados nas avaliações. Além do mais, perceberam que o conhecimento se efetiva nessas interações e que eles precisam ser participantes ativos para que a aprendizagem aconteça.

Mesmo que muitos alunos tenham apresentado dificuldades e verdadeira aversão à escrita em vários momentos do percurso, como, por exemplo, na história de leitura, nas respostas às questões durante as discussões das temáticas, na atividade de entrevista e na escrita de paródias e poemas, nas atividades de correções e refacção dos textos, demonstramos que as inadequações nos textos são objeto de reflexão. Os alunos estão em processo de aprendizagem e essas

dificuldades serão superadas com leitura e escrita, e a escrita pode ser aprimorada. Quando os alunos se posicionaram como corretores dos próprios textos, perceberam que muitas inadequações ocorrem por falta de atenção e não porque não conheçam a forma adequada. Em nossas reflexões sobre o uso e o funcionamento da língua, explicamos que eles podem recorrer à pesquisa, ao dicionário e às gramáticas, especialmente porque têm acesso à internet e, numa busca rápida, podem encontrar respostas para as dúvidas que tiverem. Assim, os alunos foram orientados a usar os recursos tecnológicos de que dispõem como ferramenta de aprendizagem e não apenas de distração.

Como resultado das várias atividades e discussões que tivemos, sentimos que os alunos despertaram para seus objetivos e sonhos. Devolver a eles a capacidade de sonhar fez com que nos sentíssemos realizados, pois faltava a esses alunos quem os encorajasse, quem os provocasse a ter sonhos, a projetar o futuro.

Certamente, também observamos uma profunda mudança em nossa prática. Em momentos anteriores, chegávamos à sala de aula com uma postura autoritária, rígida. Nosso planejamento já estava definido e nada era alterado. Depois deste trabalho, vimos a necessidade de conquistar os alunos diariamente, de tentar envolvê-los, ouvi-los e, junto com eles, encontrar soluções para cada obstáculo. Dessa forma, sentimos que os alunos também se comprometiam mais com os resultados, pois sentiam que faziam parte das decisões e das escolhas.

No decorrer das etapas do projeto também nos colocamos na situação de aprendizes e, com os alunos, aprendemos a usar alguns recursos tecnológicos. Foi necessário aceitar e entender que eles têm outras maneiras de ler e escrever, tão válidas e importantes quanto as nossas. Além disso, eles estão inseridos em um mundo cada vez mais tecnológico, estão sempre portando um *tablet*, um celular ou um *notebook*. Nosso papel é orientá-los no uso desses recursos. Em nossas atividades do projeto sempre solicitávamos que algum aluno pesquisasse um termo ou buscasse uma notícia ou informação para compartilhar com a turma. Com isso, o uso do celular em sala de aula não era um problema, mas um reforço às atividades de leitura.

Em suma, partindo das discussões das temáticas apontadas na história de leitura dos alunos e do resultado das entrevistas com os moradores dos bairros onde os alunos residem, chegamos *ao que dizer*. Definimos o gênero paródia e, posteriormente, o poema, para que eles expressassem seus anseios e atingimos a

*estratégia do dizer*. Com os textos produzidos pelos alunos, organizamos um livro em formato digital e impresso. Além disso, gravamos em áudio alguns poemas em ritmo de *rap*, que foram divulgados para a comunidade. Assim, os alunos tiveram a *quem dizer*.

Desse modo, tornamos o ensino da língua significativo. Os alunos se apropriaram do conceito de texto como meio de nos comunicarmos e interagirmos com quaisquer interlocutores, em quaisquer situações, sabendo que é possível adequar a linguagem à situação que estivermos vivenciando.

Importava-nos provocar a reflexão e uma mudança na postura dos nossos alunos. Desejávamos, especialmente, que percebessem o modo de funcionamento da língua e o quanto o domínio dela pode dar acesso a outros conhecimentos e a bens materiais e imateriais. Para isso, não é necessário aprender outra língua nem desprestigiar o linguajar das pessoas. Basta aprender suas possibilidades de uso, sem estigma ou preconceito contra os diversos modos de falar, e compreender que a língua é variável e um meio de identificação cultural e social das pessoas.

Nossos alunos também compreenderam que ser um leitor crítico é ser ativo diante da leitura, atuar nas situações de interlocução leitor/autor/texto, ativar conhecimentos obtidos em outros textos, lidos em outras ocasiões. Além, claro, de questionar, opinar, duvidar, posicionar-se. Ademais, eles entenderam que é com a prática constante de leitura que poderão aprender cada vez mais e sempre.

Bazerman e Miller (2011, p. 40-41) afirmam o seguinte:

O ensino de língua consiste em ajudar o aluno a se tornar um tipo de usuário mais habilidoso, flexível e versátil da língua escrita e falada; trata-se, portanto, do desenvolvimento linguístico do aluno através da interação em diversos contextos com tarefas que representem variados desafios. Portanto, ensinar uma língua é ensinar uma arte às pessoas.

Desenvolver este trabalho foi um desafio para todos nós – professora e alunos –, pois tivemos de nos tornar mais maleáveis, mais sensíveis às mudanças que iam surgindo e ressignificar o espaço da sala de aula, a fim de devolver aos alunos e a nós mesmos o sentido e as razões de estar na escola. Podemos dizer que não somos mais os mesmos.

No que diz respeito à nossa prática, já não conseguimos desvinculá-la da teoria, nem deixaremos de ser interlocutores dos alunos. Sempre lhes

concederemos o direito de falar e posicionar-se, pois escutar os alunos é o primeiro passo para o sucesso de qualquer proposta de intervenção pedagógica.

Logo, o que projetamos para o futuro é continuar desenvolvendo projetos nessa perspectiva intervencionista, de reflexão-ação, teoria e prática, envolvendo mais turmas e mais alunos, pois a satisfação de ver o empenho e motivação deles na realização das atividades, de vê-los emocionados e também nos emocionarmos com eles vale todo o esforço despendido num trabalho dessa natureza.

Além do mais, constatamos nos textos dos alunos que houve uma melhora considerável na aprendizagem e que eles avançaram de simples espectadores para participantes atuantes e críticos tanto no espaço da sala de aula quanto em seu contexto social.

Nosso percurso não foi fácil. Não encontramos respostas para algumas indagações, mas percebemos que é possível desenvolver um trabalho significativo, com bons resultados, desde que consigamos compreender o rumo que estão tomando, que rumo queremos que tomem, que motivações podem conduzi-los até lá e que tipos de interação podemos planejar para tornar possível essa jornada (BAZEMAN; MILLER, 2011, p. 47). Ademais, percebemos que são as inquietações que nos movem. Do mesmo modo, a satisfação dos alunos e os relatos do quanto foi importante para eles participar das atividades confirmaram para nós que desenvolver o projeto interventivo também fez sentido para eles. Dentre os relatos, destacamos este: `Essa aula de poesia foi importante para mim porque a professora que fala \_ .

Por fim, apresentamos este outro relato insistindo nos jovens \_ .antão são importantesfe, muitas vezes, determinantes no sucesso ou no fracasso escolar de nossos alunos. Vimos que apenas uma palavra de encorajamento, de incentivo pode fazer a diferença entre desistir de sonhos e objetivo ou prosseguir. Temos consciência da importância e da influência que nós, educadores, exercemos na vida de nossos alunos. Isso faz de nós pessoas e profissionais melhores.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-47.
- ANTUNES, Arnaldo. O silêncio. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91708/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- \_\_\_\_\_. Práticas pedagógicas para o desenvolvimento da escrita. In: COELHO, F. A.; PALOMANES, R. (Orgs.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-21.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARÃO VERMELHO. Meus bons amigos. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/barao-vermelho/44425/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- BAZERMAN, Charles; MILLER, Carolyn. Gêneros textuais. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. (Orgs.). **Bate-papo acadêmico**. v. 1. Recife: Núcleo de Investigações sobre Gêneros Textuais, 2011, p. 77.
- BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 245-285.
- BEZERRA, Cleumisse Maria Barbosa. **Paranatinga** - Mato Grosso - O resgate de uma trajetória de lutas. Goiânia: Kelps, 2009.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 39-49.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 49-75.

COELHO, F. A.; PALOMANES, R. (Orgs.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016.

COSTA, Nelson Barros da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 117-132.

DEQUINHA, Andreia. Análise de música. 2 nov. 2011. Disponível em: <<http://arteemanhasdalingua.blogspot.com.br/2011/11/analise-de-musica.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Conversas entre textos. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne (Orgs.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 103-113.

DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ESCOLA ESTADUAL APOLÔNIO BOURET DE MELO. **Projeto Político-Pedagógico (PPP)**. Paranatinga: Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, 2017. (Documento interno da escola).

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **Produzir textos na educação básica**: o que saber, como fazer. São Paulo: Parábola, 2015.

\_\_\_\_\_. **De alunos a leitores**: o ensino da leitura na educação básica. São Paulo: Parábola, 2017.

FERREIRA, Alessandra. Lista de músicas para trabalhar em sala de aula. Disponível em: <<http://cafecomhistoriaeeducacao.blogspot.com.br/2012/01/lista-e-musicas-para-trabalhar-em-sala.html>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Cidades de Mato Grosso**: origem e significado de seus nomes. Cuiabá: J.C.V. Ferreira, 1998.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2017.

FRANÇA, Emanuelle Côrrea de. **A produção de paródias**: uma proposta para o ensino de língua portuguesa. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, 2016.

GERALDI, João Wanderley. A presença do texto na sala de aula. In: LARA, Gláucia Muniz Proença (Org.). **Lingua(gem), texto, discurso**: entre a reflexão e a prática. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 13-29.

\_\_\_\_\_. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari de. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 8. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 17-22.

HOLANDA, Chico Buarque de. Bom conselho. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/bom-conselho.html#ixzz2OZu3oisu>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Tradução Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510630&search=mato-grosso|paranatinga>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014a.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. Contexto, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo, Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2015.

LINS, Ivan. Dandara. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/ivan-lins/258960/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

LOS HERMANOS. Videoclipe da música Anna Júlia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=umMlcZODm2k>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas/União da Vitória: Kayganguê, 2005, p. 17-33.

\_\_\_\_\_. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

\_\_\_\_\_. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MATA, Vanessa da. Absurdo. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/vanessa-da-mata/1004442/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso**: novos tempos e espaços para ensinar e aprender a sentir, ser e fazer. Cuiabá: Seduc/MT, 2000.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações curriculares**: concepções para a Educação Básica. Cuiabá: Seduc/MT, 2010.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer. **Orientativo pedagógico 2017**. Cuiabá: Seduc/MT, 2017.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 1. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PEDÓ, Albina. **Rastros da história de Paranatinga**: fatos e fotos. São Paulo: Gráfica Multicolor, 2009.

PEREIRA, Andrea Melo Silva. **Histórias em quadrinhos e variação linguística**: possibilidades metodológicas para a produção textual. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, 2016.

REIS, Nando. De repente. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/nando-reis/1786130/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

RUSSO, Renato. Monte Castelo. In: Álbum Quatro Estações. 1987. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/renato-russo/176305/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

SANT'ANNA, Afonso. **Paródia, paráfrase & cetera**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

SANTOS, Leonor Werneck; TEIXEIRA, Cláudia Souza. Correção e avaliação de textos. In: COELHO, Fábio André; PALOMANES, Roza (Orgs.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 23-41.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SE A ESCOLA fosse uma orquestra. Disponível em: <<http://blogscmdpii.com.br/infantil/texto-de-reflexao-se-a-escola-fosse-uma-orquestra/>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

SILVA, Rita da. **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: IBPEX, 2009.

SKANK. Te ver. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/skank/36663/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do *rap* no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TOQUINHO. Aquarela. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/toquinho/49095/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

UNIDADE RACIAL. Lágrimas de uma mãe. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/unidade-racial/lagrimas-de-uma-mae.html>> Acesso em: 22 maio 2017.

VERCILLO, Jorge. Homem Aranha. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/jorge-vercillo/63282/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

WATTPAD. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/wattpad.html>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

WHATSAPP. Disponível em:<<https://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

## ANEXO A - PLANO DE ENSINO

<b>PLANO DE ENSINO</b>
------------------------

**1) IDENTIFICAÇÃO**

Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo

Turma: 3º Ciclo/9º Ano - D

Ano Letivo: 2017

Paranatinga, MT

<b>Disciplina</b>	Língua Portuguesa
-------------------	-------------------

<b>Carga Horária Total</b>	45 horas/aula
----------------------------	---------------

<b>Período Letivo</b>	De abril a agosto de 2017
-----------------------	---------------------------

<b>Professora</b>	Cláudia Barros da Costa Schuenquener
-------------------	--------------------------------------

**2) OBJETIVOS****2.1) OBJETIVO GERAL**

Desenvolver as competências linguísticas e discursivas dos alunos do 9º ano, da Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, por meio da produção de paródias musicais como um espaço que possibilite a leitura e a escrita.

**2.2) OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

¿ Oportunizar aos alunos situações de práticas de leitura e escrita, que requeiram a pesquisa, seleção de informações, a reflexão e o posicionamento crítico.

¿ Resignificar o espaço da sala de aula por meio da produção de paródias.

¿ Compreender o gênero paródia, suas características, como ele é constituído e seu modo de circulação.

¿ Contribuir com a produção de leitura, escrita, reescrita e circulação dos textos dos alunos.

¿ Desenvolver a leitura e escrita de paródias e produção de um livro digital e impresso.

¿ Reconhecer as diferentes variedades linguísticas presentes nas modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa.

**3) CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO**

DATA	CONTEÚDO/ATIVIDADE DOCENTE E/OU DISCENTE
1 de abril Das 7h às 11h (sábado) 4h	<b>1ª ETAPA</b> V Reunião na escola com docentes e equipe gestora para apresentação do projeto interventivo. (1h) V Estudo do Orientativo 2017 - Formação Docente na Escola. V Registro em diário de bordo.
5 de abril Das 13h às 15h (quarta-feira) 2h	V Apresentação do projeto à turma em que será desenvolvido. V Registro em diário de bordo.

10 de abril (segunda-feira) 4h	V Preparação dos cadernos com capa temática e nome de cada aluno.
11 de abril Das 13h às 17h (terça-feira) 4h	V Apresentação de eslaides sobre texto, paródia, intertextualidade e a importância da leitura para o desenvolvimento das atividades de escrita. (Atividade programada para ser desenvolvida no Laboratório de Informática, porém, isso não foi possível). V Vídeo sobre paródia e intertextualidade (música Bom Conselho, de Chico Buarque). Escrita da história de leitura dos alunos com base em questões norteadoras. (Atividade concluída em casa). V Registro em diário de bordo.
12 de abril Das 13h às 17h (quarta-feira) 4h	V Participação na aula de Ciências, ministrada no Laboratório de Ciências, a convite do professor e dos alunos. V Orientação para a escrita do relatório da aula no laboratório. V Registro em diário de bordo.
18 de abril Das 13h às 17h (terça-feira) 4h	V Participação nos estudos de Formação Docente na Escola. V Discussão sobre planejamento escolar e gestão de sala de aula (Celso Vasconcellos e José Carlos Libâneo). V Sistematização da avaliação diagnóstica.
24 de abril Das 13h às 17h (segunda-feira) 4h	<b>2ª ETAPA</b> V Regras para grupo no WhatsApp. V Retomada de aspectos importantes do projeto. V Revisão dos conceitos de texto, leitura, paródia e intertextualidade. V Apresentação de videoclipe: 'Amo a escola e música' - Aqu V Escrita da paródia 'Amo a es V Leitura dos cadernos. V Registro em diário de bordo.
25 de abril (terça-feira)	V Criação de grupo no WhatsApp. V Interação com o grupo. V Registro em diário de bordo.
27 de abril Das 13h às 15h (quinta-feira) 2h	<b>3ª ETAPA</b> V Roda de conversa para discussão dos textos dos alunos. (Reflexão sobre a história de leitura). V Registro em diário de bordo.
29 de abril Das 13h às 14h (sábado letivo) 1h	V Atividade extraclasse: ouvir as rádios locais, assistir à TV local e anotar, no caderno do projeto, as notícias da cidade divulgadas nesses veículos de comunicação. V Registro em diário de bordo.
10 de maio Das 13h às 17h (quarta-feira) 4h	<b>4ª a 10ª ETAPAS</b> V Trabalho em equipes para discutir os temas: discriminação e preconceito; preservação da natureza; conflitos; valorização da escola e <i>bullying</i> . V Registro em diário de bordo.

<p>18 de maio Das 13h às 17h (quinta-feira) 4h</p>	<p>V Roda de conversa acerca das primeiras temáticas de cada equipe. V Visita à Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis. V Observação do entorno da escola. V Conselho de classe. V Registro em diário de bordo.</p>
<p>26 de maio (sexta-feira) 1h</p>	<p>V Semana de recuperação. V Interação com o grupo por meio do WhatsApp sobre as atividades extraclasse a serem realizadas. V Registro em diário de bordo.</p>
<p>29 de maio Das 13h às 17h (segunda-feira) 4h</p>	<p>V Apresentação das discussões das primeiras temáticas entre as equipes. V Distribuição da segunda temática de cada equipe: racismo; depressão nos jovens; corrupção; drogas (lícitas e ilícitas); violência e indisciplina na escola. Discussão nas equipes. V Registro em diário de bordo.</p>
<p>30 de maio Das 14h às 17h (terça-feira) 3h</p>	<p>V Socialização das temáticas entre as equipes. V Registro em diário de bordo.</p>
<p>31 de maio Das 13h às 17h (quarta-feira) 4h</p>	<p>V Continuação da socialização dos temas e discussão da temática da campanha municipal sobre queimadas urbanas: <code>` Q u e i m a d a p s a g u e e s s a i d e i a _ .</code> V Confecção de cartazes. V Registro em diário de bordo.</p>
<p>1 de junho Das 13h às 17h (quinta-feira) 3h</p>	<p>V Roda de conversa para socialização das entrevistas com moradores e familiares sobre as melhorias que querem para os bairros/a cidade; V Elaboração de pauta para reunião na Câmara Municipal. V Registro em diário de bordo.</p>
<p>5 de junho Das 13h às 17h (segunda-feira) 4h</p>	<p>V Roda de conversa para fechamento das discussões das temáticas. Socialização entre as equipes. V Sistematização das entrevistas e elaboração de pauta para a reunião com os vereadores. V Elaboração de ofício para Câmara Municipal, solicitando a reunião. V Registro em diário de bordo.</p>
<p>12 de junho Das 13h às 17h (segunda-feira) 4h</p>	<p>V Leitura e audição de músicas e videoclipes (três músicas). V Oficina de escrita de paródias. V Composição de poemas/músicas com as temáticas discutidas, observando rimas. V Entrega do ofício à Câmara. V Registro em diário de bordo.</p>
<p>13 de junho Das 13h às 17h (terça-feira) 4h</p>	<p>V Leitura e audição de músicas e videoclipes (quatro músicas). V Oficina de escrita de paródias. V Composição de poemas/músicas com as temáticas discutidas, observando rimas. V Registro em diário de bordo.</p>

14 de junho Das 14h às 16h (quarta-feira) 2h	<ul style="list-style-type: none"> <li>V Roda de conversa com os vereadores. (Não foi possível nesta data).</li> <li>V Roda de conversa sobre as reivindicações dos moradores dos bairros que foram entrevistados pelos alunos.</li> <li>V Registro em diário de bordo.</li> </ul>
20 de junho Das 14 às 16h (terça-feira) 2h	<ul style="list-style-type: none"> <li>V Roda de conversa com vereadores na Câmara Municipal. Entrega da pauta com as solicitações dos moradores dos bairros onde os alunos residem.</li> <li>V Registro em diário de bordo.</li> </ul>
21 de junho Das 13h às 16h (quarta-feira) 3h	<ul style="list-style-type: none"> <li>V Confecção de cartazes com as temáticas trabalhadas em sala e com os poemas dos alunos.</li> <li>V Oficina de escrita de paródias e poemas.</li> <li>V Elaboração da programação para a participação especial do grupo de <i>rap</i>.</li> <li>V Registro em diário de bordo.</li> </ul>
22 de junho Das 16h às 18h (quinta-feira) 2h	<ul style="list-style-type: none"> <li>V Oficina de escrita de paródias e poemas.</li> <li>V Preparação da sala para a participação especial do grupo de <i>rap</i>.</li> </ul>
23 de junho Das 13h às 18h (sexta-feira) 5h	<ul style="list-style-type: none"> <li>V Evento com o grupo de <i>rap</i> A Banca Família da Fé - FDF, de Cuiabá e Campo Verde. Trabalho com rimas/poemas e musicalidade.</li> <li>V Registro em diário de bordo.</li> </ul>
26 de junho Das 13h às 15h (segunda-feira) 2h	<ul style="list-style-type: none"> <li>V Roda de conversa para avaliação do evento com o grupo de <i>rap</i>.</li> <li>V Registro em diário de bordo.</li> </ul>
30 de junho (sexta-feira)	V Orientação presencial, Cuiabá-MT.
03 de julho Das 13h às 15h (segunda-feira) 2h	<ul style="list-style-type: none"> <li>V Oficina de produção de paródias e poemas com as temáticas estudadas.</li> <li>V Divulgação do áudio dos poemas em ritmo de <i>rap</i> no intervalo.</li> </ul>
12 de julho Das 13h às 15h (quarta-feira) 2h	V Oficina de produção de paródias e poemas com as temáticas estudadas. Aprimoramento da escrita.
2 de agosto Das 13h às 15h (quarta-feira) 2h	V Correção dos textos com todos os alunos. Reescrita dos textos.
12 de agosto Das 13h às 15h (sábado) 2h	V Correção dos textos com todos os alunos. Reescrita dos textos.
15 de dezembro	V Entrega do livro impresso aos alunos.

## ANEXO B - REGISTRO DE ALGUMAS ETAPAS DA INTERVENÇÃO

### Regras para criação do grupo no WhatsApp



Fonte: Arquivo pessoal.

### Cadernos distribuídos aos alunos para as atividades do projeto



Fonte: Arquivo pessoal.

Alunos iniciando o processo de escrita de sua história de leitura



Fonte: Arquivo pessoal.

Participação com os alunos na aula prática no laboratório de ciências



Fonte: Arquivo pessoal.

## Visita à Biblioteca Municipal Machado de Assis



Fonte: Fotos cedidas pela funcionária da Biblioteca Municipal.

## Divulgação da visita dos alunos à Biblioteca Municipal Machado de Assis

Busca do Facebook

https://www.facebook.com/search/top/?q=aparecida costa alves

aparecida costa alves

**Aparecida Costa Alves** adicionou 12 novas fotos.

18 de maio · Paranatinga, Mato Grosso

Visita dos alunos da Escola Apolônio Bouret de Mello. Professoras Cláudia Barros Schuenquener e Cleusineide David Figueiredo Mazucato Obrigado bjs volte sempre. A Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis.

Mais 8

Bate-papo - (21)

13:30

Fonte: Página da funcionária da biblioteca em rede social. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/search/top/?q=aparecida%20costa%20alves>>.

## ANEXO C - VISITA DOS ALUNOS À CÂMARA MUNICIPAL DIVULGADA EM *SITE* DE NOTÍCIAS DA CIDADE

### **Alunos visitam vereadores de Paranatinga para roda de conversa**

*Câmara Municipal de Paranatinga*  
**Escola Apolônio** | 25/06/2017 12:57:14



Alunos da Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, turma do 9º ano D, vespertino, visitaram esta semana a Câmara Municipal, para uma roda de conversa com os vereadores. Os alunos fizeram várias perguntas para os vereadores, tirando suas dúvidas, desde qual o papel dos vereadores até assuntos polêmicos da atualidade. Na oportunidade, os alunos ainda entregaram um ofício com solicitações dos moradores dos bairros onde residem. A ação da escola faz parte de um projeto de leitura da professora de português Cláudia Barros, desenvolvido para um curso de mestrado.







Fonte: Disponível em: <<http://www.paranatinganews.com.br/paranatinga/alunos-visitam-vereadores-de-paranatinga-para-roda-de-conversa/86061032>>.

## ANEXO D - DOCUMENTO ENTREGUE AOS VEREADORES

Senhores vereadores!

Somos alunos da Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, 3º Ciclo/9º Ano D, e na disciplina de Língua Portuguesa, com a professora Cláudia Barros, estamos desenvolvendo um projeto de leitura e escrita, e uma das atividades consistia em realizar uma entrevista com os moradores dos bairros para saber que melhorias querem para tornar o bairro/cidade um lugar mais agradável e com qualidade de vida. Achamos que só discutir o assunto em sala de aula não teria finalidade, então, sugerimos levar as reivindicações até os nossos representantes. Percebemos que as solicitações são praticamente as mesmas, com algumas questões mais específicas em alguns bairros.

Os bairros aqui representados são: Cibrazém, Concórdia, Novo Horizonte, Vida Nova, Vila Nova, Colina Verde, Centro, Rui Barbosa, Flamboyant e Jardim Primavera. As reivindicações foram:

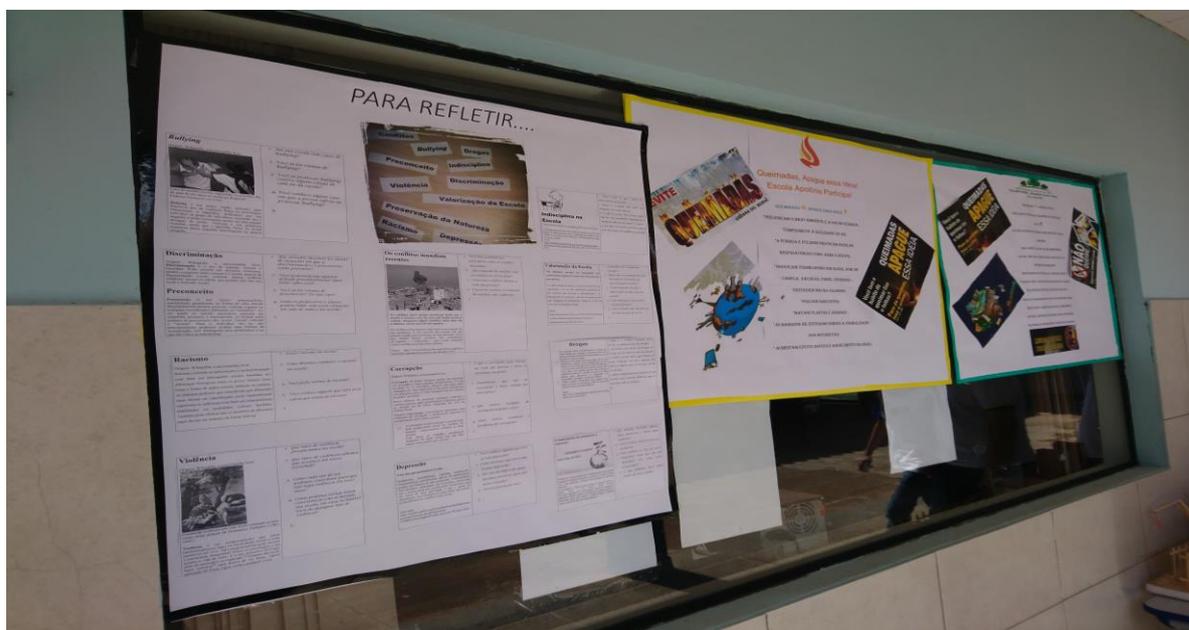
- V Iluminação pública;
- V Coleta de lixo regularmente (tem semana que passa uma vez só e não tem dia específico);
- V Limpeza das ruas e praças;
- V Revitalização das praças dos bairros Concórdia (próximo à Escola 29 de Junho), praça próxima à sorveteria Caribe (limpeza e iluminação), praça bairro Flamboyant (muita sujeira e bancos danificados) com pneus velhos que deixam a praça não atrativa;
- V Esgoto nas ruas (Jd. Primavera);
- V Asfalto na rua principal (Vida Nova), meio fio nas ruas já asfaltadas, aproveitar amplo espaço na entrada do bairro para construir uma praça ou espaço de lazer para os moradores;
- V Espaço Conviver (Concórdia) aproveitar para reuniões, eventos, cursos;
- V Posto de Policiamento Bairro Concórdia (por ser um bairro grande);
- V Mais policiamento nas ruas dos bairros;
- V Ações para coibir a violência urbana (assassinatos, roubos, furtos);

- V Reforma da ponte do Centro-Concórdia e construção de uma passarela para pedestre (um perigo para quem atravessa a pé, de bicicleta ou com carrinho de bebê);
- V Fiscalização e educação no trânsito (menores dirigindo, alta velocidade, desrespeito à faixa de pedestre);
- V Muitos animais nas ruas dos bairros (cachorros e gatos), centro de coleta desses animais para monitoramento e controle (vacinação/castração/adoção);
- V Programa de Saúde da Família dos bairros funcionando (Vila Nova);
- V Promoção de cursos para os jovens (14-17 anos);
- V Cuidados com os rios Paranatinga e Corgão (limpeza das margens e recuperação e preservação das matas ciliares, ações que podem ser desenvolvidas em parceria com a concessionária Águas de Paranatinga e escolas);
- V Ajuda às pessoas que estão morando nas ruas;
- V Visitas constantes dos vereadores aos bairros;
- V Em frente à escola Apolônio, corre uma água constante (Águas de Paranatinga), danificando o asfalto.
- V Construção de ciclovias interligando os bairros mais distantes com o centro da cidade;
- V Sugestão de colocar ajudante para os motoristas nos ônibus escolares (para garantir a segurança dos alunos pequenos).

Agradecemos imensamente o apoio e atenção dos vereadores presentes e desejamos que façam um bom trabalho em prol do nosso município.

## ANEXO E - CONFECÇÃO DE CARTAZES

Cartazes confeccionados pelos alunos com as temáticas discutidas



Fonte: Arquivo pessoal.

## ANEXO F - MÚSICAS TRABALHADAS

### AQUARELA, de Toquinho

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo  
 Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva  
 E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva  
 Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel  
 Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul  
 Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul  
 Pinto um barco a vela branco navegando  
 É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená  
 Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar  
 Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo  
 E se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida  
 Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida  
 De uma América a outra consigo passar num segundo  
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha e caminhando chega no muro  
 E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está  
 E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar  
 Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar  
 Sem pedir licença muda nossa vida  
 Depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá  
 O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar  
 Vamos todos numa linda passarela  
 De uma aquarela que um dia enfim  
 Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
 Que descolorirá  
 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo  
 Que descolorirá  
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo  
 Que descolorirá

Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/toquinho/49095/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**O SILÊNCIO, de Arnaldo Antunes**

antes de existir computador existia tevê  
antes de existir tevê existia luz elétrica  
antes de existir luz elétrica existia bicicleta  
antes de existir bicicleta existia enciclopédia  
antes de existir enciclopédia existia alfabeto  
antes de existir alfabeto existia a voz  
antes de existir a voz existia o silêncio  
o silêncio  
foi a primeira coisa que existiu  
um silêncio que ninguém ouviu  
astro pelo céu em movimento  
e o som do gelo derretendo  
o barulho do cabelo em crescimento  
e a música do vento  
e a matéria em decomposição  
a barriga digerindo o pão  
explosão de semente sob o chão  
diamante nascendo do carvão  
homem pedra planta bicho flor  
luz elétrica tevê computador  
batedeira, liquidificador  
vamos ouvir esse silêncio meu amor  
amplificado no amplificador  
do estetoscópio do doutor  
no lado esquerdo do peito, esse tambor

Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91708/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**ABSURDO, de Vanessa da Mata**

Havia tanto pra lhe contar  
A natureza  
Mudava a forma o estado e o lugar  
Era absurdo  
Havia tanto pra lhe mostrar  
Era tão belo  
Mas olhe agora o estrago em que está  
Tapetes fartos de folhas e flores  
O chão do mundo se varre aqui  
Essa ideia do natural ser sujo  
Do inorgânico não se faz  
Destruição é reflexo do humano  
Se a ambição desumana o Ser  
Essa imagem infértil do deserto  
Nunca pensei que chegasse aqui  
Autodestrutivos,  
Falsas vítimas nocivas?  
Havia tanto pra aproveitar  
Sem poderio  
Tantas histórias, tantos sabores  
Capins dourados  
Havia tanto pra respirar  
Era tão fino  
Naqueles rios a gente banhava  
Desmatam tudo e reclamam do tempo  
Que ironia conflitante ser  
Desequilíbrio que alimenta as pragas  
Alterado grão, alterado pão  
Sujamos rios, dependemos das águas  
Tanto faz os meios violentos  
Luxúria é ética do perverso vivo  
Morto por dinheiro  
Cores, tantas cores  
Tais belezas  
Foram-se  
Versos e estrelas  
Tantas fadas que eu não vi  
Falsos bens, progresso?  
Com a mãe, ingratidão  
Deram o galinheiro  
Pra raposa vigiar

Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/vanessa-da-mata/1004442/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**DE REPENTE, de Skank**

Olhei, não via ela há muito tempo  
Ah! Quanto tempo faz? Nem me lembro mais  
Então, pensei na vida que há algum tempo eu deixei pra trás  
Não me deixa em paz, se não  
Por quê?  
Ainda aquele tempo dentro  
Entra e sai  
Volta, vem e vai, sem acabar  
Mas tempo passou  
O tempo passou!  
E agora eu sei  
O que eu passei cantei  
Contei, estrelas mil no firmamento  
Vão brilhar, depois apagar irão  
Chorei as lágrimas correndo como nos cristais  
Fogo dos vitrais pagãos  
Não é solidão  
Amar e desejar a vida que não deu as mãos  
Mas vai dentro da gente  
Como explosão no ar, como um furacão no mar  
De repente você voltou assim  
Eu preciso mais, eu preciso?  
Eu preciso mais, eu preciso?

Fonte: Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/nando-reis/1786130/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**DANDARA, de Ivan Lins e Francisco Bosco**

Ela tem nome de mulher guerreira  
E se veste de um jeito que só ela  
Ela vive entre o aqui e o alheio  
As meninas não gostam muito dela

Ela tem um tribal no tornozelo  
E na nuca adormece uma serpente  
O que faz ela ser quase um segredo  
É o ser ela assim, tão transparente

Ela é livre e ser livre a faz brilhar  
Ela é filha da terra, céu e mar  
Dandara

Ela faz mechas claras nos cabelos  
E caminha na areia pelo raso  
Eu procuro saber os seus roteiros  
Pra fingir que a encontro por acaso

Ela fala num celular vermelho  
Com amigos e com seu namorado  
Ela tem perto dela o mundo inteiro  
E à volta outro mundo, admirado

Ela é livre e ser livre a faz brilhar  
Ela é filha da terra, céu e mar  
Dandara

Fonte: Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/ivan-lins/258960/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**HOMEM-ARANHA, de Jorge Vercillo**

Eu adoro andar no abismo  
Numa noite viril de perseguição  
Saltando entre os edifícios  
Vi você  
Em poder de um fugitivo  
Que cercado pela polícia  
Te fez refém lá nos precipícios  
Foi paixão à primeira vista  
Me joguei de onde o céu arranha  
Te salvando com a minha teia  
Prazer, me chamam de Homem-Aranha  
Seu herói  
Hoje o herói aguenta o peso  
Das compras do mês  
No telhado, ajeitando a antena da tevê  
Acordado a noite inteira pra ninar bebê  
Chega de bandido pra prender  
De bala perdida pra deter  
Eu tenho uma ideia:  
Você na minha teia  
Chega de assalto pra impedir,  
Seja em Brasília ou aqui  
Eu tive a grande ideia:  
Você na minha teia  
Hoje eu estou nas suas mãos  
Nessa sua ingênua sedução  
Que me pegou na veia  
Eu to na tua teia.

Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/jorge-vercillo/63282/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**MEUS BONS AMIGOS, de Barão Vermelho**

Meus bons amigos, onde estão?  
Notícias de todos quero saber  
Cada um fez sua vida de forma diferente  
Às vezes me pergunto: Malditos ou inocentes?  
Nossos sonhos, realidades  
Todas as vertigens, crueldades  
Sobre nossos ombros aprendemos a carregar  
Toda a vontade que faz vingar  
No bem que fez pra mim  
Assim, assim, me fez feliz, assim  
O amor sem fim  
Não esconde o medo  
De ser completo e imperfeito  
Meus bons amigos, onde estão?  
Notícias de todos quero saber  
Sobre nossos ombros aprendemos a carregar  
Toda a vontade que faz vingar  
No bem que fez pra mim  
Assim, assim, me fez feliz, assim  
O amor sem fim  
Não esconde o medo  
De ser completo e imperfeito  
O amor sem fim  
Não esconde o medo  
De ser completo e imperfeito

Fonte: Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/barao-vermelho/44425/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

**TE VER, de Skank**

Te ver e não te querer  
É improvável, é impossível  
Te ter e ter que esquecer  
É insuportável, é dor incrível

É como mergulhar no rio  
E não se molhar  
É como não morrer de frio  
No gelo polar

É ter o estômago vazio e não almoçar  
É ver o céu se abrir no estio  
E não se animar

Te ver e não te querer  
É improvável, é impossível  
Te ter e ter que esquecer  
É insuportável, é dor incrível

É como esperar o prato  
E não salivar  
Sentir apertar o sapato  
E não descalçar  
É ver alguém feliz de fato  
Sem alguém pra amar  
É como procurar no mato  
Estrela do mar

Te ver e não te querer  
É improvável, é impossível  
Te ter e ter que esquecer  
É insuportável, é dor incrível

É como não sentir calor em Cuiabá  
Ou como no Arpoador não ver o mar  
É como não morrer de raiva  
Com a política  
Ignorar que a tarde vai vadiar e mítica

É como ver televisão  
E não dormir  
Ver um bichano pelo chão  
E não sorrir

E como não provar o néctar  
de um lindo amor  
Depois que o coração detecta  
A mais fina flor

Te ver e não te querer  
É improvável, é impossível  
Te ter e ter que esquecer  
É insuportável, é dor incrível

Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/skank/36663/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

## ANEXO G - FÔLDER DO EVENTO COM O GRUPO DE RAP

**COLABORADORES**

Participação  
Especial  
Grupo de RAP:  
A BANCA  
FDF de Cuiabá  
e Campo Verde.  
José Vicente  
Pereira

TURMA 3º CICLO/9º ANO, D



# A paródia como possibilidade de leitura e escrita

**Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo**

23 de junho de 2017, às 13h  
Paranatinga - MT

## Programação

**Abertura às 13h –**  
Apresentação da BANCA  
FDF e da Turma 3º  
Ciclo/9º Ano D.

**13h15 – Roda de Conversa**  
sobre as temáticas:  
Bullying,  
Drogas/Violência,  
Valorização da Escola e  
dos Estudos e Racismo.

**14h – Apresentação de**  
músicas da Banca.

**14h20 – Oficina de**  
Paródias/Rap tendo como  
texto-base as temáticas  
abordadas.

**15h10 – Trabalho com a o**  
ritmo e a poesia na  
produção das  
Paródias/Rap.

**16h – Apresentação das**  
Composições  
(paródias/rap).

**16h30 – Momento de**  
interação dos alunos com a  
Banca e autógrafos.  
Avaliação da oficina;  
Coffee break.

**17h – Encerramento.**

Professora: Cláudia Barros da Costa Schuenquener

## Temáticas

### **Bullying**

Ato de violência física ou psicológica intencionais e repetidos. Causa dor, sofrimento, depressão, falta de vontade de estudar e ir para a escola. Bullying não é brincadeira e deixa marcas profundas nas pessoas atingidas. Respeito ao próximo e Valorização da Vida!

### **Drogas/Violência**

A Escola e a Família são os melhores caminhos para livrar os jovens das drogas. Drogas geram Violência. Não entre nessa!

### **Valorização da Escola e dos Estudos**

Respeito aos colegas e professores; interesse pelos estudos; cuidado com a escola; apoio familiar. Podemos mudar a nossa história por meio da educação. Resgatar valores como solidariedade, respeito às diferenças, tolerância. Investir nos sonhos!

### **RACISMO**

Baseado na intolerância às diferenças biológicas entre os povos. Muito presente em nossa sociedade e escola e devemos combater qualquer forma de preconceito e discriminação.

## ANEXO H - FOTOS DA PARTICIPAÇÃO DA BANCA FAMÍLIA DA FÉ - FDF



